



καιρός | kairós

Boletim do Centro de Estudos em
Arqueologia, Artes e Ciências do
Património

N.º 14. Especial **LandCRAFT**

CEAACP - UC/CAM/UALG

FICHA TÉCNICA

Título καιρός | kairós. Boletim do Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património | **N.º 14 Especial LandCRAFT**

Editores do volume L. Bacelar Alves | S. Gomes

Equipa Editorial J. Alves-Ferreira | L. Bacelar Alves | P. Silva | S. Gomes

Imagem de capa ©LandCRAFT

Edição CEAACP

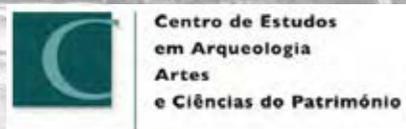
ISSN 2184-7193

DOI https://doi.org/10.14195/2184-7193_14

Suporte Digital | **Formato** PDF

Contactos ceaacp@uc.pt

Financiamento



Coimbra | Mértola | Faro, Outono 2024

ÍNDICE

EDITORIAL ... 1

LANDCRAFT. BREVE APRESENTAÇÃO DO PROJETO ... 5

O CORPUS DA ARTE DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE DO VALE DO CÔA ... 25

ESCAVAÇÃO DE SÍTIOS E PROSPEÇÃO NAS IMEDIAÇÕES DE ROCHAS COM ARTE RUPESTRE ... 47

CARACTERIZAÇÃO E CONSERVAÇÃO DOS SÍTIOS COM ARTE RUPESTRE ... 63

GESTÃO E VALORIZAÇÃO PÚBLICA DOS ABRIGOS COM ARTE RUPESTRE ... 83

SIG ... 89

ESTRATIGRAFIA E PALEOAMBIENTE EM LAPAS CABREIRAS ... 95

A CERÂMICA PRÉ-HISTÓRICA DE LAPAS CABREIRAS ... 105

FERRAMENTAS, PARA QUE VOS QUERO? ... 123

BASES DE DADOS ... 137

PRÁTICAS DE INTERAÇÃO E SOCIALIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL ... 143

DOCUMENTÁRIO, ARQUIVO E DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DE PESQUISA ... 159

EDITORIAL

L. BACELAR ALVES | S. GOMES

Archaeologists are not heroes who overcome great adversity to discover facts about the past; nor do they merely act as detectives gathering the facts of the past assembling them like so many pieces of a puzzle. Rather **archaeologists craft facts out of a chaotic welter of conflicting and confused observations**; they modify them and reformulate them out of existing knowledge.

Michael Shanks & Randall McGuire, 1996, H. The Craft of Archaeology, *American Antiquity*, 61(1): 78-79

Neste volume da Kairós retomamos um texto de apresentação do **LandCRAFT**, publicado em 2020. Os contributos que compõem o presente número estão centrados nas suas tarefas de investigação, partilhando os diferentes objetos de estudo contemplados na pesquisa e os múltiplos métodos de análise desenvolvidos. Cada texto procura explicar as questões que subjazem ao projeto, as ferramentas de que arqueologia – enquanto ofício – dispõe para as responder, as vivências proporcionadas pelas diferentes atividades e as comunidades que se geram em torno desta investigação que é, intrinsecamente, científica e social.

A diversidade dos modos de trabalhar e a multiplicidade de questões decorre do facto do Côa encerrar uma densa e caótica paisagem de memórias de todos os tempos, cujos sentidos desafiam a um desdobramento de olhares e perspetivas. Com este volume pretende-se mostrar que o **LandCRAFT** parte da vontade

de compreender este entrelaçamento de tempos, imagens, pessoas... e que, nesta condição, foi forjado na interseção de múltiplos ofícios que procuram acompanhar a infinidade da paisagem.

Da leitura destes 12 textos surge a imagem do **LandCRAFT** como um cruzamento de saberes orientado para ampliar os horizontes de compreensão da arte da Pré-história Recente do vale do Côa. Como se verá, cada tarefa revela um cuidado particular para com a singularidade das figuras pintadas nas rochas; um cuidado com o qual se procura conhecer o seu contexto sociocultural, tratar da sua preservação para o futuro e valorizar o seu lugar na grandiosidade desta geografia humana e natural. Com estas múltiplas valências procura-se também que o projeto se mantenha em aberto e que a arte pré-histórica – no segredo da sua diferença – continue a interpelar o nosso olhar e a suscitar novos ofícios.

Nota

Este volume começou a ser organizado pela mão da Lara, sem que lhe tenha sido possível participar na sua conclusão. Porém, estando definidos os seus traços gerais, todos aqueles que participam no volume cuidaram de concretizar esta ideia de ter um registo sobre as diferentes tarefas (ou “crafts”) do **LandCRAFT**. No que diz respeito ao texto de apresentação do projeto, assinado apenas pela Lara, foi elaborado a partir dos seus apontamentos para comunicações acerca da progressão dos trabalhos, privilegiando-se, assim, as suas próprias palavras e o seu modo de nos inspirar.



Participam neste volume:

Ainé Francos Golán | [EcoPast](#), Universidade de Santiago de Compostela

Ana Cristina Araújo | [Património Cultural, IP - LARC](#) | [UNIARQ](#) | [InBIO / BIOPOLIS / CIBIO](#)

António Batarida Fernandes | [CEEACP](#) – Universidade de Coimbra

Antonio Martínez Cortizas | [EcoPast](#), Universidade de Santiago de Compostela

Bárbara Carvalho | [CEEACP](#) – Universidade de Coimbra

Beatriz Comendador-Rey | [GEAAT](#) – Universidade de Vigo

Clara Veiga Rilo | [EcoPast](#), Universidade de Santiago de Compostela

Cristina Gameiro | [UNIARQ](#) - FLUL

Fernando Carrera | RAC, Rock Art Conservation and Management

Hannah Sackett | Universidade de Bath

Isabel Maria Almeida Fonseca | Universidade de Coimbra

João Muralha | [CHAM-FCSH-UNL](#)

José Santiago Pozo-Antonio | [CINTECX](#), grupo GESSMin, DERNMA, Dpto. de Enxenia dos Recursos Naturais e Medio Ambiente, Escola de Enxenia de Minas e Enerxia, Universidade de Vigo

Lara Bacelar Alves | [CEEACP](#) – Universidade de Coimbra

Mário Reis | [Fundação Côa Parque](#) | [CEEACP](#) – Universidade de Coimbra

Marta Colmenares Prado | [EcoPast](#), Universidade de Santiago de Compostela

Mohamed Traoré | [EcoPast](#), Universidade de Santiago de Compostela

Olalla López Costas | [EcoPast](#), Universidade de Santiago de Compostela

Pablo Barreiro | [EcoPast](#), Universidade de Santiago de Compostela

Sérgio Gomes | [CEEACP](#) – Universidade de Coimbra

Susana Soares Lopes | [CEEACP](#) – Universidade de Coimbra

Teresa Rivas | [CINTECX](#), grupo GESSMin, DERNMA, Dpto. de Enxenia dos Recursos Naturais e Medio Ambiente, Escola de Enxenia de Minas e Enerxia, Universidade de Vigo

Teresa Silva | Investigadora Independente

Vera Caetano | [CEEACP](#) – Universidade de Coimbra

Zaira García López | [EcoPast](#), Universidade de Santiago de Compostela





LandCRAFT

Breve apresentação do projeto

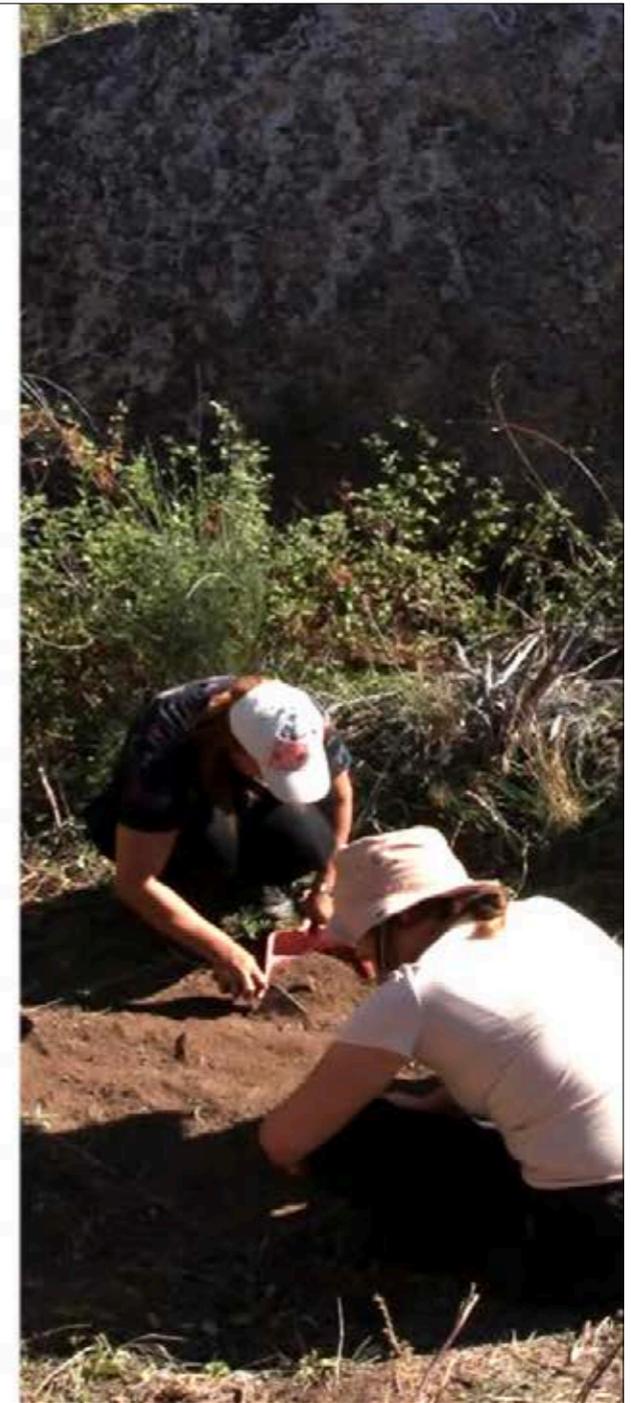
Lara Bacelar Alves



LandCRAFT

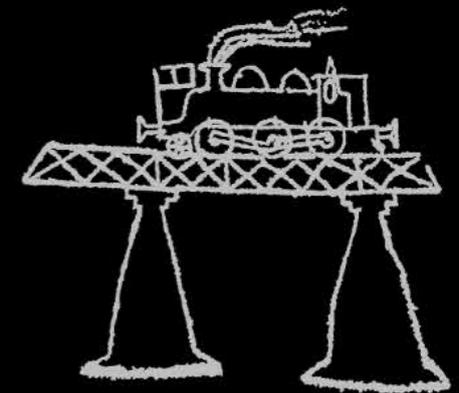
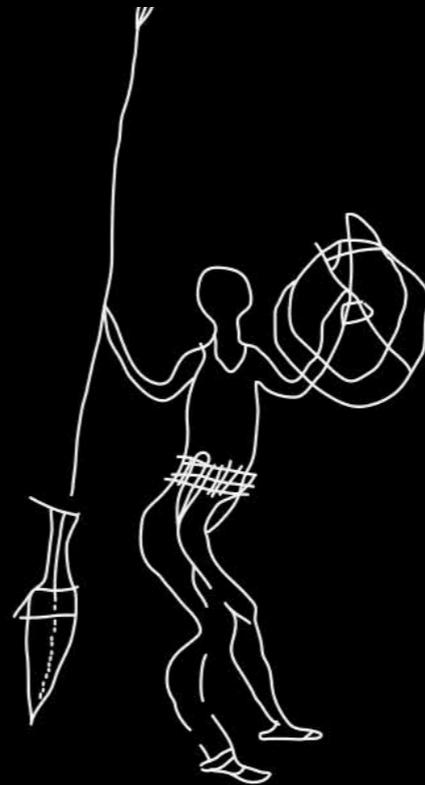
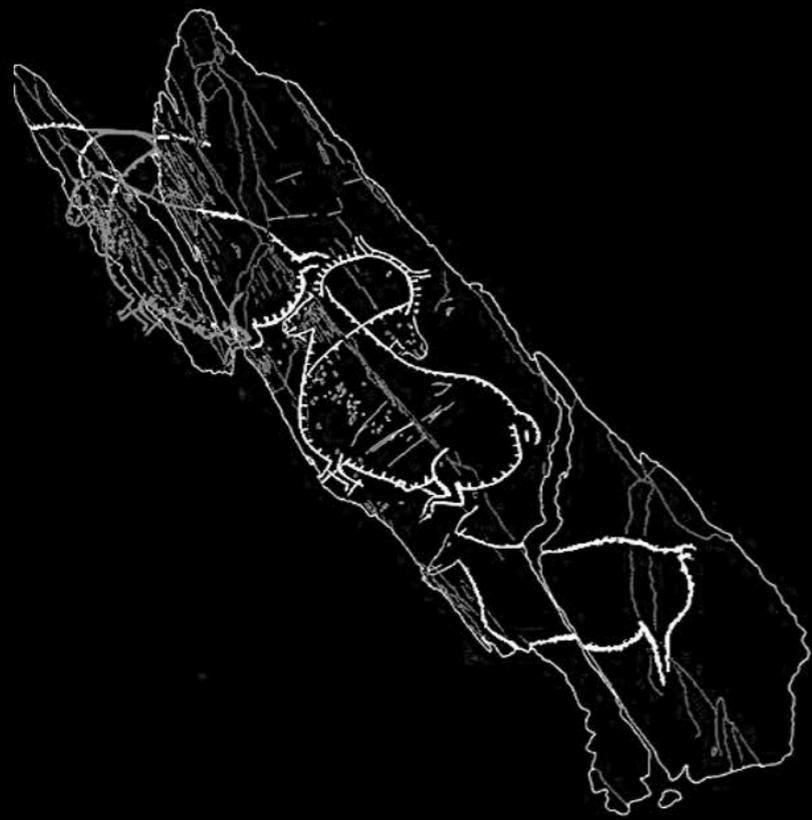


PASSADO | PRESENTE | FUTURO



O **LandCRAFT** procura pensar a relação simbiótica entre a experiência humana e o mundo natural, no tempo longo, tendo o arqueólogo como mediador entre o passado e

presente, na procura dos significados da arte, dos lugares e da paisagem, das vivências (e formas de sobrevivência) das comunidades humanas.



Pleistoceno

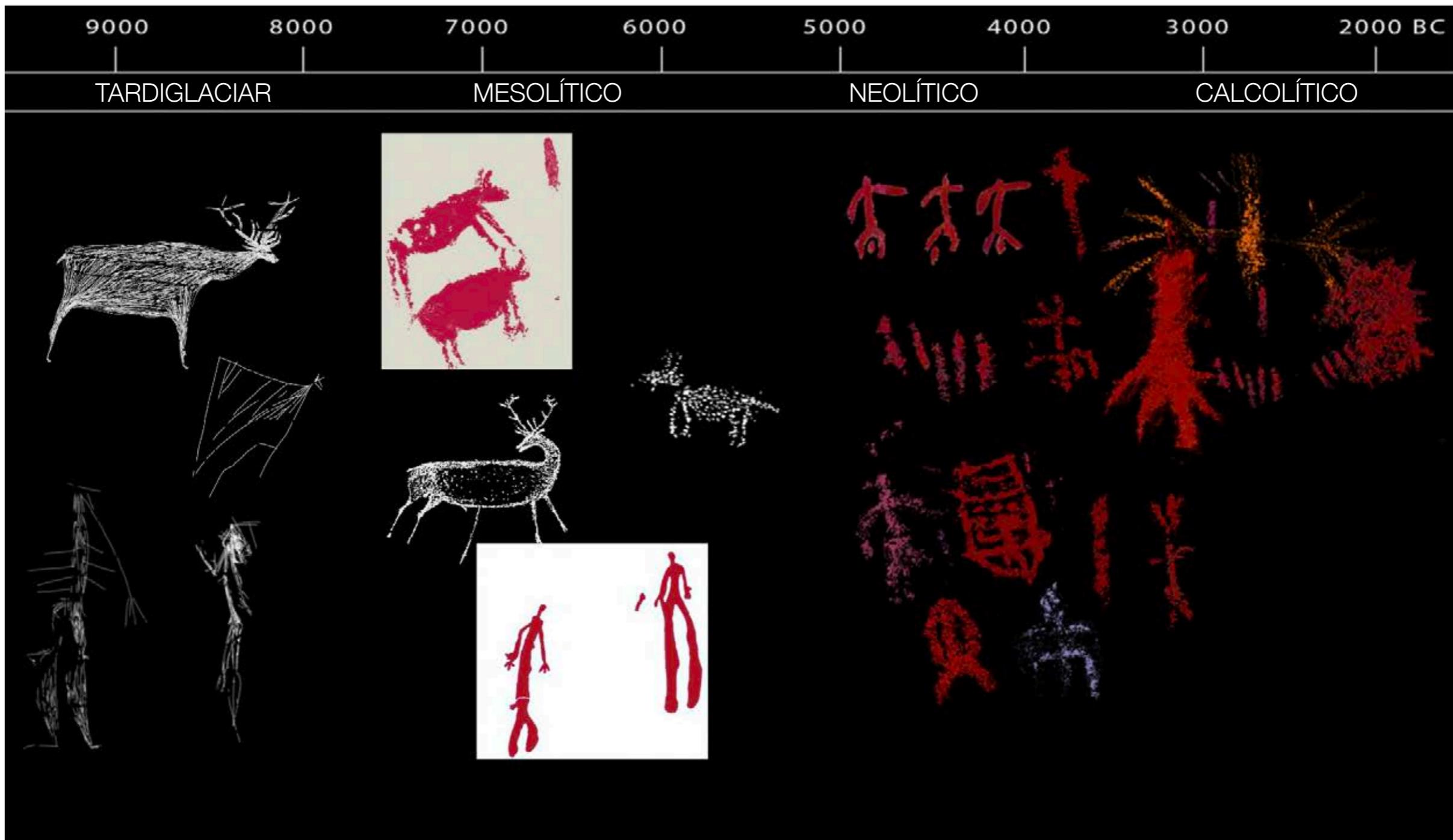
Holoceno

O projeto tem como um dos seus principais objetivos redigir um novo capítulo sobre a história da arte do Côa, através do estudo de duas tradições artísticas ainda escassamente

sistematizadas que sucedem imediatamente aos grandes ciclos paleolíticos e precedem os bem conhecidos conjuntos de arte da Idade do Ferro e de Época Moderna.

Apesar de menos conhecido, é um ciclo que abarca um momento verdadeiramente crítico e transformador da Humanidade porque nos remete para as últimas comunidades de caçadores-recolectores, descendentes das Paleolíticas, em processo de adaptação às alterações

climáticas do pós-glaciar, e que, em dado momento, darão os primeiros passos na produção dos seus próprios recursos, com a adoção da pastorícia e cultivo de cereais, anunciando o mundo tal como hoje o conhecemos.





Rocha 1 do Ervideiro.



Abrigo 1 do Colmeal.

Todo este processo teve repercussões nas formas de interação com o mundo natural, com continuidades e descontinuidades relativamente aos seus antecessores, visíveis na cultura material e na arte. Os primeiros indícios destas mudanças surgem com a paulatina quebra da quase hegemonia da representação de figuras animais que tipifica a arte paleolítica, com a presença mais assídua de figuras humanas, de traço subnaturalista, quer isoladas – umas vezes representadas como se fossem sombras projetadas num plano – quer em interação próxima com animais. A arte dos

últimos caçadores-recolectores traz-nos retratos que quase podemos imaginar da vida quotidiana e uma maior diversidade narrativa. Com o advento da agricultura no 5º milénio AC, dissemina-se uma nova tradição artística, aparentemente associada às inovações neolíticas (como a cerâmica ou a pedra polida): a chamada Arte Esquemática, tipificada pela representação da figura humana reduzida aos seus traços mais elementares, em associação a figuras geométricas várias.

O projeto procura compreender as formas como a paisagem, a terra (*land*) foi entendida e trabalhada (*crafted*) no tempo longo, procurando responder a diferentes questões.

- Como podemos caracterizar a arte dos últimos caçadores-recolectores do Côa? Qual a relação entre esta e a Arte Esquemática do Neolítico?
- As sequências diacrónicas propostas para a Arte Esquemática relacionam-se com as dinâmicas sócio-culturais e estratégias de ocupação da paisagem, desde a emergência à consolidação das sociedades agrícolas?
- Em que medida as transformações climáticas regionais ocorridas na transição Pleistoceno - Holoceno criaram as condições para a adopção da agricultura?

- Quais os processos subjacentes à criação artística? Quais as diferenças entre as pinturas subnaturalistas e de Arte Esquemática em termos técnicos e das matérias-primas utilizadas?
- Quais as abordagens mais favoráveis à promoção do envolvimento da população local e do público em projectos/eventos de Arqueologia Pública associados à investigação da arte rupestre?

Esta última questão prende-se com a importância da socialização do conhecimento científico enquanto estratégia de preservação e valorização do vale do Côa enquanto repositório vivo de memórias.



The archaeologist is one of contemporary society's storytellers.

Michael Shanks & Randall McGuire, 1996, H. The Craft of Archaeology, *American Antiquity*, 61(1): 82-83



O **LandCRAFT** não está orientado para a documentação da arte rupestre mas para o estudo do *modus vivendi* das comunidades responsáveis pela sua criação. Deste modo, apresenta uma estratégia de investigação que concilia tarefas centradas em diferentes aspetos da complexa realidade em estudo, a saber:

- A produção do corpus da arte da Pré-história Recente, utilizando novas tecnologias de registo;
- A realização escavações arqueológicas realizadas em sítios com arte rupestre;

- O desenvolvimento de análises físico-químicas de pigmentos;
- O diagnóstico de conservação e criação de Planos de Gestão Patrimonial;
- A realização de estudos paleoambientais.

O projeto contempla também diferentes atividades de disseminação, numa óptica de permuta de saberes com as comunidades locais no sentido de criar novas histórias e memórias sobre a relação entre os lugares, a arte e paisagem.

Importa reiterar que o vale do Côa é um dos raros sítios da Europa Ocidental onde podemos investigar este *continuum* temporal da mais antiga arte da humanidade, distinguindo-se dos demais por deter um substrato paleolítico único e bem estudado, o que nos permite contribuir para uma célere diversificação e renovação do conhecimento sobre a arte do

Côa e sua disseminação. A nossa abordagem procura então pensar o tempo longo (6 mil anos), valorizando os períodos de transição (social, cultural, ambiental) que nos permitem olhar para trás e para a frente na linha do tempo, avaliando em paralelo as continuidades e as ruturas decorrentes da adoção de inovações.





Em contraste com um enquadramento temporal fluido, temos como elemento fixo esta paisagem, que é verdadeiramente o repositório, a guardiã, do nosso longo devir com os sítios com arte rupestre a atuar como âncoras de memória. Isto porque desde o momento que uma formação rochosa foi eleita para receber um conjunto de imagens emanadas de um sistema de crenças particular, eleva-se à categoria de lugar (como as

nossas capelas rurais) que, mesmo depois do tempo o ter silenciado do seu significado original, ganhou, em cada época, novos nomes, novos sentidos, assistiu à passagem de gentes de muitas gerações, a construções que se ergueram em seu redor e pereceram e, nalguns casos, à própria transformação da sua arquitetura natural e das texturas das suas superfícies.

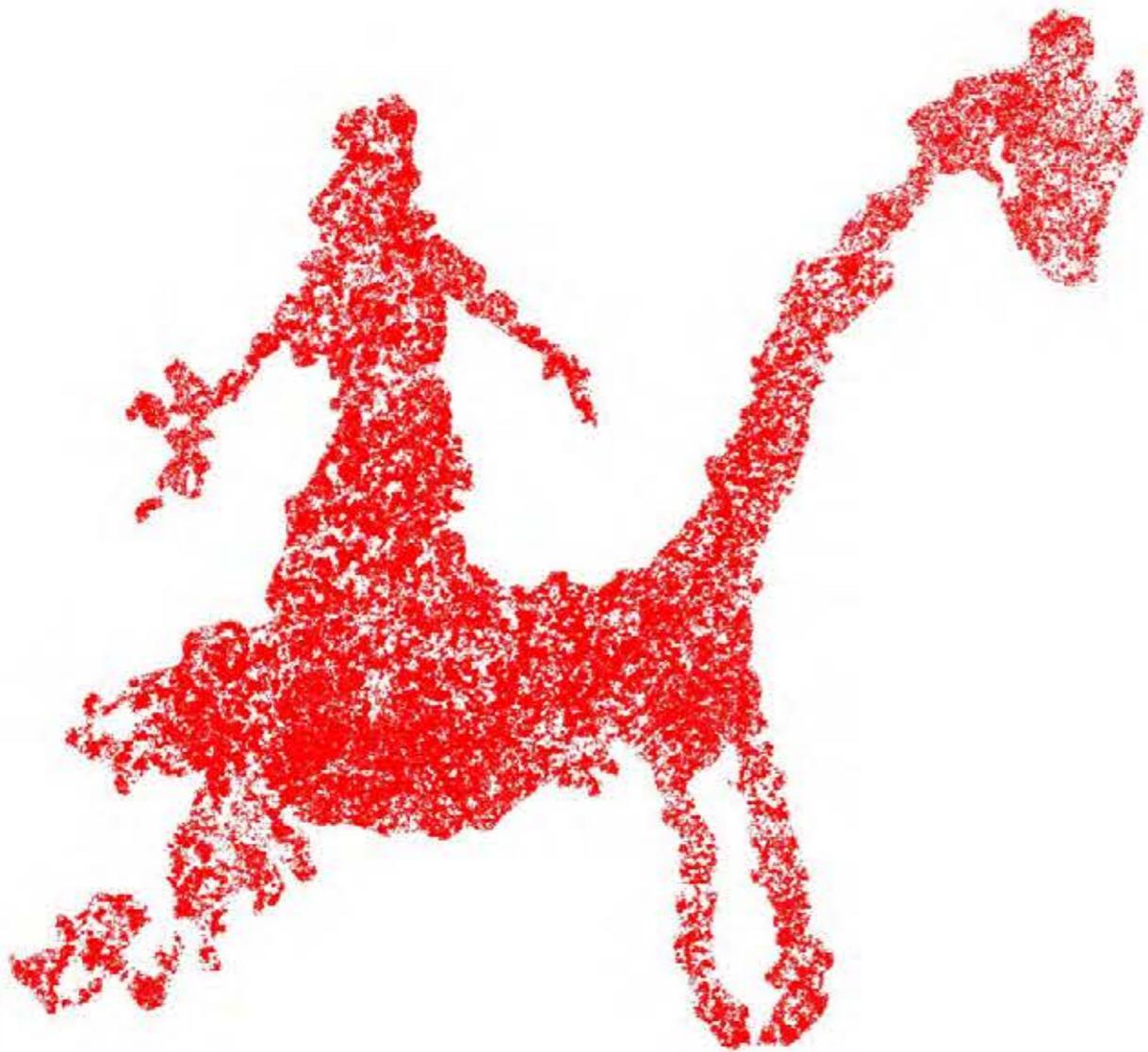
No logotipo do **LandCRAFT**, a paisagem surge como elemento estruturante da vivência das comunidades que sucessivamente herdaram uma terra impregnada com as marcas de outras eras...

É uma imagem que nos remete para o tempo longo, esse tempo em que a passagem de vidas individuais se torna quase impercetível não fossem estas imagens que, com gestos simples, se fixaram na pedra.



Land**CRAFT**





O corpus da arte da Pré-história Recente do vale do Côa

Mário Reis | Lara Bacelar Alves

Num projecto dedicado ao estudo da arte rupestre pré-histórica pós-paleolítica do vale do Côa, no âmbito temporal menos abundante no imenso complexo da arte do Côa mas também pouco estudado face às cronologias mais presentes e mediáticas, nomeadamente a paleolítica, impunha-se realizar uma revisão cuidadosa das rochas já conhecidas. Numa arte em que se mesclam elementos gravados e pintados, estes últimos mereceram maior atenção neste projecto – por serem mais abundantes, mais diversos, levantando mais interrogações e, também, por estarem menos estudados previamente e por a sua revisão prometer novidades, pela aplicação de novos métodos digitais de levantamento anteriormente indisponíveis nos primeiros desenhos de rochas pintadas do PAVC.

Após as tentativas no projecto Art-FACTS, antecessor deste, de desenhar pelo tradicional levantamento directo com plástico transparente alguns dos painéis pintados do Côa,

metodologia de problemática aplicação e pouco fiável para motivos muito apagados e, por vezes, cobertos por crostas naturais, no **LandCRAFT** decidimos que os levantamentos seriam feitos através de fotografia de alta resolução, geralmente com luz artificial de flashes sincronizados.

Os painéis pintados no seu todo, e os diferentes conjuntos de pinturas, foram cuidadosamente fotografados, quase sempre em composições de múltiplas fotografias parcialmente sobrepostas, posteriormente fundidas digitalmente numa única ortofotografia, obtendo-se assim imagens de áreas amplas com elevada resolução. O tratamento com o *plugin* digital DStretch realça as figuras pintadas em cada imagem, permitindo uma mais cabal interpretação de cada conjunto pintado, e permitindo também a melhoria, por vezes drástica, das prévias interpretações de painéis pintados anteriormente estudados.

Fig. 1 (página ao lado) - Antes do LandCRAFT, no projecto Art-FACTS que o antecedeu, defrontamo-nos com as complexidades técnicas de levantar fielmente pinturas muito apagadas. À esquerda, Lara Bacelar tenta levantar directamente, em plástico transparente, o painel 1 das Lapas Cabreiras, na fase inicial destes trabalhos e antes de concluirmos pela inoperabilidade deste método para um levantamento fiável. As miras colocadas na superfície pretendiam já fazer a conexão com a fotografia de alta resolução, cujas primeiras tentativas vemos à direita, no mesmo painel (fotografias de Mário Reis e Lara Bacelar Alves).

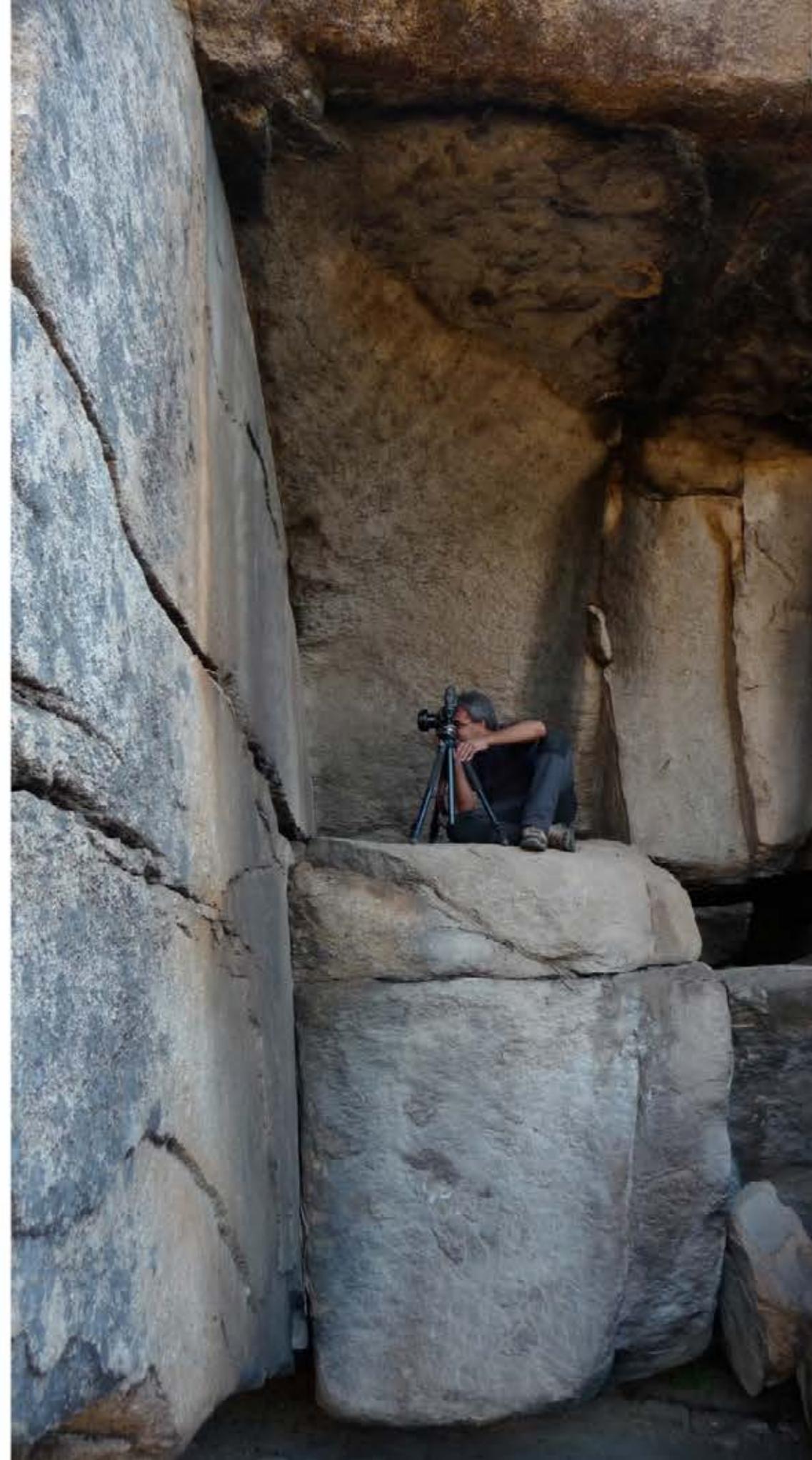




Fig. 2 (em cima) - Por vezes, é importante analisar as condições da superfície e como interagem com a conservação e perceptibilidade dos motivos pintados, podendo, por vezes, levar a intervenções prévias aos levantamentos. À esquerda, Lara Bacelar Alves e Vera Caetano observam líquenes negros e crostas minerais no painel 4 da rocha 2 do Ervideiro, que parcialmente escondem vestígios de pintura. À direita, Bárbara Carvalho e Vera Caetano limpam cuidadosamente a superfície do painel G da rocha 3 de Vale de Figueira, parcialmente oculta pela recorrente deposição sedimentar das recentes cheias do Côa, potenciadas pela ensecadeira da ex-barragem do Côa (fotografias de Mário Reis).

Fig. 3 (página seguinte) - Em várias rochas, as pinturas podem estar em posições incómodas ou de difícil acesso, ocasionalmente até perigoso. Em cima, Vera Caetano alça-se ao sector esquerdo do painel 1 das Lapas Cabreiras, e Lara Bacelar Alves observa o painel 5 do mesmo sítio. Em baixo, Vera Caetano analisa a mancha pintada (?) na rocha do Gamoal, numa posição imediatamente sobranceira à elevada falésia que a Ribeirinha faz na transição geológica de granitos para xistos. Note-se a espectacularidade paisagística da localização (fotografias de Mário Reis).

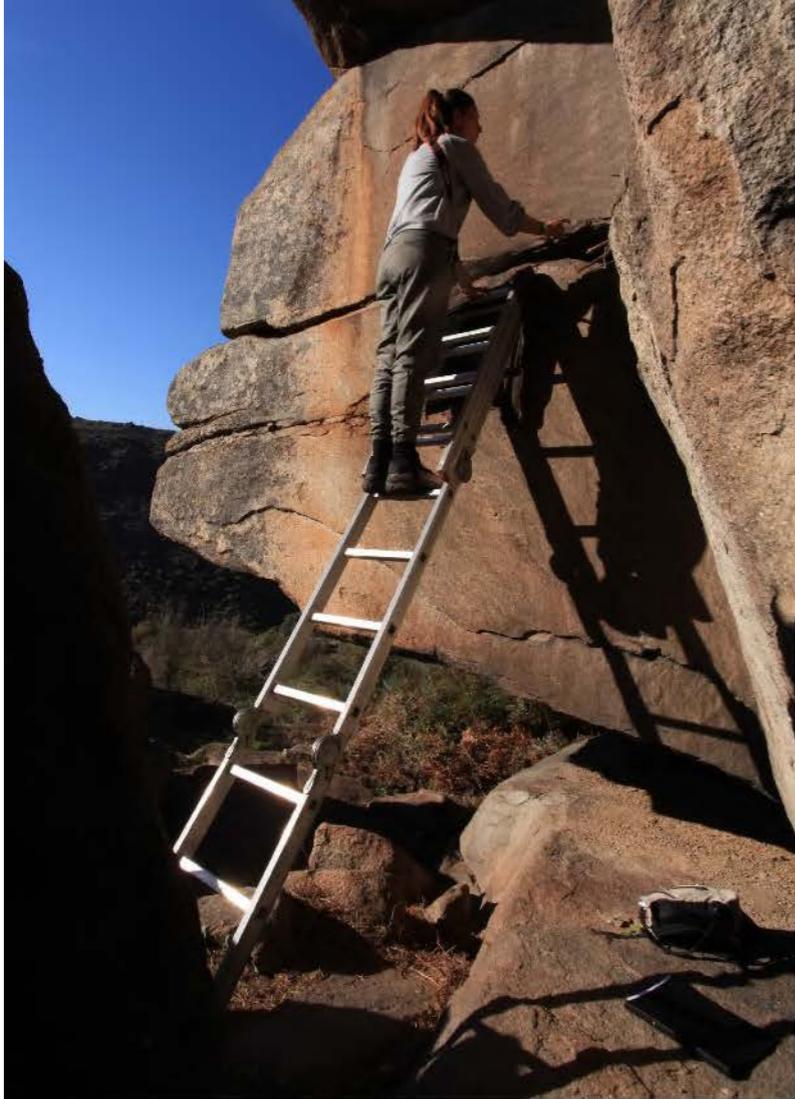
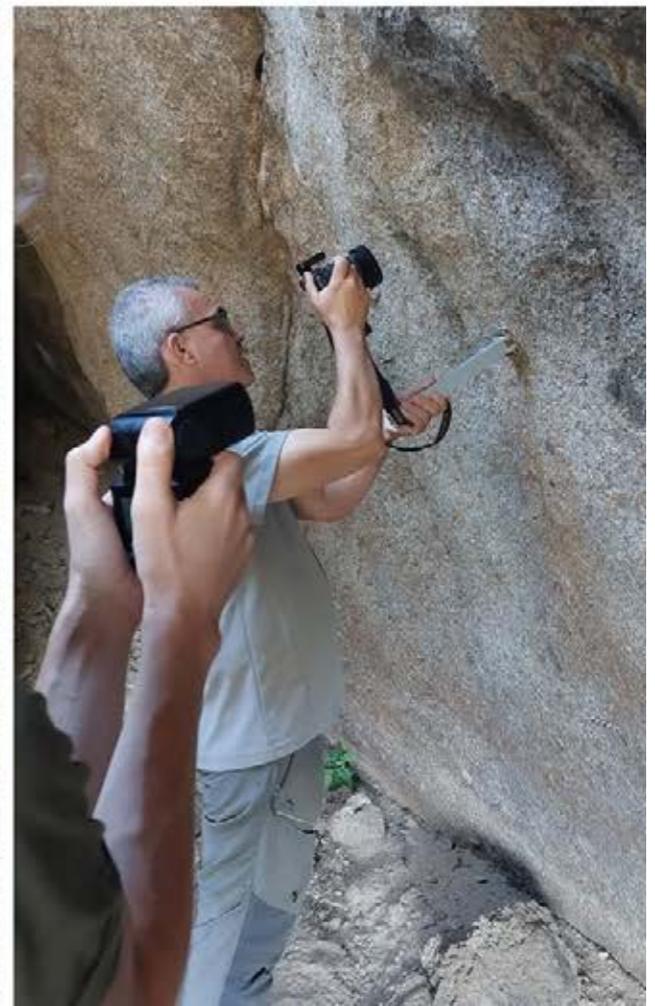




Fig. 4 (ao lado) - Paisagens grandiosas associam-se frequentemente à pintura pré-histórica no Côa, em diferentes geomorfologias, mas com algum destaque para as zonas graníticas, com destaque para os sítios da Faia, Ervideiro ou Lapas Cabreiras. Em cima, Bárbara Carvalho e Vera Caetano na rocha 1 da Faia. Em baixo, Vera Caetano e Lara Bacelar Alves observam a superfície da rocha 6 da Faia, enquanto Bárbara Carvalho olha na direcção contrária, prestes a descobrir uma nova rocha gravada paleolítica neste sítio, assinalada pela seta (fotografias de Mário Reis).

Fig. 5 (página seguinte) - Diferentes formas de fotografar superfícies pintadas. Em cima à esquerda, fotografia com dois flashes sincronizados: à esquerda no Poço Torto, com Bárbara Carvalho, e à direita na rocha 2 do Ervideiro (rocha Andrea Martins), com Lara Bacelar Alves (fotogramas de vídeos de Vera Caetano). Em baixo à esquerda, fotografia distanciada com tripé e teleobjectiva do painel 1 das Lapas Cabreiras (assinalado pela seta), método fiável para painéis pouco acessíveis (fotografia de Lara Bacelar Alves). Em baixo à direita, uma adaptação à necessidade de cobrir áreas amplas com um mosaico de fotografias de grande resolução e proximidade à superfície, com um simples aparelho que permite facilmente controlar a distância à superfície (fotografia de Elisa Guerra Doce, num abrigo perto de Ávila).



Obtidas as imagens – de rochas, de painéis, de conjuntos de pinturas, de motivos individuais – a fase seguinte consiste em registar adequadamente as pinturas, não pelo tradicional método de desenhar graficamente o seu contorno, mas procurando “extrair” digitalmente cada figura da sua imagem base, obtendo registos e ficheiros individuais, motivo a motivo. Para isso recorreu-se a um protocolo digital por nós desenvolvido (e que, com a restante metodologia,

pretendemos publicar com maior detalhe), sem pretensões de ser inédito ou inovador, recorrendo a ferramentas simples de programas bem conhecidos, como Photoshop e Illustrator, para além do DStretch. Uma vez o motivo vectorialmente individualizado, pode ser “recolocado” no seu lugar num levantamento gráfico da sua superfície rochosa, ou directamente sobre uma (orto)fotografia desta, mas agora mais realçado, mais visível e compreensível.



Fig. 6 - Início do processo de tratamento digital de fotografia para levantamento de motivos pintados, aplicado a duas figuras da rocha 1 do Ervideiro. À esquerda, a fotografia original. Ao centro, a respectiva imagem após a aplicação de um filtro DStretch (no caso, o filtro lds). À direita, a imagem DStretch após a retirada em Photoshop da saturação de cores que não interessam (amarelos, verdes, azuis, cianos), de forma a salientar o vermelho da pintura (fotografia de Mário Reis).

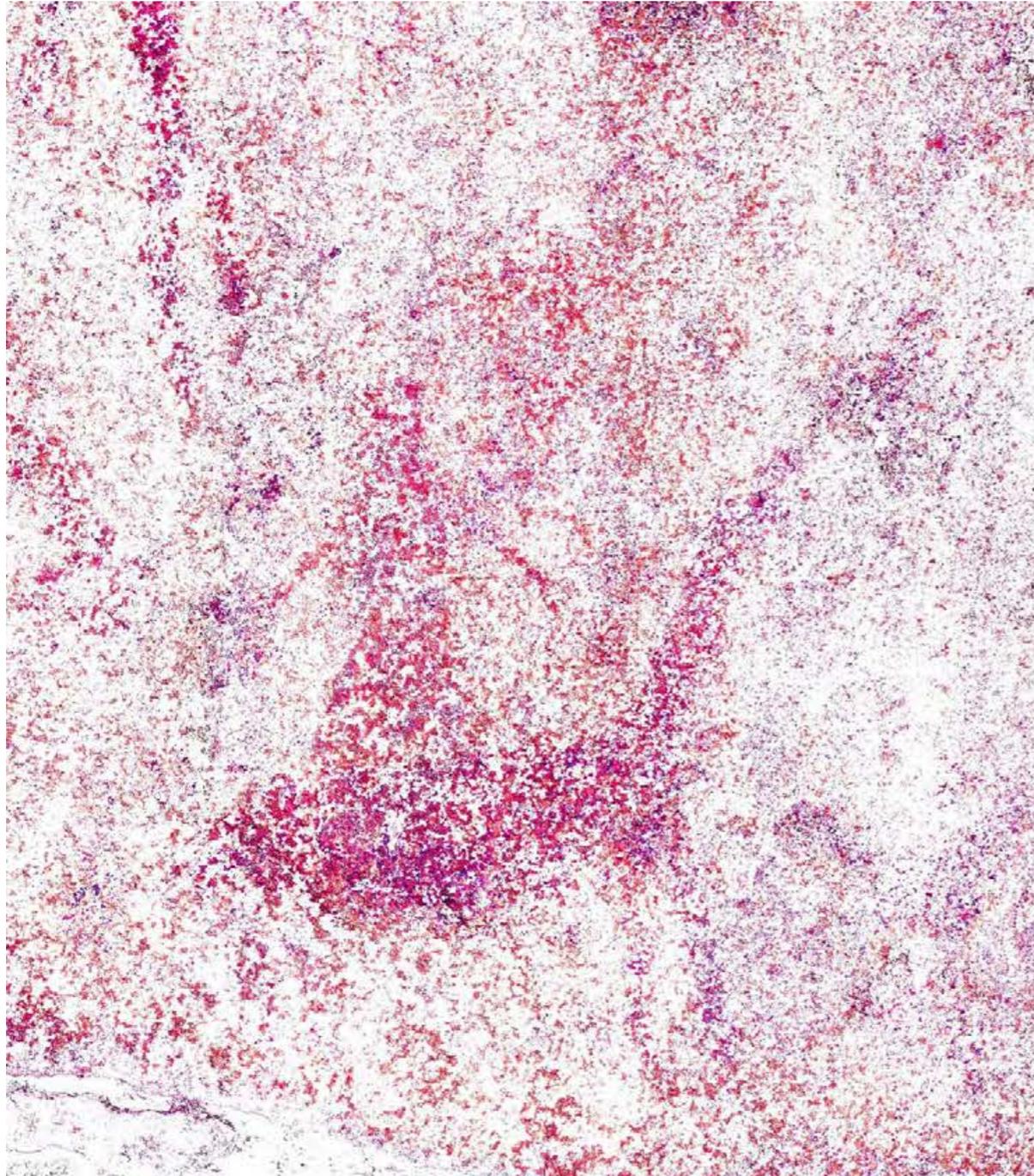
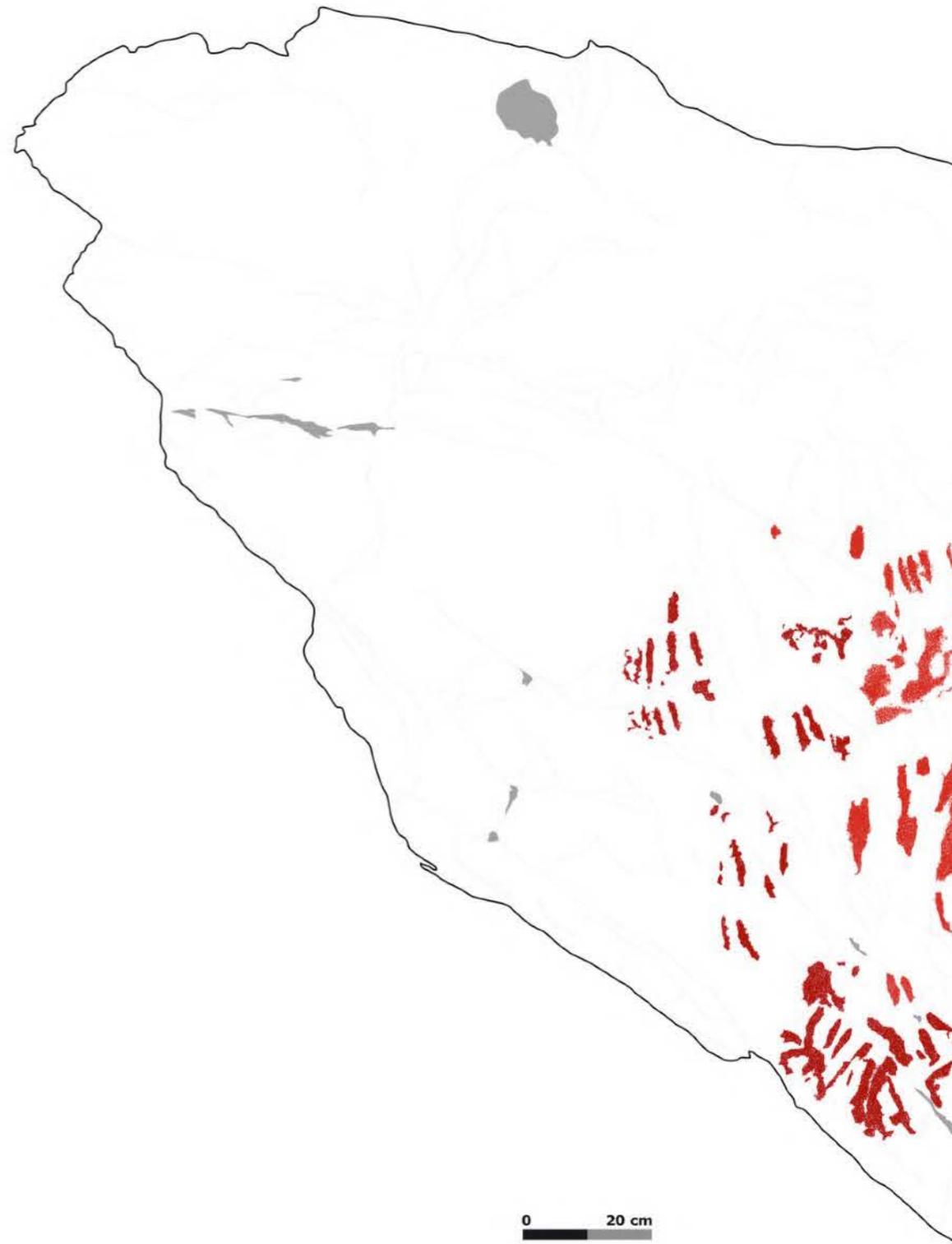




Fig. 7 - Continuando o processo anterior no programa Photoshop, à esquerda, com a aplicação da “varinha mágica”, seleciona-se na imagem os motivos pintados, obtendo-se o que chamamos de “imagem fotorealista primária”. Ao centro, procede-se à eliminação de todos os elementos que se considere que não integram as figuras em apreciação, e que tanto podem pertencer à superfície da rocha como a outras figuras pintadas, obtendo-se uma “imagem fotorealista”. Por fim, à direita, unifica-se a cor dos motivos, escolhendo uma que se aproxime do original, obtendo-se uma “imagem de cor unificada”. Estas duas últimas figuras podem ser exportadas em formato vectorial, para serem integradas no desenho geral da rocha ou do painel em que se encontram.



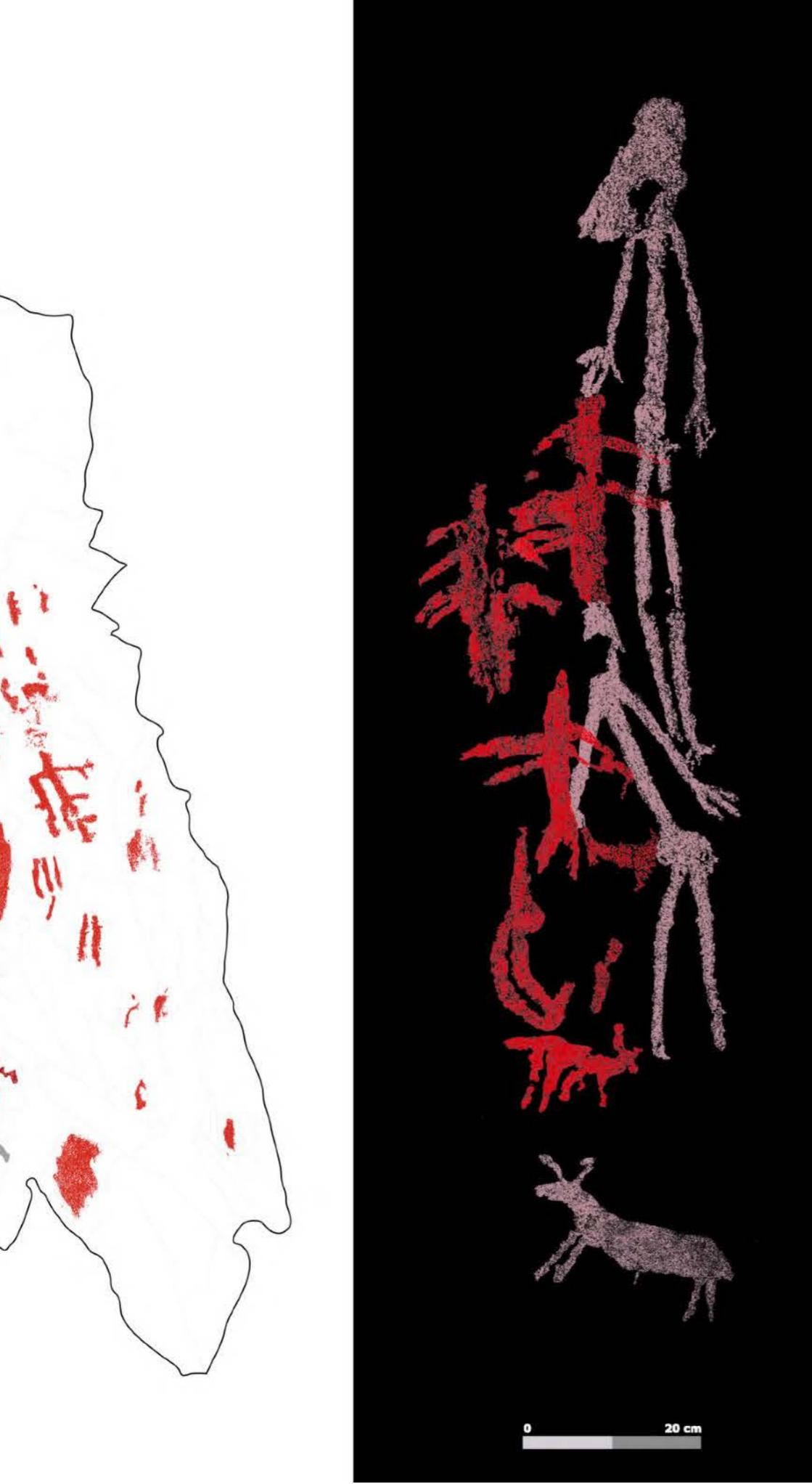
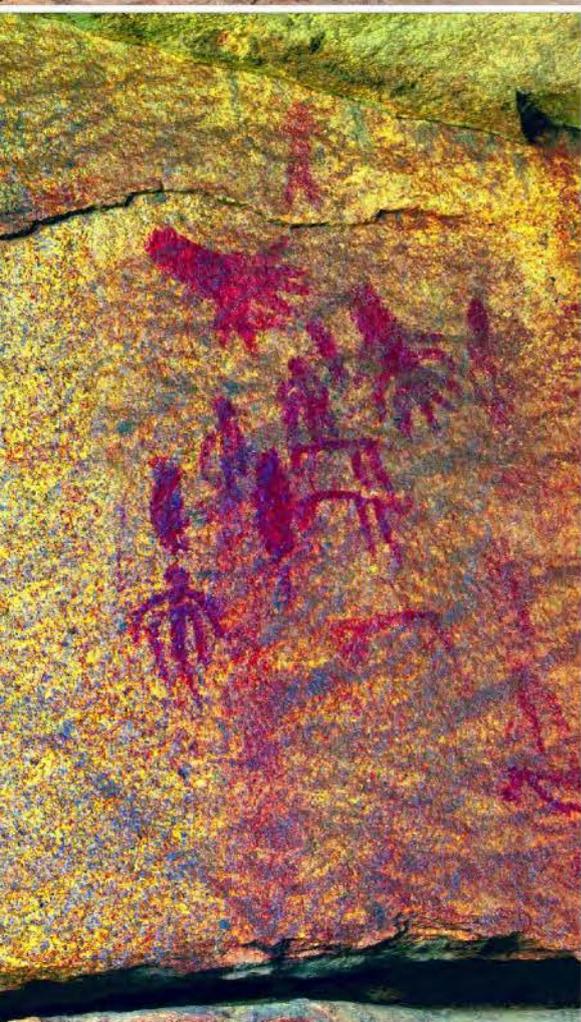


Fig. 8 - Diferentes modos de apresentação do levantamento de figuras pintadas. À esquerda, as figuras individuais colocadas à escala em cima de uma fotografia da superfície (painel 2 do abrigo 3 do Colmeal). Ao centro, desenho convencional, como no exemplo anterior mas com o painel desenhado a partir de fotografia (painel 2 do abrigo da Ribeirinha). À direita, o desenho limita-se às próprias figuras, à escala e na relação correcta umas com as outras, com cores diferentes segundo determinados critérios (painel 2 da rocha 2 do Ervideiro – rocha Andrea Martins).



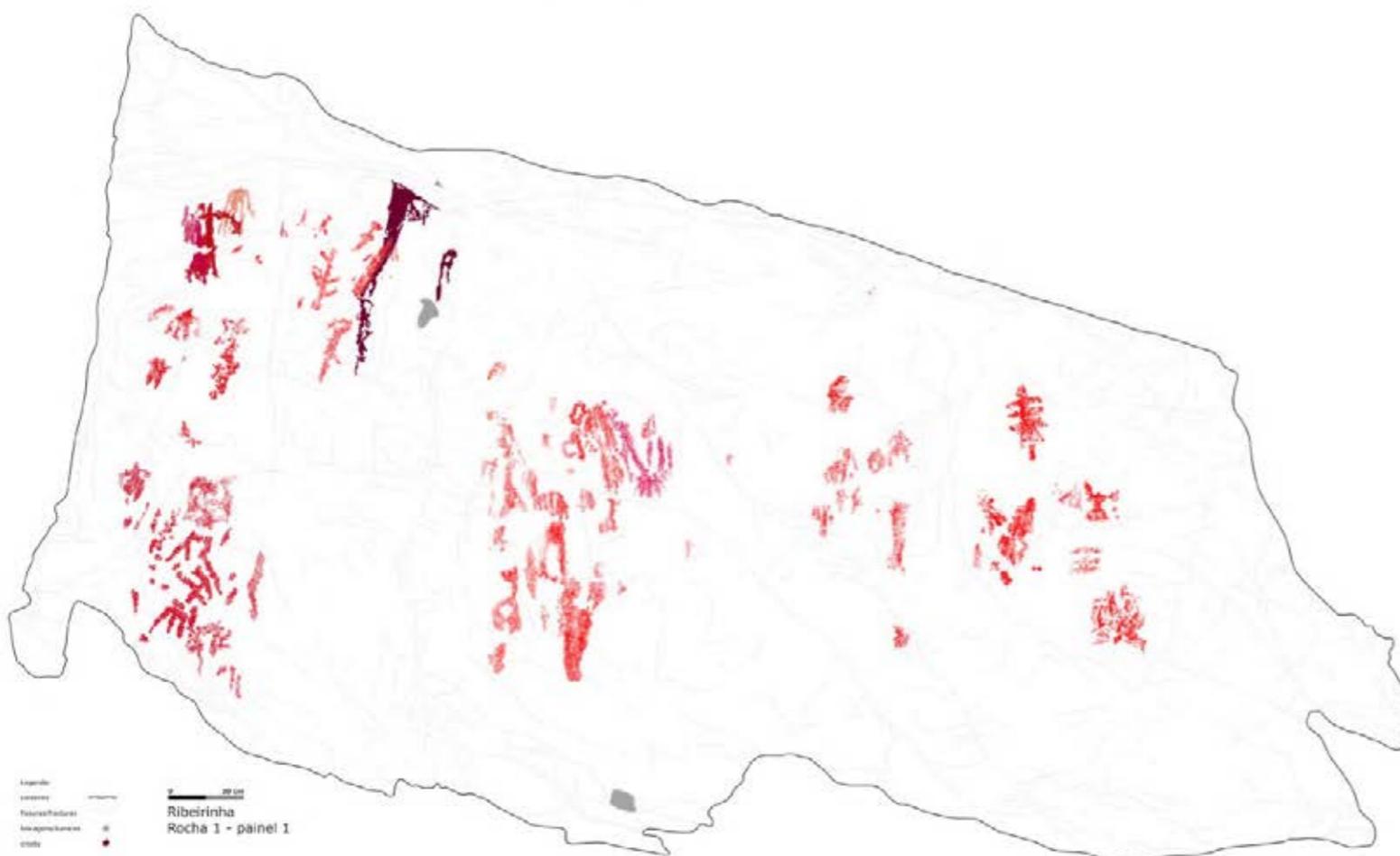
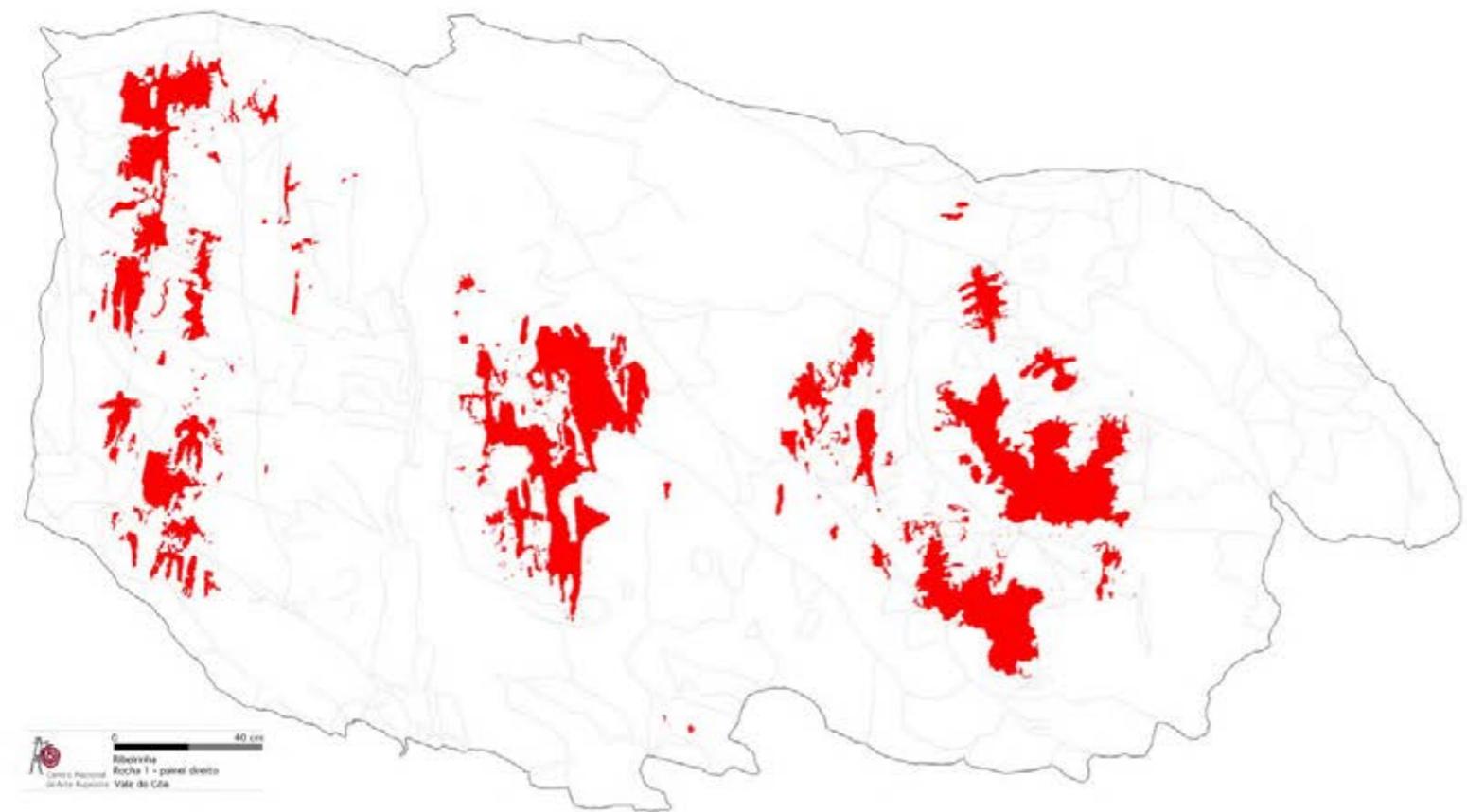


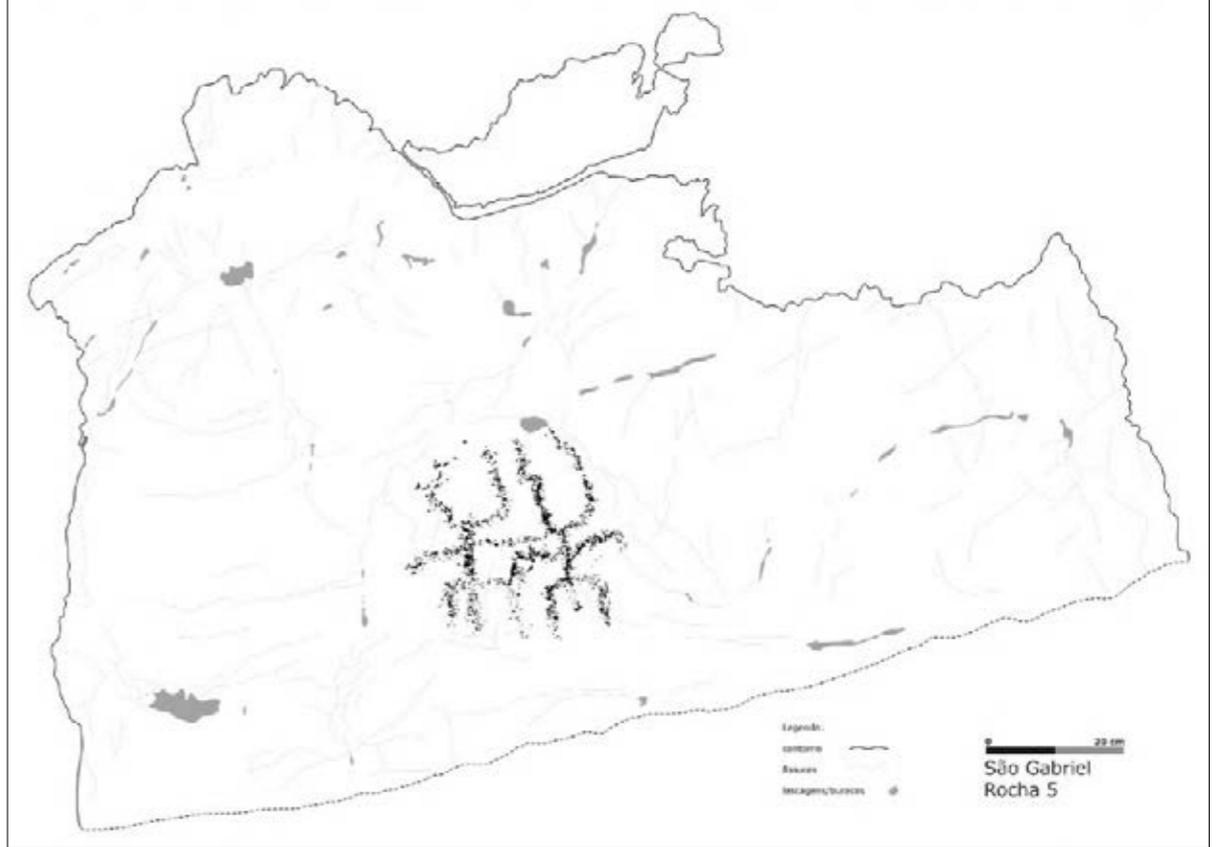
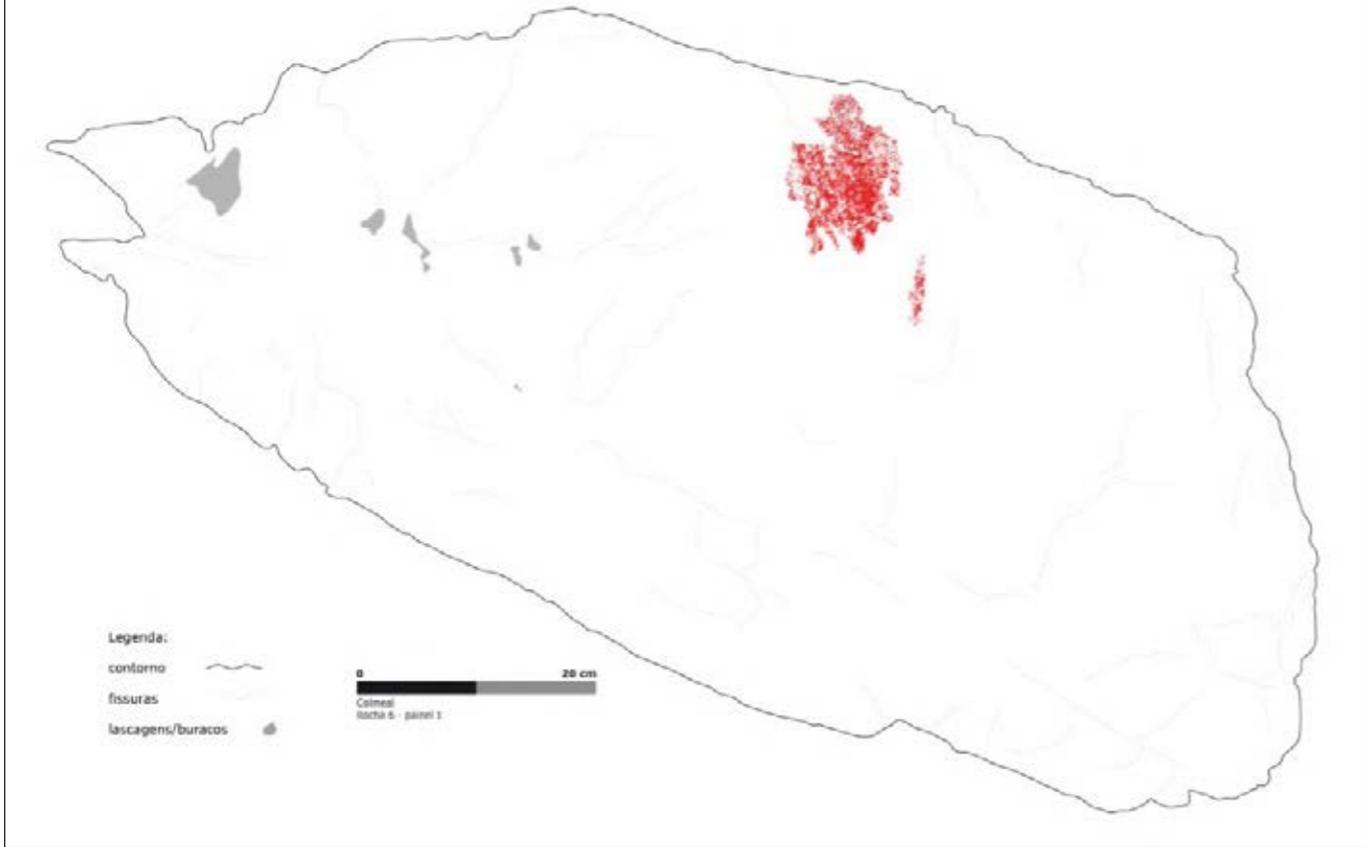
Fig. 9 (página ao lado) - Numa imagem sequencial já apresentada várias vezes, o painel 1 das Lapas Cabreiras, sem e com o filtro DStretch, num trabalho realizado ainda no projecto Art-FACTS. O painel dividiu-se em três sectores (esquerdo, central e direito), cada qual fotografado em mosaico e coberto por dezenas de fotografias, posteriormente reunidas numa só ortofotografia. Por sua vez, aplicou-se o filtro DStretch a cada uma das fotografias dos mosaicos e fez-se de novo uma ortofotografia de cada sector, desta vez já filtrada, permitindo maior resolução e detalhe do que aplicar meramente o filtro DStretch às três ortofotografias inicialmente obtidas.

Fig. 10 (ao lado) - O painel 1 do abrigo da Ribeirinha tem grande dimensão e múltiplas figuras esquemáticas pintadas, num estado de conservação muito deficiente. Comparamos o primeiro levantamento deste painel (© Fundação Côa Parque), pela metodologia tradicional do plástico transparente, efectuado em 1995 por Mário Varela Gomes e Fernando Barbosa e ainda sem ajudas digitais, com o novo levantamento efectuado no projecto LandCRAFT, recorrendo a fotografia de alta resolução, com luz artificial de flashes laterais sincronizados, e com tratamento posterior com os filtros DStretch. Optamos por ignorar a maioria das manchas avermelhadas da superfície, pela impossibilidade de distinguir o natural do antrópico.





Fig. 11 - Painel 4 da rocha Andrea Martins, no sítio do Ervideiro. Onde à vista desarmada se reconhece apenas uma figura no canto inferior direito, o filtro DStretch revela um painel repleto de figuras, com a interpretação e levantamento feitos a clarificar o conjunto figurativo. Foi aqui que compreendemos claramente a existência de figuras pintadas na região não necessariamente desgastadas pelo tempo, mas sim ocultas e preservadas debaixo de crostas naturais. Foi também a primeira vez que nos apercebemos da relação particular de algumas figuras no Côa com a Arte Levantina espanhola, bem perceptível no trio familiar superior, integrável no chamado estilo "Centelles", até ao momento exclusivo da região levantina.



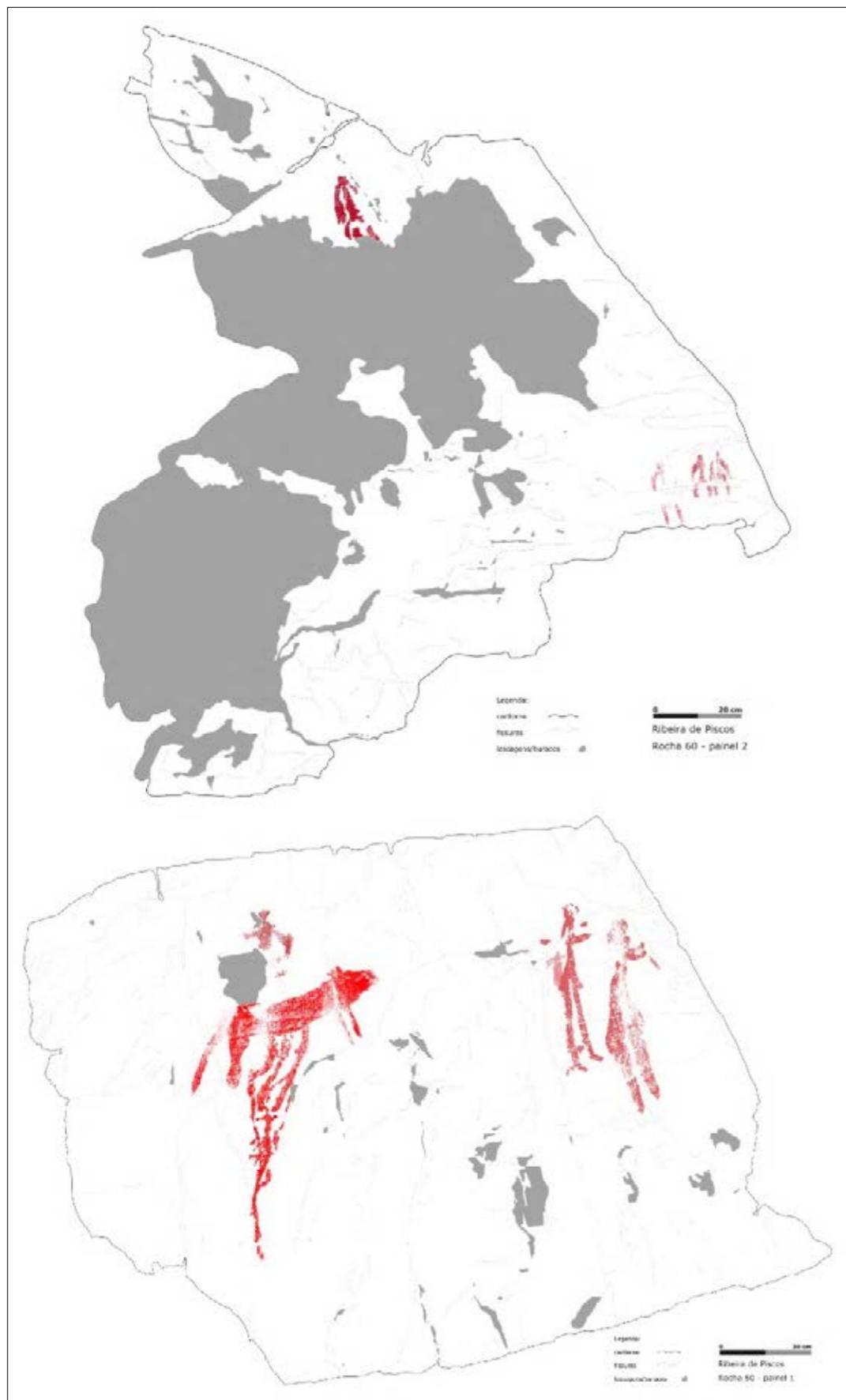


Fig. 12 (página anterior, à esquerda) - No importante sítio do Colmeal, maciço quartzítico onde a partir de 2004 se inventariou um importante conjunto de pintura esquemática, foram recentemente descobertos mais dois abrigos pintados, ambos de características inusuais. Em baixo, o algo disforme antropomorfo da rocha 6, em cima o peculiar conjunto abstracto da rocha 5.

Fig. 13 (página anterior, à direita) - A descoberta da rocha 5 de São Gabriel, também recente, constitui uma assinalável novidade, por se tratar de gravura esquemática em suporte quartzítico, uma rocha geralmente muito dura e onde normalmente não surgem gravuras pré-históricas. O suporte é também original, por se tratar de um bloco solto tombado e rolado de afloramentos a cotas mais elevadas. A composição consiste num par de antropomorfos de cornos, gravados por picotagem.

Fig. 14 (nesta página, ao lado) - Rocha 60 da Ribeira de Piscos, que veio trazer mais alguma luz sobre a evolução da arte do Côa na pré-história pós-paleolítica. Com alguns motivos pintados distribuídos por dois painéis distintos, o painel 2 (em cima) têm alguns antropomorfos esquemáticos, enquanto o painel 1 (em baixo), mais antigo, apresenta figuras subnaturalistas, enquadráveis no intervalo temporal entre o final do Paleolítico Superior e a Arte Esquemática. As figuras femininas têm características estilísticas que também remetem para ligações à Arte Levantina. A figura zoomórfica, possivelmente um lobo, poderá resultar de uma evolução estilística local a partir da arte do final do Paleolítico Superior.

Todo este processo de registo gráfico, bastante mais complexo e demorado do que a curta descrição atrás poderá fazer supor, se desenrolou ao longo de toda a vigência do **LandCRAFT**, encontrando-se neste momento quase concluído. Abrangeu um pouco mais de uma trintena de rochas, sobretudo pintadas, incluindo a revisão sistemática de todas as rochas pintadas previamente conhecidas, a que se juntaram mais algumas entretanto descobertas, no âmbito do projeto (como as novas rochas dos sítios do Colmeal, Vale de Videiro ou Ribeira de Piscos) ou em outros projectos de investigação paralelos, como o abrigo do Barrocal dos Lameiros e novas rochas no maciço de São Gabriel e também, de novo, na Ribeira de Piscos. Este estudo traduz-se num enorme acréscimo da informação disponível sobre a arte pré-histórica pós-paleolítica, que se pode mais claramente agora dividir em duas grandes fases, com uma Arte Subnaturalista, presumivelmente do Mesolítico, a preceder a mais bem conhecida Arte Esquemática do

Neolítico/Calcolítico. O acervo figurativo do Côa ficou agora bem mais rico, com a melhor compreensão de abrigos anteriormente pouco perceptíveis, de que o grande abrigo da Ribeirinha será o melhor exemplo, e também o do Poço Torto, entre outros, com a revelação de expressivas novas figuras, esquemáticas e, sobretudo, subnaturalistas, nos sítios do Ervideiro, Vale de Videiro ou Ribeira de Piscos, que se juntam às emblemáticas figuras pintadas da Faia para ocupar o seu lugar de direito na longa sequência artística do Vale do Côa.

Neste texto foram afloradas questões de métodos de trabalho e uma análise preliminar dos resultados obtidos. Para saber mais sobre a arte pós-glaciar no vale do Côa, sugere-se a consulta dos textos apresentados na página ao lado e a leitura de novas publicações que serão realizadas com o desenvolvimento do estudo deste *corpus* que o **LandCRAFT** foi constituindo ao longo dos últimos quatro anos.

ALGUMA COR NUM FUNDO DE GRAVURA: PRINCIPAIS CONJUNTOS DA PINTURA PRÉ-HISTÓRICA DO VALE DO CÔA

Lara Bacelar Alves¹, Andrea Martins², Mário Reis³

RESUMO

No Vale do Côa, a utilização da pintura em arte rupestre surge quantitativamente de forma muito reduzida e unicamente em tempos pré-históricos, face à predominância da gravura no decurso dos longos milénios em que signos e imagens foram sendo ali criados. Esta limitação quantitativa não se reflecte na sua relevância científica, como o presente texto procura demonstrar. No contexto de uma síntese sobre os principais conjuntos de pintura pré-histórica nesta região, que se podem dividir em três grupos principais, cronológica e culturalmente subsequentes, será trazida à estampa notícia preliminar de uma das mais surprecedentes revelações que o Vale do Côa guardou para o século XXI: a presença de composições pictóricas que denotam uma clara afinidade estilística com algumas manifestações de Arte Levantina.

Palavras-chave: Pintura rupestre; Vale do Côa; Paleolítico Superior; Arte Subnaturalista; Arte Esquemática.

ABSTRACT

In the Côa Valley, rock paintings appear in small numbers and exclusively in Prehistory, contrasting with the sheer predominance of engravings created across the valley throughout the long millennia its rock art endures. This quantitative limitation does not reflect its scientific relevance, as this paper attempts to demonstrate. In this overview of the main assemblages of prehistoric paintings in the study area, divided into three chronologically and culturally subsequent groups, we shall address one of the most surprising revelations that the Côa Valley kept for the 21st century: the presence of painted compositions that denote clear stylistic similarities with expressions of Levantine Art.

Keywords: Rock art paintings; Côa Valley; Upper Palaeolithic; Subnaturalistic Art; Schematic Art.

1. INTRODUÇÃO

O Côa é conhecido, sobretudo, pela gravura rupestre. É certo que ainda hoje surge o incauto e distraído visitante a perguntar por “grutas e pinturas”, certamente com os clássicos modelos da arte paleolítica em mente. Mas a geomorfologia da região, com os omnipresentes painéis verticais de xisto plenamente expostos aos elementos, tendencialmente lisos e de suave textura, favoreceu, desde sempre, a realização de gravuras. Não surpreende assim que no complexo

rupestre do Côa, onde se conhecem neste momento⁴ 1409 registos em 98 sítios, dos quais 1377 são afloramentos decorados (vulgo “rochas”), apenas em 32 registos se conheçam vestígios de pintura, com 31 rochas em 15 sítios, a que se juntam algumas peças da arte móvel do sítio do Fariseu. Ou seja, a pintura surge em apenas 2% dos registos da arte do Côa, e em 16% dos seus sítios de arte rupestre. O panorama é semelhante no tocante à contagem dos motivos, ainda provisória e em face de profunda revisão no âmbito do projecto LandCRAFT.⁵ Contam-se, neste

1. CEAACP/FCT - FLUC / lara.b.alves@uc.pt

2. FCT / UNIARQ - FLUL / andrea.arte@gmail.com

3. Fundação Côa Parque - CEAACP/FCT / marioreis@saipo.pt

4. À data em que se escrevem estas linhas, Junho de 2023.

5. “LandCRAFT - os contextos sócio-culturais da arte da pré-história recente no vale do Côa”, é um projecto financiado por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P., com a referência GOA/OVD/0055/2019.

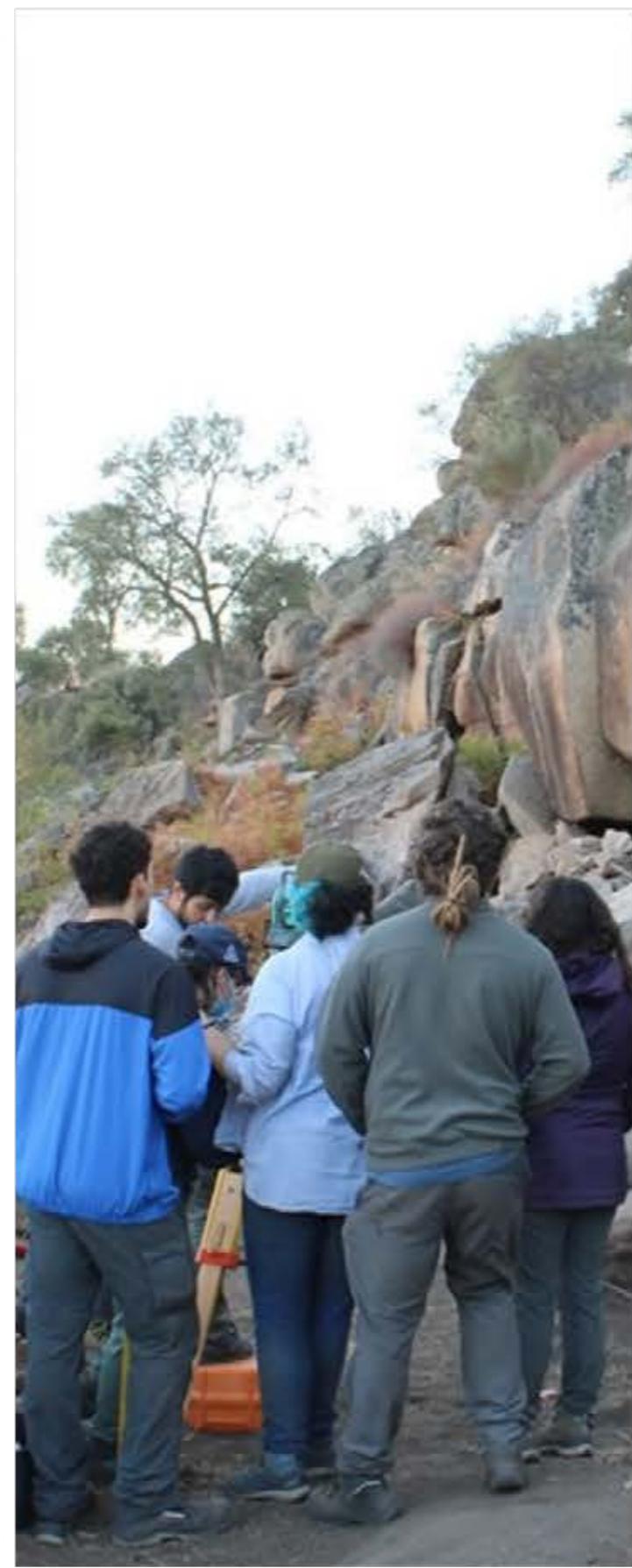
Entre o Côa e o Douro, nos longos milénios do pós-glaciar: quadro de referência da arte rupestre da Pré- história Recente da região do Côa

Mário Reis^a
Lara Bacelar Alves^b

a) Fundação Côa Parque. Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Património (CEAACP) - Universidade de Coimbra, marioreis@arte-coa.pt

b) Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Património (CEAACP) - Universidade de Coimbra, lara.b.alves@uc.pt





Escavação de sítios e prospecção nas imediações de rochas com arte rupestre

João Muralha

No vale do Côa, a arte esquemática e os contextos socioculturais das comunidades que a praticavam, é uma realidade cada vez mais conhecida, mas ainda pouco estudada. Nos últimos dez anos, projetos como o Art-FACTS e mais recentemente o **LandCRAFT**, dedicaram-se a prospetar, identificar, cartografar e estudar, sítios e abrigos com pintura e/ou gravura da Arte Esquemática.

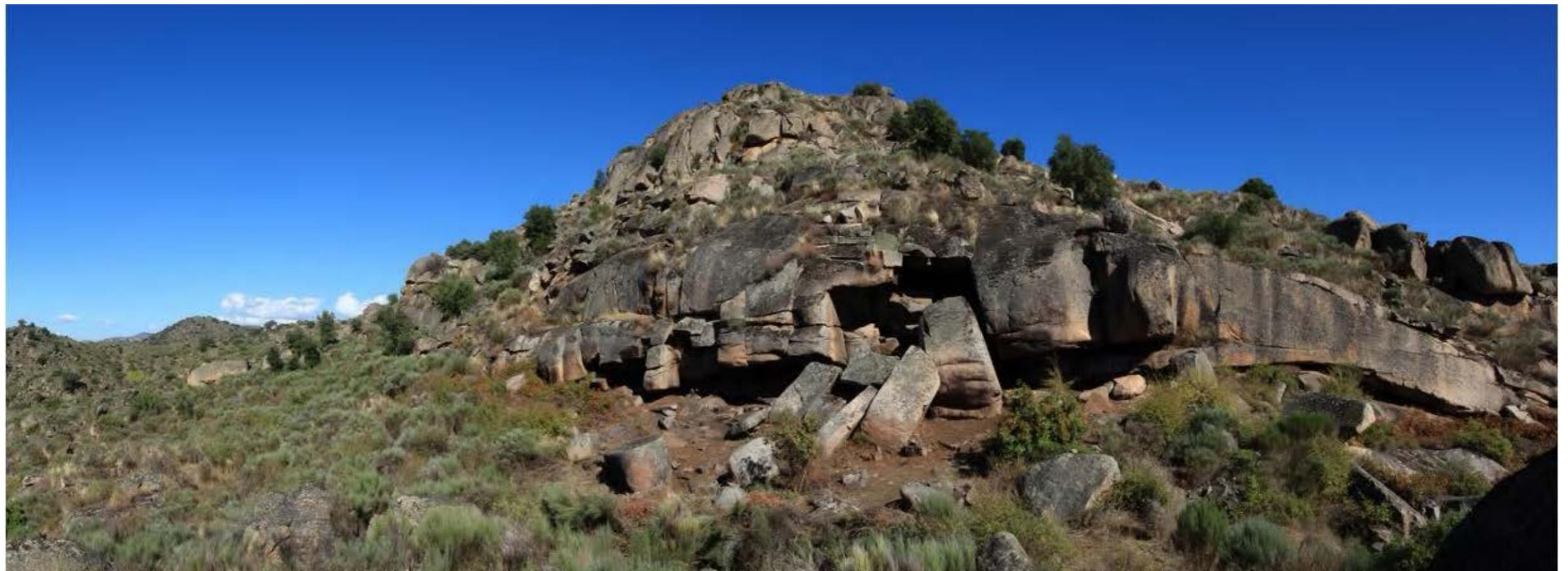
O **LandCRAFT** apresenta um conjunto de pilares de investigação, que no seu conjunto nos está a permitir obter cada vez mais dados de reflexão e a construirmos quadros interpretativos sobre a arte, os artistas e as comunidades do Neolítico, Calcolítico e Idade do Bronze.

Este artigo pretende apenas referir algumas das actividades desenvolvidas no âmbito de uma das tarefas daquele projeto: a escavação arqueológica e prospecção do território.

A seleção dos locais a escavar baseou-se na sua proximidade com os locais onde foi registada Arte Esquemática. São eles: a) Abrigo das Lapas Cabreiras, com ocupações conhecidas do Neolítico e da Idade do Bronze; b) Barrocal dos Lameiros, onde foram encontrados vestígios ténues de pinturas numa superfície granítica durante os trabalhos de escavação; c) Texugo, que tem uma posição dominante nas imediações de três sítios de arte Esquemática, dois dos quais no sopé da elevação: Vale Videiro e Vale Figueira, e outro na ribeira de Piscos. Considerando que um conhecimento mais circunstanciado do território seria um vetor de análise muito importante, decidimos também prospectar as áreas envolventes aos sítios arqueológicos intervencionados.



Fig. 1 - Progressão dos trabalhos de escavação nas Lapas Cabreiras.



Figs 2, 3, 4 e 5 (esta e página seguinte) - É nesta paisagem, pontuada por maciços, montes e colinas que surge o abrigo das Lapas Cabreiras. Este constitui, de certa forma, um ponto importante na paisagem, mas apenas a um nível mais local. Quando nos afastamos, a sua forma característica começa a ficar dissimulada no conjunto de maciços que assinalam esta paisagem. À medida que nos aproximamos, especialmente de Sul, a área onde o abrigo está implantado começa a ser visível, tornando-se um lugar imponente. Percebemos, quando estamos no local, que os vários painéis pintados se concentram ao centro de um “anfiteatro”, delimitado a Norte por uma pequena plataforma onde corre uma linha de água sazonal e a Sul pela Canada da Abóbora.

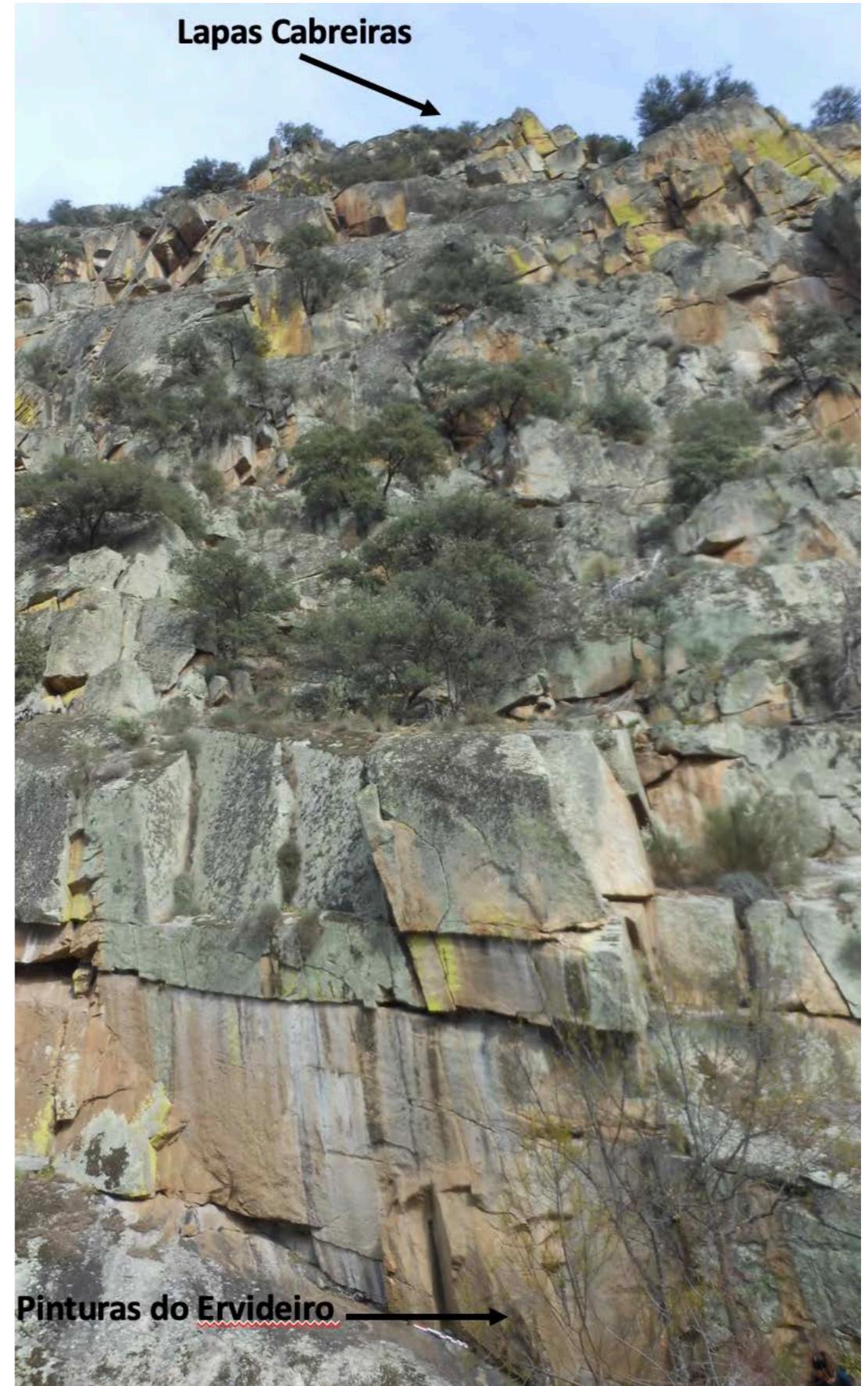
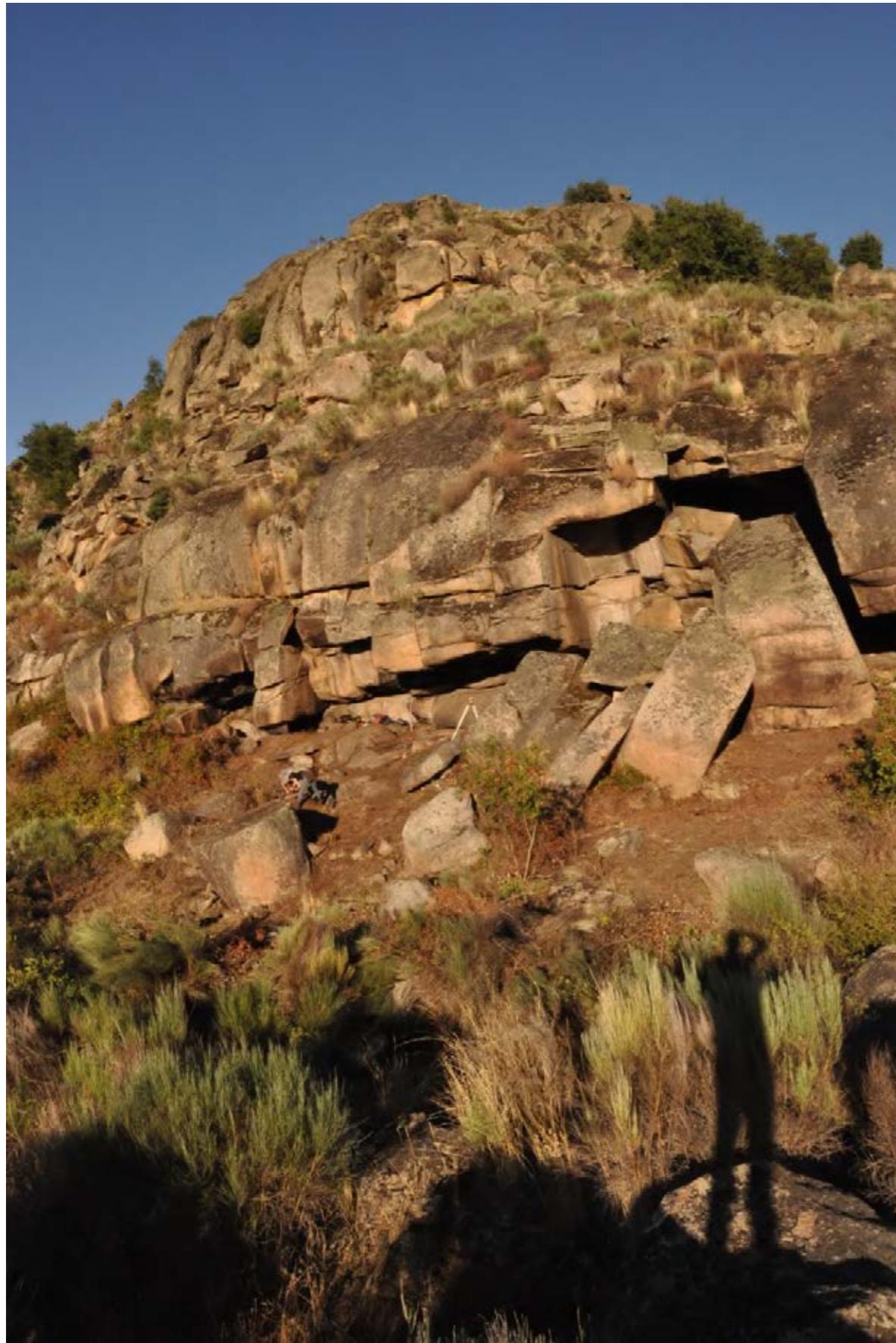




Fig. 6 - Barrocal dos Lameiros é um sítio pré-histórico não murado, com uma situação geomorfológica muito interessante. Implanta-se em dois pequenos cabeços aplanados e contíguos, na parte terminal do planalto de Algodres, entre o Côa e uma ribeira profundamente cavada. Os dois cabeços caracterizam-se pelo caos de blocos graníticos, tendo várias plataformas aplanadas entre rochedos. Estas plataformas, com áreas muito diferenciadas, ou apresentam-se limpas de blocos, ou possuem outros dispersos. Os materiais arqueológicos encontram-se nesta área, apresentando grande dispersão. As cerâmicas são de fabrico manual, muito fragmentadas e erodidas. Encontra-se igualmente material lítico, sobretudo lascas de quartzo, mas também algumas em quartzito, e mós de granito, de todas as dimensões.

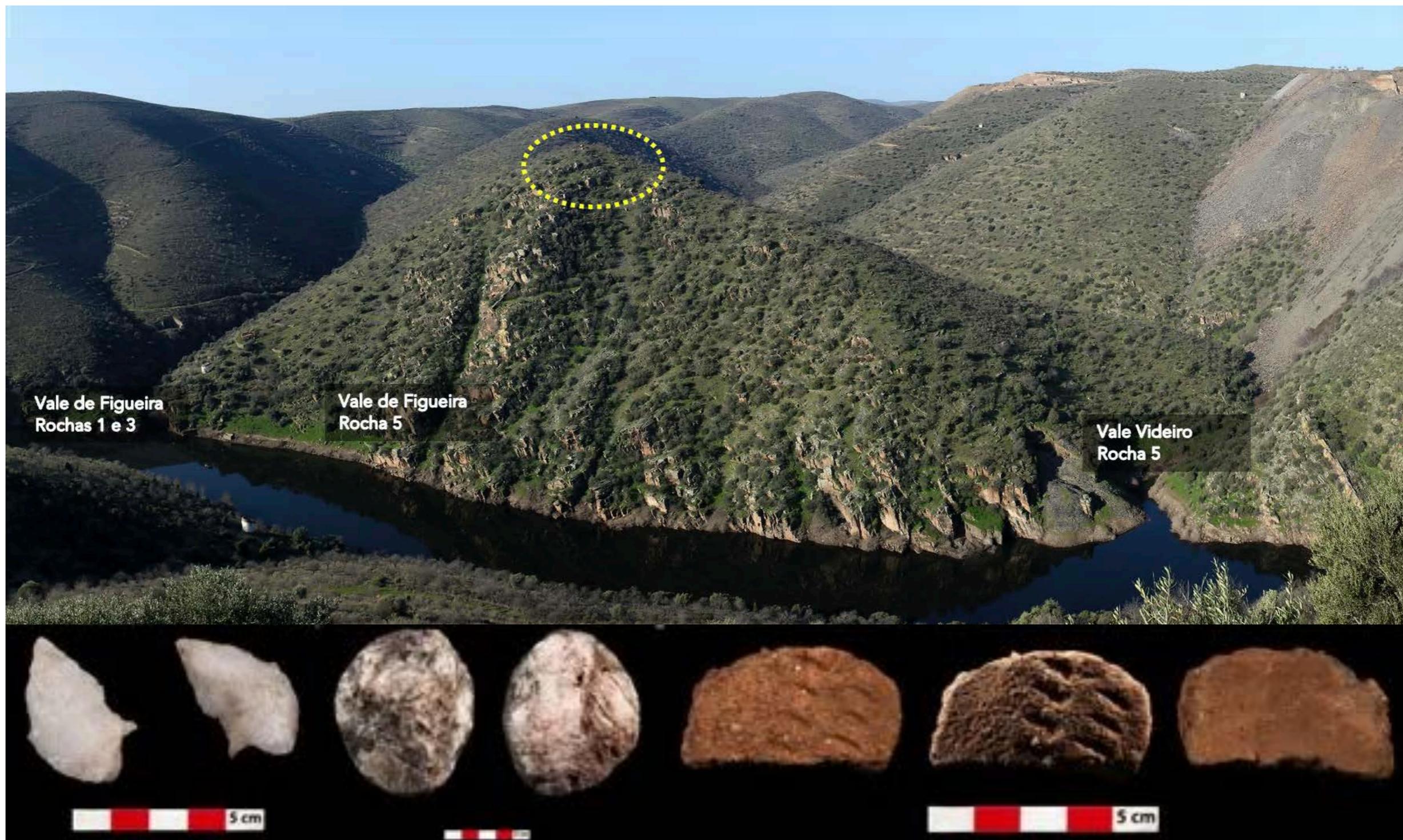


Fig. 7 - O sítio do Texugo, no cimo de um cabeço, caindo em ribanceira sobre o rio Côa, não é um ponto de passagem, mas sim um nódulo de chegada e partida. A visibilidade extraordinária que possui. A área que visualmente alcança, e acima de tudo o território que observa, tornam este local um sítio marcante. A especificidade deste local não é a sua monumentalidade arquitetural, mas a sua quase invisibilidade. É um outro tipo de sítio que em conjunto com todos os outros sedimenta a dinâmica identitária destas comunidades, com uma paisagem que, ao longo dos anos, se vai transformando em território.



Fig. 8 - O vale do Côa entre o sítio da Mioteira e a Laje



Fig. 9 - A Rocha 1 do Ervideiro no centro da imagem. A prospecção nas margens do rio Côa, nem sempre ofereceu novos sítios, novas pinturas. Mas o ato de caminhar e perceber o espaço, faz-nos sempre refletir sobre a mobilidade destas comunidades e a sua relação com a paisagem.



Fig. 10 - Materiais arqueológicos recolhidos na escavação do abrigo das Lapas Cabreiras. Do Neolítico antigo à Idade do Bronze.

O projecto ainda se encontra em desenvolvimento, mas, praticamente no seu final. Os dados têm sido trabalhados e publicados e, no final, gostaríamos de acrescentar um novo, e diferente olhar sobre a arqueologia e a história da arte no vale do Côa. Este novo olhar, foca-se num período crucial de transformações das comunidades humanas e do território; o período de transição entre a arte dos últimos caçadores recolectores e a Arte Esquemática do Neolítico. Neste processo de reconfiguração, alguns dos sítios ocorrem nas mesmas topografias da tradição paleolítica e outros revelam

uma escolha de locais diferenciadores, locais implantados em outras geomorfologias (Alves, 2020). A iconografia da Arte Esquemática, parece estar presente em abrigos (embora não exclusivamente), e encontra-se em toda a Península Ibérica, com a exceção do NW de influência atlântica (ibidem). A investigação da arte do Côa tem estado focada nos sítios paleolíticos sendo que a Arte Neolítica só mais recentemente, tem vindo a ser alvo de estudos mais sistemáticos. (Figueiredo e Baptista, 2013; Alves *et al.* 2014; Martins, 2015; Reis *et al.* 2017).



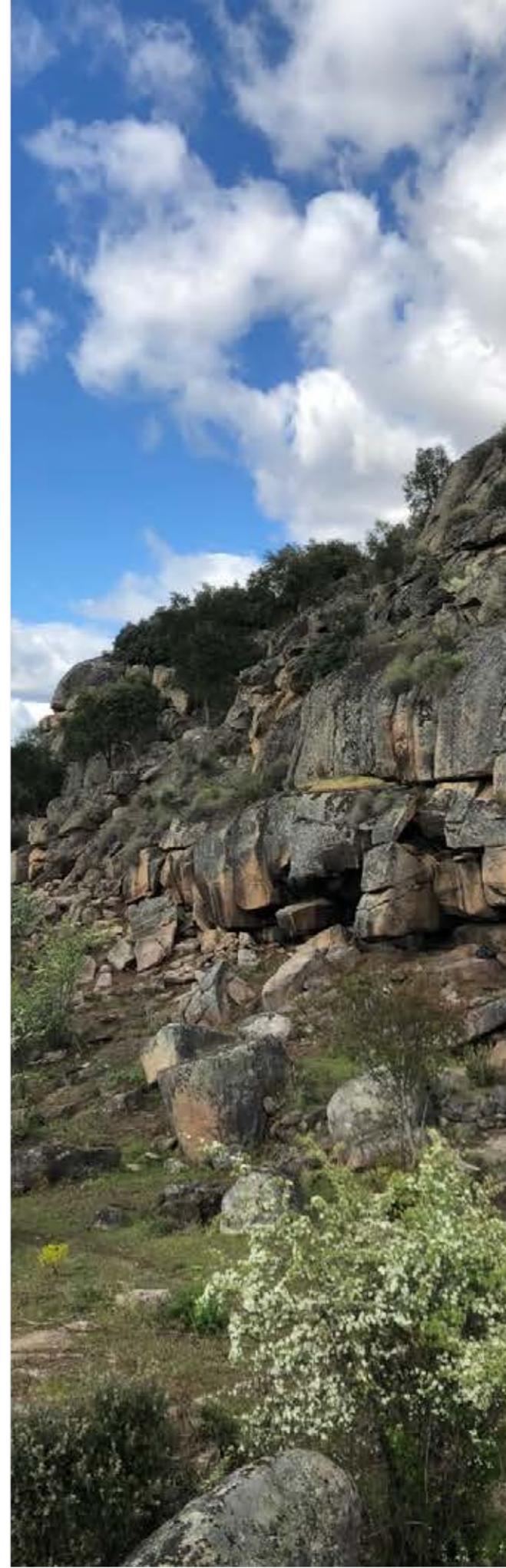
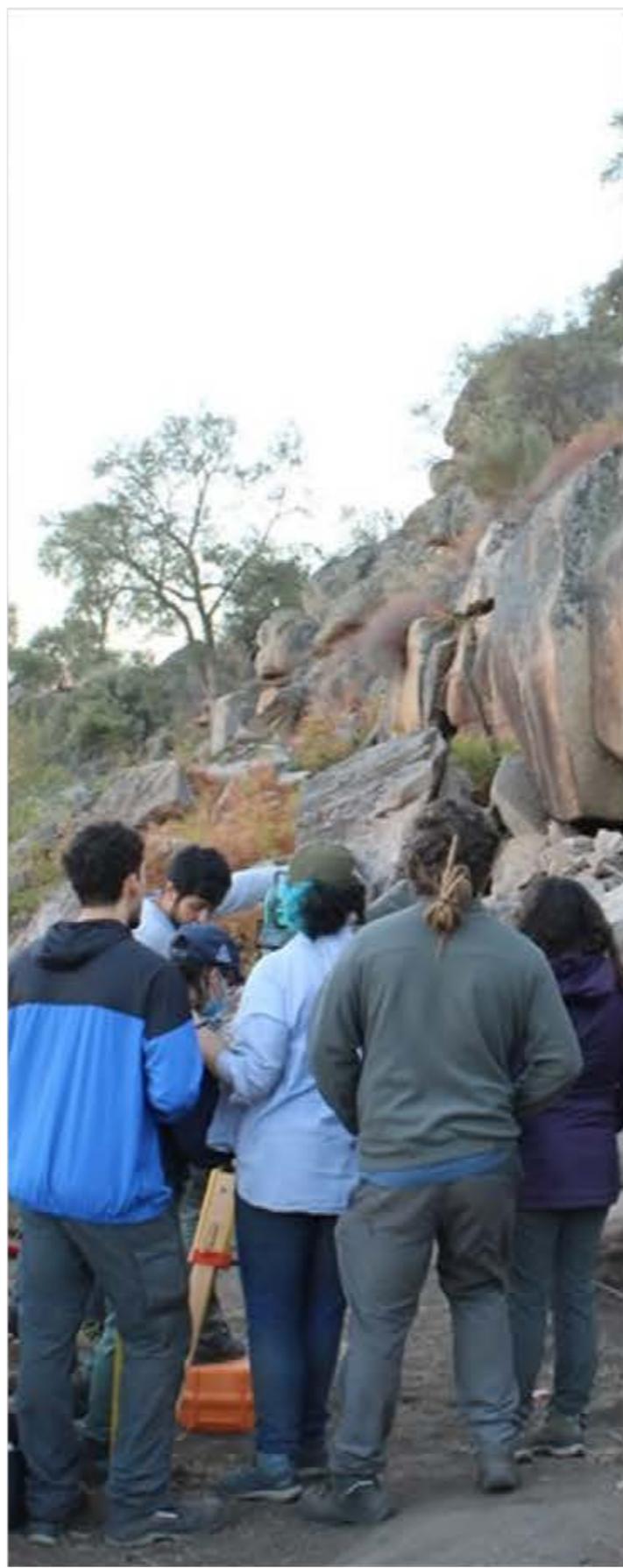
Fig. 11 - Relações visuais entre Lapas Cabreiras, Mioteira e Laje Gorda.

As escavações têm sido publicadas (Cardoso *et al.* 2021; Muralha *et al.* 2022 e Cardoso *et al.* 2023) e os dados da prospecção também o foram recentemente (Cardoso *et al.* 2023). Importa aqui dar nota de duas ou três ideias que nos parecem interessantes no processo interpretativo dos sítios arqueológicos e da paisagem envolvente:

- Os dados das escavações arqueológicas remetem-nos para sítios com ocupações mais sistemáticas e outros com ocupações mais vestigiais. Os usos e a frequência destes locais na paisagem, não são padronizados.
- A cronologia de ocupação remete-nos para padrões interessantes: os materiais em maior quantidade são do neolítico antigo e Idade do bronze, e neste último período, as cerâmicas cogeces parecem assumir especial importância.
- A prospecção arqueológica tem-nos obrigado a pensar o território e os sítios arqueológicos não só numa dinâmica de conhecimento territorial, mas igualmente numa vertente dos diferentes modos de uso da paisagem; os sítios não são objectos estanques, estendem-se para a paisagem, não como áreas de ocupação sistemática, mas sim, como áreas usadas e frequentadas sistematicamente.

- Os sítios com materiais do Neolítico Antigo, já conhecidos e publicados (Carvalho 1999; Rodrigues 2011), na área do vale do Côa, são sítios de baixa densidade, pequenas áreas de ar livre e ocupações junto a abrigos rochosos. Acrescentado à reflexão, todos os lugares com materiais de todo o Neolítico, a imagem pouco se altera. Continuam a ser de baixa densidade, em pequenas áreas de ar livre, junto a grandes afloramentos de granito.
- Os sítios da Idade do Bronze Antigo e Médio parecem constituir uma ocupação mais integral da paisagem. São lugares dispersos na paisagem, ocupando diferentes implantações geomorfológicas, parecendo afirmar uma efetiva apropriação do espaço e até, outra forma de estar na paisagem.

A paisagem, desde sempre, está pontuada por usos e mobilidades. Frequentar um sítio, não é ocupá-lo. Frequentar sistematicamente um sítio, é dar-lhe um significado específico para esse uso frequente. Os sítios e a sua paisagem envolvente têm de ser entendidos como espaços incorporadores de ação, uma ação estruturadora, identitária e memorial.





O estudo dos resultados das intervenções arqueológicas desenvolvidas no âmbito do **LandCRAFT** encontra-se em curso e mais dados serão publicados. Caso seja do interesse em saber mais sobre os resultados das escavações, sugerimos a consulta de textos entretanto já publicados e onde são apresentados alguns dos resultados preliminares da pesquisa.

Bibliografia:

ALVES, Lara Bacelar (2020) – LandCRAFT. A arte da Pré-história Recente no Vale do Côa. Kairós. Coimbra. 5, 6-21.

ALVES Lara Bacelar, CARDOSO, João Muralha, REIS, Mário, CARVALHO, Bárbara (2014) - ART-Facts: Uma investigação sobre os contextos arqueológicos da Arte Esquemática no vale do Côa, *Côavisão*, 16, Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, Vila Nova de Foz Côa, 101-106.

CARDOSO, João Muralha, REIS, Mário, CARVALHO, Bárbara, ALVES, Lara Bacelar (2023). O Projecto LandCRAFT. A intervenção Arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras, in *Arqueologia em Portugal*, III CAAP, ed. By José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins, pp. 105-117.

CARDOSO, João Muralha, REIS, Mário, MAGALHÃES, Carla, BATARDA, António (2021) - *Trabalhos Arqueológicos no sítio do Texugo (Vila Nova de Foz Côa)*. *Côavisão*, 23, Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, Vila Nova de Foz Côa, 103-110.

CARVALHO, António Faustino (1999). Os sítios de Quebradas e da Quinta da Torrinha (Vila Nova de Foz Côa) e o Neolítico Antigo do Baixo Côa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 1 (2): 39-70.

FIGUEIREDO, Sofia, BAPTISTA, António Martinho (2013). A Arte Esquemática Pintada em Portugal. In J. Martínez & M. S. Hernández (eds.). *Actas del II Congreso de Arte Rupestre Esquemático en La Península Ibérica*, Vélez-Blanco Málaga, 2010. Vélez-Blanco, pp. 301-316.

MARTINS, Andrea (2015). E no Médio Côa? A arte esquemática que ainda resiste: o Abrigo do Ribeiro das Casas (Almeida). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 18: 41-54.

MONTEIRO-RODRIGUES, Sérgio (2011) - *Pensar o Neolítico antigo. Contributo para o estudo do Norte de Portugal entre o VII e o V milénio a.C.*, *Estudos Pré-históricos*, 16. Viseu. Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta.

MURALHA, João, REIS, Mário, MAGALHÃES, Carla, BATARDA, António (2022) - *A Intervenção Arqueológica no Barrocal dos Lameiros (Figueira de Castelo Rodrigo) – 2021*. *Côavisão*, 16, Vila Nova de Foz Côa, Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, 101-106.

REIS, Mário, ALVES, Lara Bacelar, CARDOSO, João Muralha, CARVALHO, Bárbara (2017). Art-facts – os contextos arqueológicos da Arte Esquemática no Vale do Côa. In S. Garcês, H. Gomes, A. Martins, L. Oosterbeek (eds) *A Arte das Sociedades Pré-históricas in Actas do IV Congresso de Doutorandos e Pós-doutorandos*, 26-29 de Novembro, Mação, 2015.

O PROJECTO LANDCRAFT. A INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO ABRIGO DAS LAPAS CABREIRAS

João Muralha Cardoso¹, Mário Reis², Bárbara Carvalho³, Lara Bacelar Alves⁴

RESUMO

Considerando um dos objectivos do nosso projecto - a investigação dos contextos sócio-culturais da Arte Esquemática no Vale do Côa - e partindo do caso de estudo das Lapas Cabreiras, consideramos que a investigação dos contextos arqueológicos, quer no sentido da identificação de um momento de passagem/ocupação/uso dos sítios, quer do reconhecimento de outras ocorrências na sua envolvente, fornecerá um conjunto de dados muito importantes para a reflexão e compreensão de várias questões em aberto, sobressaindo a seguinte: Até que ponto as evidências materiais (da escavação e da prospecção) e a ocupação de diferentes sítios nos ajudam a compreender o uso e a ocupação daquela paisagem?

Palavras-Chave: Pré-história Recente; Arte Esquemática; Escavação; Prospecção.

ABSTRACT

Considering one of the objectives of our project - the investigation of the socio-cultural contexts of Schematic Art in the Côa Valley - and starting from the case study of Lapas Cabreiras, we consider that the investigation of archaeological contexts, either in the sense of identifying a moment of transit/occupation/use of the sites, or the recognition of other occurrences in its surroundings, will provide a set of very important data for understanding several open questions, highlighting the following: To what extent does material evidence (from excavation and field surveys) and the occupation of different sites help us to understand the use and occupation of the landscape?

Keywords: Late Pre-history, Schematic Art; Excavation; Fieldwalking.

1. INTRODUÇÃO

No âmbito do concurso “*Projetos de Investigação Científica e Desenvolvimento Tecnológico para a promoção de atividades de I&D de âmbito interdisciplinar e pluridisciplinar a realizar na região do Vale do Côa, classificada pela UNESCO como património da Humanidade- 2019*”, lançado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, o projecto *LandCRAFT - os contextos socio-culturais da arte da Pré-história Re-*

cente no vale do Côa é apresentado. Em Fevereiro de 2020 é notificado como candidatura a ser financiada e os trabalhos iniciam-se em Agosto desse ano.

A estratégia de investigação do LandCRAFT apresentava três grandes pilares: A produção de um *corpus* da arte rupestre da Pré-história Recente do Vale do Côa (gravada e pintada), utilizando novas técnicas de registo baseadas no realce digital de imagens, modelação 3D (SfM) e análises físico-químicas de pigmentos; a escavação do abrigo de Lapas Cabrei-

1. Professor auxiliar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa - investigador do CHAM / jccardoso@fsh.unl.pt

2. Fundação Côa Parque | CEAACP - Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património. Universidade de Coimbra / marioreis@sapo.pt

3. Investigadora do LandCRAFT.

4. Investigadora na CEAACP - Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património. Universidade de Coimbra / larabacelar@sapo.pt

Trabalhos arqueológicos no sítio do Texugo (Vila Nova de Foz Côa)

João Muralha Cardoso¹, Mário Reis²,
Carla Magalhães³ e António Batarida⁴

0. Introdução

O presente trabalho diz respeito à segunda intervenção arqueológica do Projecto de Investigação denominado “*Uma investigação sobre a Pré-história Recente do Vale do Côa. Dinâmicas de uso e ocupação do território*”, que tem como objectivo principal o estudo das dinâmicas de povoamento da Pré-história Recente no Vale do Côa. O trabalho de campo foi realizado no sítio do Texugo.

Em artigo recente, relativo à intervenção arqueológica nas Pedreiras do Poio (Magalhães et al. 2020:103-104), elaboramos uma pequena síntese sobre o estado da arte dos projectos que se têm dedicado à Pré-história Recente no Vale do Côa. Não iremos aqui repetir, mas torna-se agora importante acrescentar a existência de novos estudos a decorrer naquele vale. Esses projectos foram seleccionados por júri internacional no âmbito do concurso “*Projetos de Investigação Científica e Desenvolvimento Tecnológico para a Promoção de atividades de I&D de âmbito interdisciplinar e pluridisciplinar a realizar na região do Vale do Côa*”. Um desses projectos, *LandCraft - os contextos socio-culturais da arte da Pré-história Recente no vale do Côa*, compreende a análise de contextos arqueológicos de

locais igualmente enunciados no PIPA aqui referido. Desta forma, tornou-se premente a formação de uma parceria entre estes dois projectos.

1. O Sítio; georeferenciação, caracterização, participantes, datas e enquadramento.

O sítio do Texugo, de um ponto de vista geomorfológico, localiza-se num cabeço de aspecto cónico, em esporão, sobranceiro ao rio Côa, na sua margem esquerda. É um local visualmente imponente, com encostas inclinadas e rochosas à excepção do seu flanco Oeste, onde se abre o colo de acesso ao sítio. Tem uma cota de 295m acima do nível do mar. Localiza-se entre as pedreiras do Poio e o monte do Fariseu. Geologicamente, localiza-se em terrenos do Supergrupo Diúrico-Beirão (“Complexo xisto-grauváquico”) na formação da Desejosa, composta por filitos cloríticos com intercalações de metagrauvas e rochas calcossilicatadas. Esta é uma formação alóctone (Ribeiro 2001).

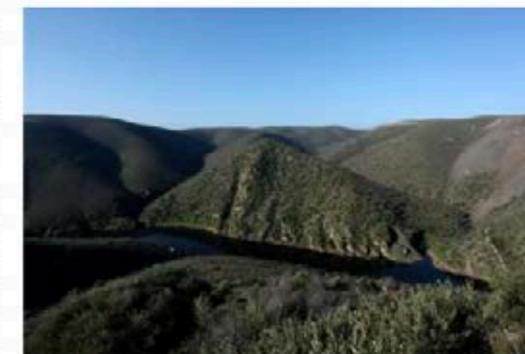


Fig. 1: Enquadramento do sítio do Texugo entre o vale da Figueira e o vale do Videiro, visto da margem Norte do Rio Côa

¹ CEAACP/UC, Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património/Universidade de Coimbra.

² Fundação Côa Parque; CEAACP/UC.

³ Fundação Côa Parque.

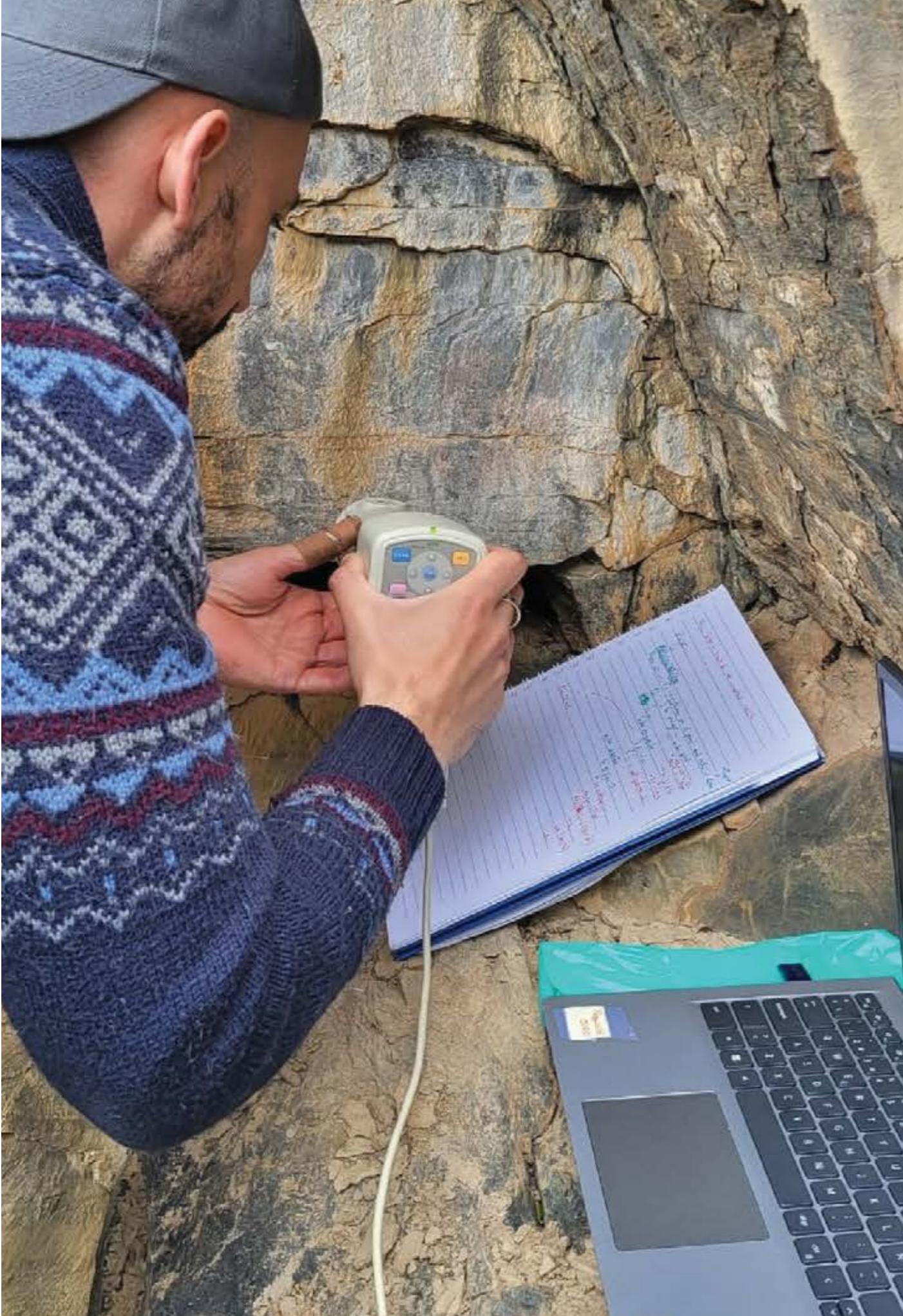
⁴ Direcção Geral do Património Cultural; CEAACP/UC.

⁵ Na fase final de preparação deste artigo, foram os autores surpreendidos, assim como todos aqueles que se interessam pelo Vale do Côa, pela triste notícia do falecimento súbito de Bruno Navarro, Presidente da Fundação Côa Parque. Tendo este projecto sido acarinhado e apoiado desde o início por Bruno Navarro, os autores prestam assim pública e sincera homenagem a quem soube impor a investigação científica em várias áreas do conhecimento como um dos rumos de futuro para o Vale do Côa.

O acesso ao sítio é feito por caminho de terra batida desde a estrada que dá acesso às pedreiras do Poio e depois por caminho de pé posto, atravessando a Quinta do Texugo.

Este sítio foi identificado no Verão de 2005 por Mário Reis, um dos colaboradores deste projecto de investigação, no âmbito do seu trabalho de prospecção de arte rupestre no Parque Arqueológico do Vale do Côa





Caracterização e conservação dos sítios com arte rupestre

Teresa Rivas | Vera Caetano | Fernando Carrera
António Batarda Fernandes | Lara Bacelar Alves
Isabel Maria Almeida Fonseca | João Muralha
José Santiago Pozo-Antonio | Pablo Barreiro

No projecto **LandCRAFT** existiam duas tarefas intimamente interligadas, a tarefa (4) intitulada “Conservação de sítios com arte rupestre e planos de gestão do património” e a tarefa (5) “Análises físico-químicas”. A abordagem dessas duas tarefas tinha diversos objetivos, mas, em última instância, visava a elaboração de planos de gestão para cada um dos locais com arte rupestre incluídos no projeto, contemplando intervenções de conservação e apresentação. Complementarmente, a tarefa 5 (análises) poderia fornecer resultados de interesse para outras tarefas e, em termos gerais, um melhor conhecimento da arte rupestre do Côa.

A elaboração desses planos de gestão foi realizada em várias etapas. Inicialmente foi realizada uma avaliação do estado de conservação dos sítios de arte rupestre. Durante esta etapa foi realizado um registo gráfico e fotográfico das superfícies rochosas com arte rupestre e elaborado um mapa de distribuição das alterações. Para o efeito, foi formulada uma série de fichas de campo que permitiriam compilar toda a documentação e informação necessária para as fases seguintes do trabalho. Estas fichas de campo tornaram-se um instrumento fundamental, servindo de base à organização de informação essencial para a primeira análise *in loco*, mas também integrando dados sobre a medição dos agentes, o estudo da vulnerabilidade e do risco, e ainda a base para a conceção de ações de conservação.

No esquema de trabalho, a medição da gravidade das ameaças pareceu ainda mais relevante do que o diagnóstico em si. O objetivo era conhecer a probabilidade e intensidade de interação dos diferentes agentes de deterioração com as sensibilidades do objeto. Assim, foi empreendida uma estratégia bastante exigente de medição de agentes e ameaças. Para tal, foram estudadas as componentes ambientais e o ambiente físico da arte rupestre: aspetos geológicos, considerações geotécnicas, parâmetros ambientais e microclimáticos, fatores bióticos e antrópicos, etc.

O resultado desta primeira fase permitiu definir as hipóteses que explicam a deterioração das pinturas e consequentemente planejar o problema do ponto de vista analítico: caracterização mineralógica e petrográfica das rochas que albergam a arte rupestre e das crostas naturais que cobrem os painéis com arte rupestre e estudo da composição e tecnologia das pinturas. Esta fase analítica foi realizada com técnicas não destrutivas aplicáveis *in situ* (espectrofotometria da cor, espectroscopia Raman, espectrometria de fluorescência de raios X, técnicas

fotográficas multiespectrais) e, após amostragem supervisionada pela equipa de arqueologia e conservação, com técnicas analíticas laboratoriais (microscopia eletrónica de varrimento, espectroscopia de infravermelho por transformada de Fourier (FTIR), difracção de raios X...). Os resultados destas análises permitiram diagnosticar definitivamente o estado de conservação e elaborar o mapa de vulnerabilidades e riscos a que a pintura rupestre está exposta.

Os fatores de deterioração mais relevantes das pinturas rupestres são os que estão implicados na meteorização dos maciços rochosos: a água que escorre pelas paredes com arte rupestre desempenha um papel determinante na formação de crostas superficiais que reduzem a leitura das pinturas e podem comprometer a sua estabilidade. A disjunção dos blocos é outro fator importante, que afeta a estabilidade dos sítios que albergam arte rupestre. As análises *in situ* e laboratoriais permitiram ainda identificar os componentes dos pigmentos: são formados por óxidos de ferro do tipo hematita e goethite, não sendo possível confirmar a existência de qualquer substância aglutinante.

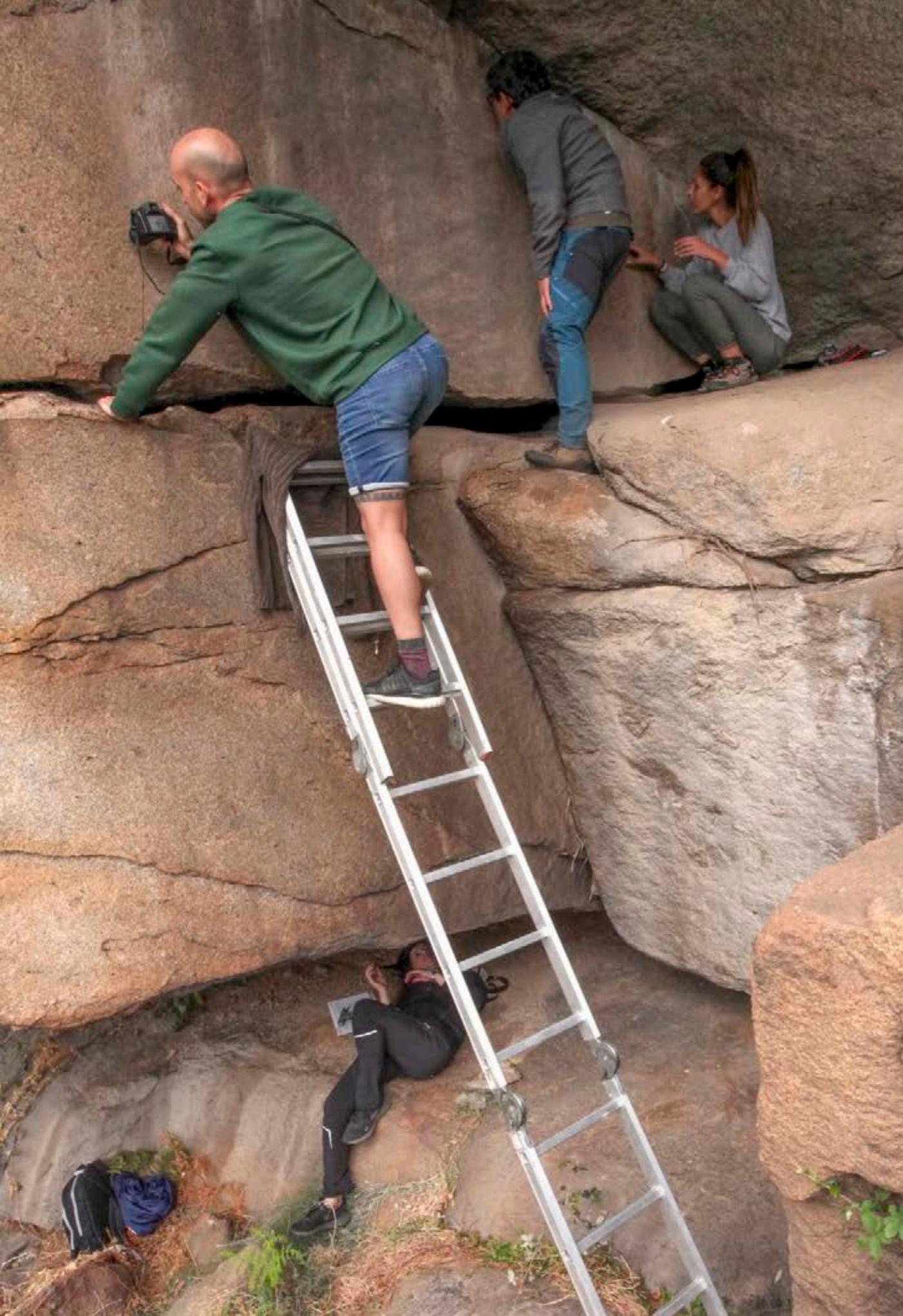


Fig. 1 - Esta figura ilustra muito bem o que consideramos pioneiro num projeto desta natureza. As equipas de arqueologia (representada pela Lara Bacelar Alves, em baixo), analítica (pelo Santiago Pozo-Antonio ao centro) e de conservação (Fernando Carrera e Vera Caetano, no topo direito) em campo, simultaneamente a trocar impressões, permitindo que as ações de conservação se harmonizem com os questionamentos mais prementes no estudo da arte, orientando as metodologias para a resolução dos problemas específicos, ao invés de se aplicarem procedimentos pré-estabelecidos tantas vezes desvinculadas das problemáticas arqueológicas. O que chamamos de um verdadeiro projeto multidisciplinar onde, efetivamente, se promove a intersecção de conhecimento no curso da investigação.



Fig. 2 – Para uma análise mais profunda do estado de conservação dos elementos pétreos e das camadas pictóricas, assim como dos produtos de alteração que se vão sobrepondo às superfícies é fundamental recorrer a equipamentos de exame mais minuciosos, como lupas e microscópicos digitais. Estes aparelhos tornam-se imprescindíveis para os trabalhos de campo, podendo observar-se com mais clareza, até as matérias que se pretendem recolher para análise laboratorial.

Fig. 3 (ao lado) e Fig. 4 (em baixo) – Exemplos de trabalhos de medição e monitorização dos agentes de degradação no abrigo das Lapas Cabreiras.

A figura 3 representa a medição de temperatura e humidade da superfície pétreia com termómetro (laser) e medidor de humidade de contacto. A figura 4 mostra-nos a aplicação de um *datalogger* para medição das condições microclimáticas no interior do abrigo, determinando a influência e as interações que estas podem hipoteticamente ter na preservação das pinturas pré-históricas neles existentes e com objectivo último de avaliar a sua influência na dinâmica da formação de crostas de precipitação, bem como a sua estabilidade futura.





Fig. 5 – Medição e monitorização da estabilização estrutural dos afloramentos para o estudo geotécnico realizado por Luis Jordá Bordehore da Universidad Politécnica de Madrid, com Fernando Carrera, a aplicar fissurómetros e níveis de bolha no Poço Torto (à esquerda e centro) e nas Lapas Cabreiras (à direita).

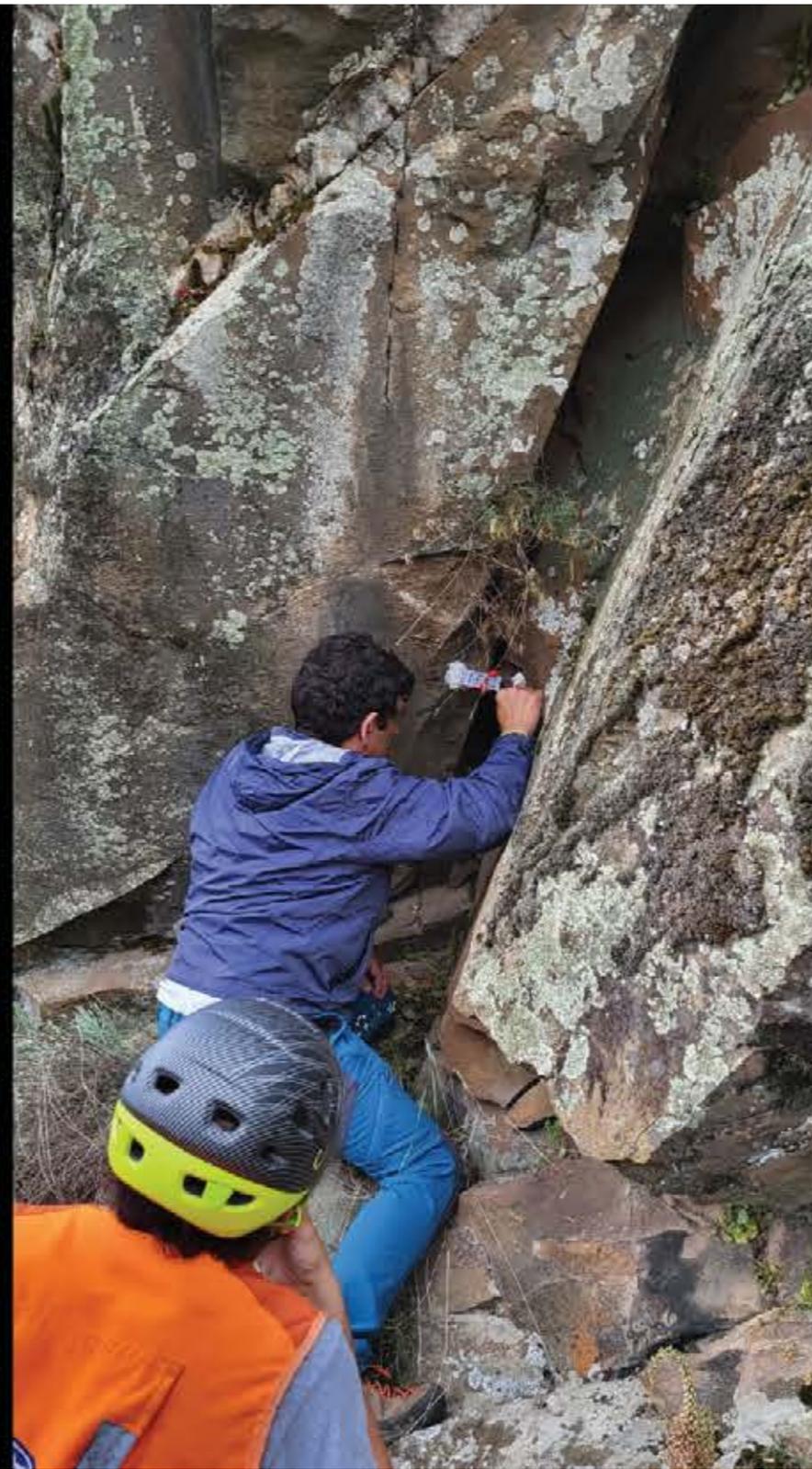




Fig. 6 – Exames realizados em *in situ* pela Universidade de Vigo em colaboração com o Incipit-CSIC - Consejo Superior de Investigaciones Científicas. À esquerda: espectrometria de fluorescência de raios X (FRX) no painel 2 do abrigo do Poço Torto, realizado por Lucía Pereira e Lois Armada, com Santiago Pozo-Antonio, Lara Bacelar Alves e Teresa Rivas Brea; à direita: espectrofotometria da cor no painel 3 da rocha 60 de Ribeira de Piscos, realizado por Santiago Pozo-Antonio.



Fig. 7 (em cima, à esquerda) – Exame de espectroscopia Raman no painel 1 da rocha 60 de Ribeira de Piscos, realizado por Pablo Barreiro da Universidade de Vigo.

Fig.8 (em cima, à direita)- Exame com técnicas fotográficas multiespectrais aplicadas no painel 2 do abrigo do Poço Torto realizado por Lucía Pereira do Incipit-CSIC.

Fig. 9 (em baixo)– Recolha de amostras realizada por Vera Caetano e Lara Bacelar Alves no abrigo 2 do Ervideiro, à esquerda; e por Teresa Rivas Brea e Santiago Pozo-Antonio no abrigo das Lapas Cabreiras, à direita. Estas recolha de material pétreo em áreas sem pinturas, possuem crostas específicas na sua superfície e servirão para a determinação da composição das mesmas em análises laboratoriais realizadas pela Universidade de Vigo.



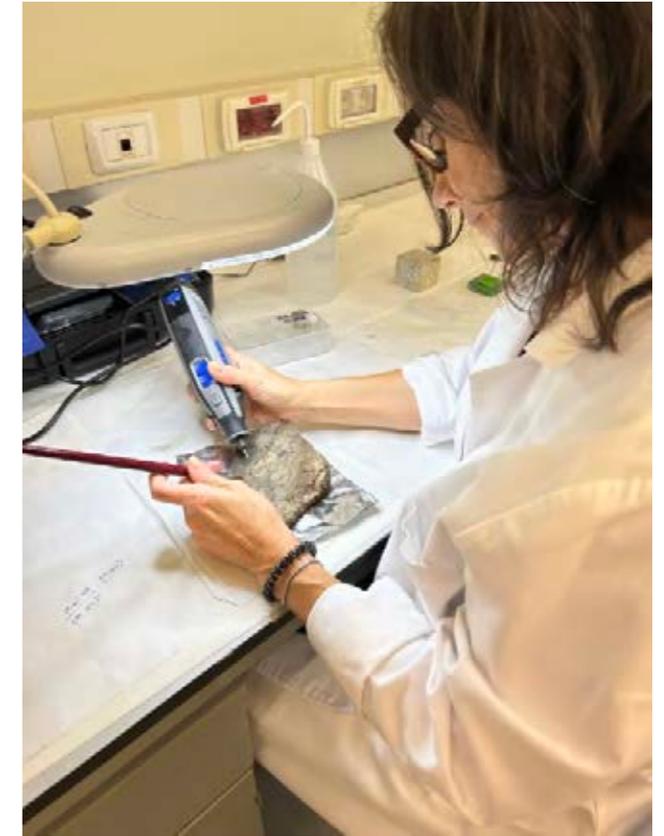


Fig. 10 (página ao lado) - As crostas são muito abundantes, tanto sobre como sob as pinturas, o que por essa razão reduzem a leitura das pinturas muitas vezes e podem comprometer a sua estabilidade. Este facto também é muito importante porque tem-se vindo a constatar em todas as crostas a contribuição biótica (cianobactérias), o que poderá ter fortes possibilidades para processos de datação. Constatou-se ainda diferentes naturezas químicas (Fe-Mn, Si-Al, oxalato de cálcio e gesso) aparentemente dependentes do tipo de substrato, mas também do meio ambiente (no mesmo abrigo aparecem crostas de diferente natureza, como em Lapas e Ervideiro). Na figura, os sítios: a) Lapas Cabreiras; b) Ervideiro; c) Colmeal; d) Vale de Videiro.

Fig. 11 (à esquerda) - A aplicação da microscopia petrográfica na caracterização das rochas e crostas que constituem cada um dos afloramentos rochosos onde se situam os painéis pictóricos é essencial para conhecer o tipo de rocha, a presença de minerais acessórios, o estado de alteração da rocha e a estrutura das crostas geradas que em muitos casos se estenderam pelas pinturas pré-históricas. Nesta figura Teresa Rivas Brea e Santiago Pozo-Antonio discutem a presença de minerais opacos em lâminas finas obtidas em rochas graníticas recolhidas em Foz Coa.

Fig. 12 (ao centro) - A visualização das amostras sob estereomicroscopia permite um maior conhecimento sobre a intensidade e o grau de cobertura dos diferentes tipos de crostas desenvolvidas nas rochas dos afloramentos. Na imagem Teresa Rivas Brea e Santiago Pozo-Antonio observam o aparecimento de uma das crostas ricas em silício que estão presentes na superfície rochosa do sítio Lapas Cabreira.

Fig. 13 (à direita) - A colheita de amostras, sempre que possível, é fundamental para se poder realizar um estudo exaustivo da composição das crostas presentes nos afloramentos. Uma vez no laboratório, a decisão de quais as técnicas analíticas que serão aplicadas é essencial para planear a metodologia de trabalho. Nesta imagem Teresa Rivas Brea está a extrair amostras superficiais de uma crosta desenvolvida no granito Lapas Cabreira para realizar diferentes análises com o objetivo de conhecer a composição desta crosta.

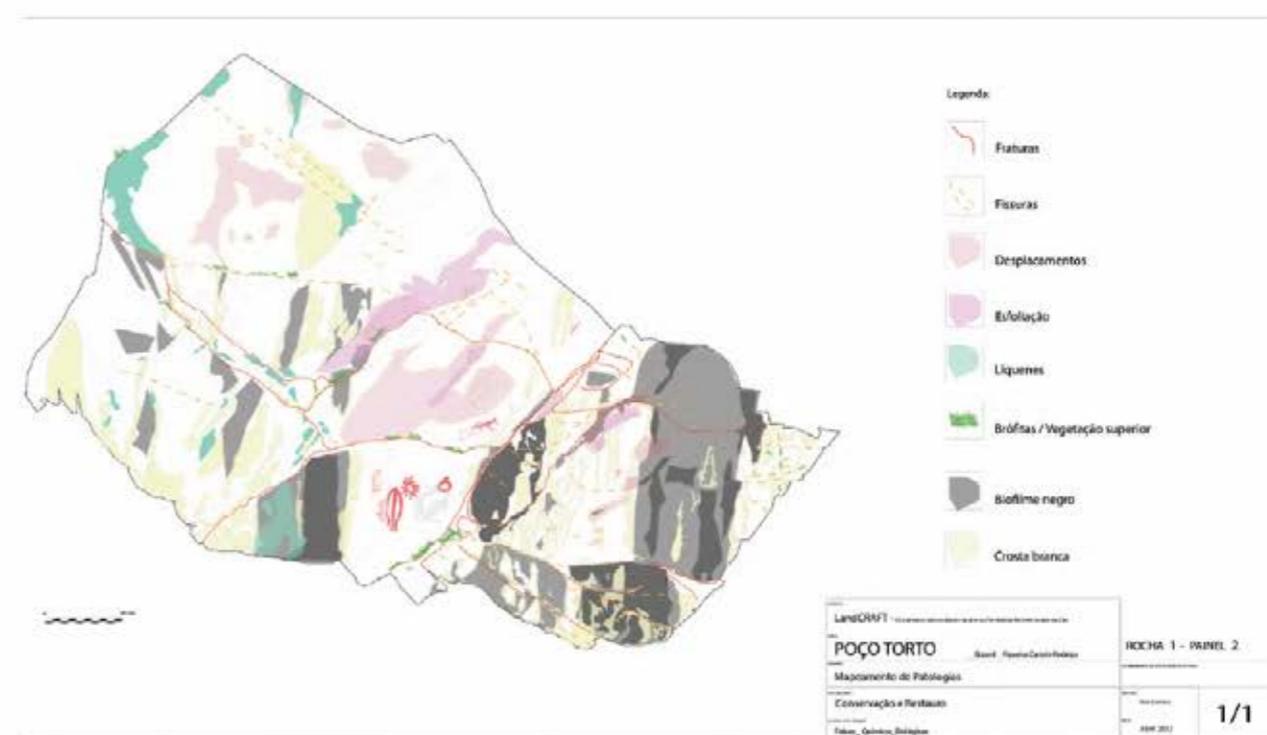
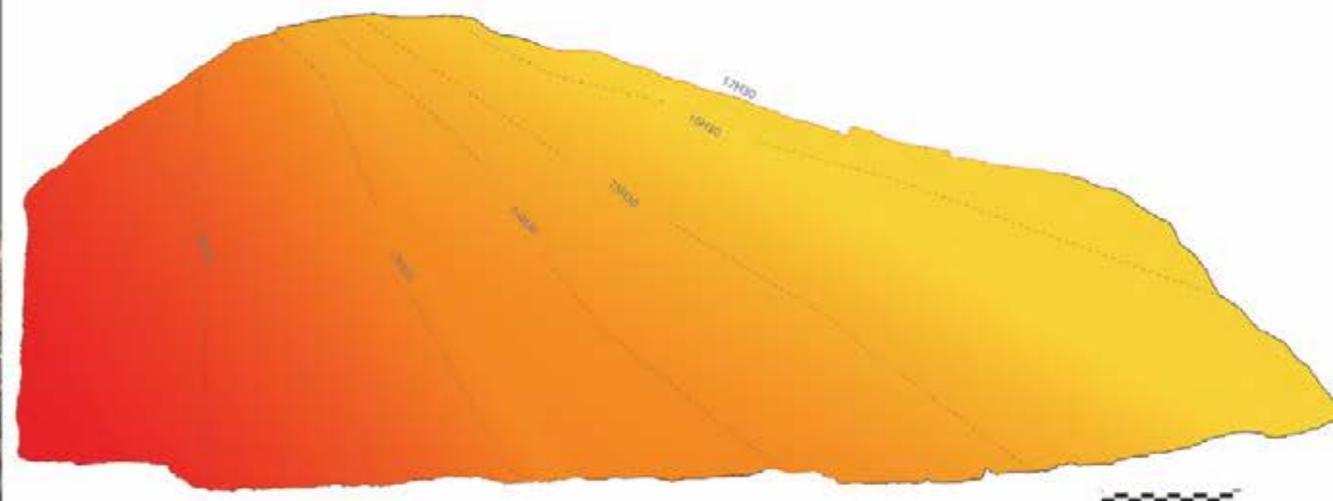


Fig. 14 (em cima) - Imagem superior esquerda: exemplo de um mapa hidrológico que regista a escorrência de águas pluviais e zonas de água estacionária (abrigo das Lapas Cabreiras); Imagem inferior esquerda: exemplo de um mapa de medições de Temperatura (a vermelho) e Humidade (a azul) da superfície do painel 1 do abrigo 1 do Colmeal. Este tipo de registo permite-nos entender os níveis de T^a e H em diversos pontos da superfície pétrea, podendo obter informações relativas à concentração de humidade e calor, mas também, zonas com maior evaporação e rápida secagem, zonas mais expostas ou mais abrigadas, etc.; Imagem superior direita: exemplo de mapa de radiação solar (painel 1 do abrigo das Lapas Cabreiras). Este registo permite-nos avaliar o tempo em que cada zona do painel está exposta à radiação solar direta; Imagem inferior direita: exemplo de mapeamento de alterações do painel 2 do abrigo do Poço Torto.

Fig. 15 (página ao lado) - Acções de limpeza superficial como ferramenta de auxílio nos registos da arte rupestre. Aqui podemos verificar a diferença entre o antes e o depois das limpezas no painel 3 da rocha 60 de Ribeira de Piscos. Com a remoção da sujidade, que aparentemente se deve à deposição de material argiloso (lama) por escorrência do afloramento e resultado de episódios de cheias, foi possível revelar mais um motivo pintado.

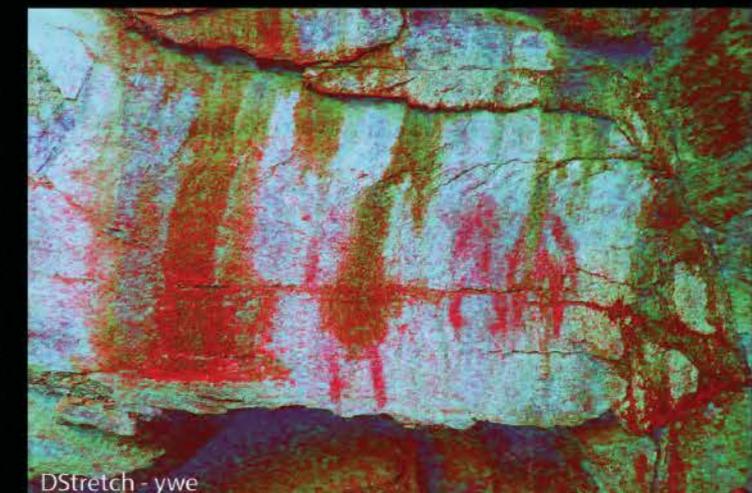
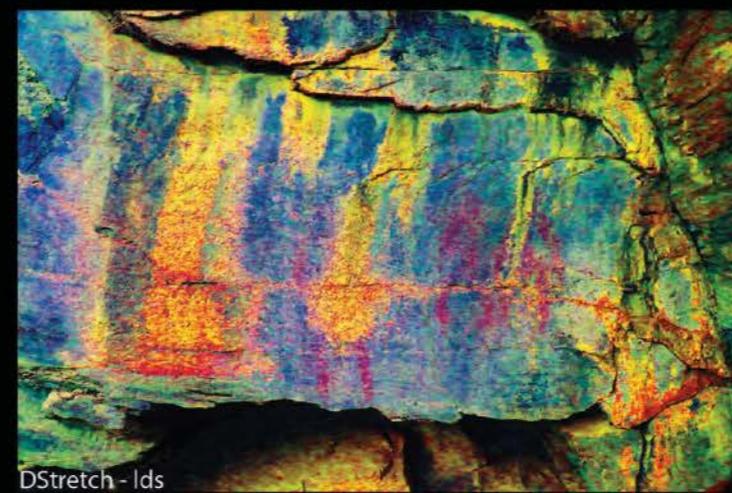
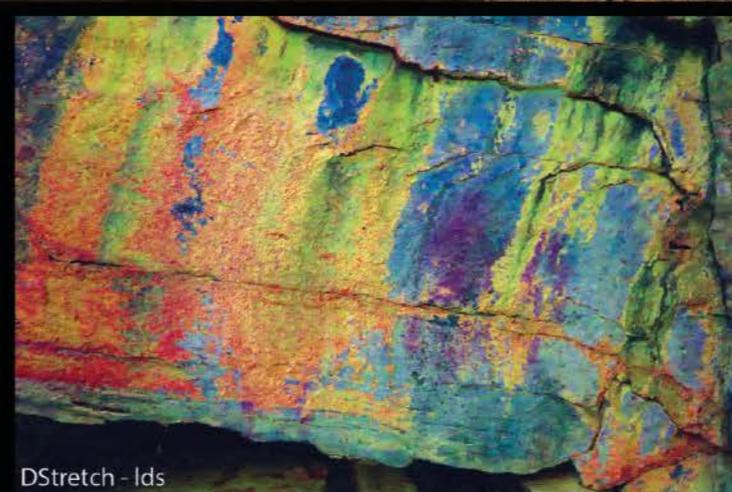






Fig. 16 - A tarefa de conservar a arte rupestre ao ar livre requer ferramentas específicas, mais complexas. A magnitude e responsabilidade desses desafios ultrapassam a atividade convencional de conservação, centrada na “intervenção direta”, exigindo uma gestão mais ampla de paisagens e territórios culturais. Como exemplo disso é o caso do Vale de Videiro onde podemos verificar que os detritos da Pedreira do Poio quase “engolem” a rocha 2, com pinturas, na zona indicada pela seta. Outro exemplo, é o sítio da Ribeira de Piscos onde os recorrentes episódios de cheias, promovidos pela presença da ensecadeira, cobrem por completo os painéis pintados, como podemos verificar nas imagens em baixo.

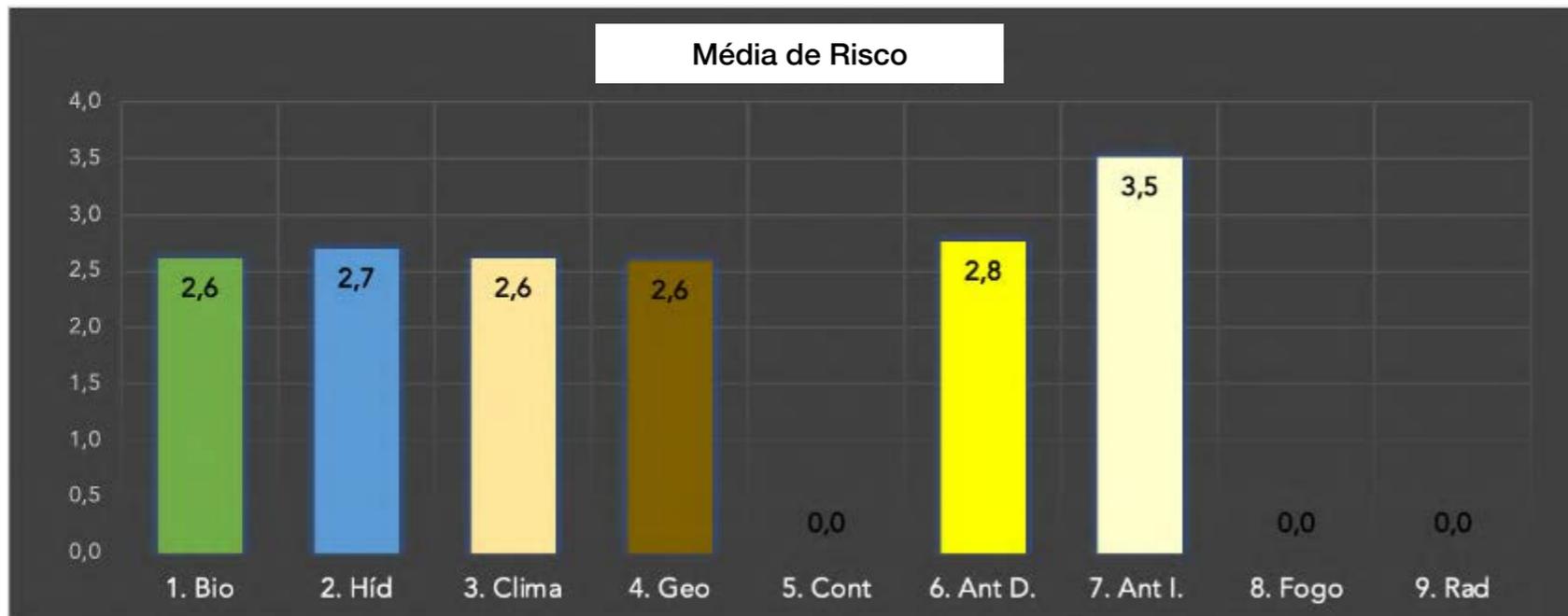


Gráfico 1

Com todas as informações acima referidas (danos constatados, fatores de alteração, propriedades dos objetos), foi feita uma estimativa do risco de danos futuros para cada um dos sítios. Esse cálculo permite compreender que fatores poderão ter um maior impacto no futuro e, em consequência, desenvolver medidas de gestão, proteção e conservação adequadas a cada local. Por exemplo, no sítio da Ribeira de Piscos, o risco médio (Gráfico 1) é de 2,15 (num máximo de 4), destacando-se os fatores antrópicos, relacionados tanto com a visita pública como com a existência de infraestruturas (ensecadeira) que poderão causar danos na pintura pré-histórica.

Em suma, com todos os elementos de análise descritos, estaremos em condições de desenvolver um Plano de Gestão do conjunto, que deverá definir, por um lado, as ações de

conservação: intervenções iniciais, ações de apresentação ou exibição iniciais; ações de manutenção permanente e ações de inspeção e monitorização.

Mas também as ações de gestão de todo o programa, como: gestão e atendimento ao público; gestão da visita virtual ou aspetos relacionados com o financiamento e gestão do próprio plano.

Nos sítios selecionados para a apresentação, entende-se que este plano é também uma oportunidade para implementar boas práticas de visita, refletidas na existência de materiais de divulgação atrativos que, juntamente com a formação específica dada à comunidade local, poderão tornar a visita uma experiência lúdica e agradável, mas também pedagógica e informativa

PROPOSTAS METODOLÓGICAS PARA A CONSERVAÇÃO DOS SÍTIOS COM PINTURAS RUPESTRES DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE NO VALE DO CÔA

Vera Moreira Caetano¹, Fernando Carrera², Lara Bacelar Alves³, António Batarda Fernandes⁴, Teresa Rivas⁵, José Santiago Pozo-António⁶

RESUMO

No âmbito do projeto de investigação LandCRAFT, apresentamos as estratégias para a proteção e conservação de um conjunto de abrigos com pinturas rupestres pertencentes à tradição de Arte Esquemática no vale do Côa. O projeto desenvolve-se numa estratégia de investigação pioneira em Portugal, constituído por uma equipa multidisciplinar que estabelece uma nova abordagem metodológica e científica aliando estritamente, desde o seu início, o conhecimento em Arqueologia e Conservação do Património Cultural. Este projeto, em curso, tem como premissa o estudo da arte rupestre na sua relação íntima com a arquitetura natural do lugar e com a paisagem envolvente. Esta metodologia de abordagem será determinante para alicerçar as bases necessárias na gestão dos sítios que garantam, a longo prazo, a salvaguarda desta herança ancestral.

Palavras-chave: Vale do Côa; Arte Rupestre; Conservação; Património cultural.

ABSTRACT

As part of the LandCRAFT research project, this paper presents the strategies for the protection and conservation of an assemblage of rock shelters with prehistoric paintings belonging to the Schematic Art tradition in the Côa valley. The project is developing a pioneering research strategy in Portugal, involving a multidisciplinary team that established new methodological and scientific approaches by strictly combining, from its inception, knowledge from Archaeology and Conservation of Cultural Heritage. This ongoing project is based on the study of rock art in its intimate relationship with the natural architecture of the place and the surrounding landscape. This methodology of approach will be decisive in establishing the necessary bases in the management of the sites that guarantees, in the long term, the safeguarding of this ancestral heritage.

Keywords: Côa Valley; Rock Art; Conservation; Cultural heritage.

1. Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP/FCT), Universidade de Coimbra, 3004-531 Coimbra, Portugal / vera.mcaetano@gmail.com

2. RAC, Rock Art Conservation and Management. Vigo, 36202, España / rac.fcarrera@gmail.com

3. Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP/FCT), Universidade de Coimbra, 3004-531 Coimbra, Portugal / lara.b.alves@uc.pt

4. Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP/FCT), Universidade de Coimbra, 3004-531 Coimbra, Portugal; Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP); Direção Regional de Cultura do Centro / batarda@outlook.com

5. CINTECX, grupo GESSMin, Dpto. de Enxenaria dos Recursos Naturais e Medio Ambiente, Escola de Enxenaria de Minas e Enxerxia, Universidade de Vigo, 36310 Vigo, España / trivas@uvigo.gal

6. CINTECX, grupo GESSMin, Dpto. de Enxenaria dos Recursos Naturais e Medio Ambiente, Escola de Enxenaria de Minas e Enxerxia, Universidade de Vigo, 36310 Vigo, España / ipocho@uvigo.gal

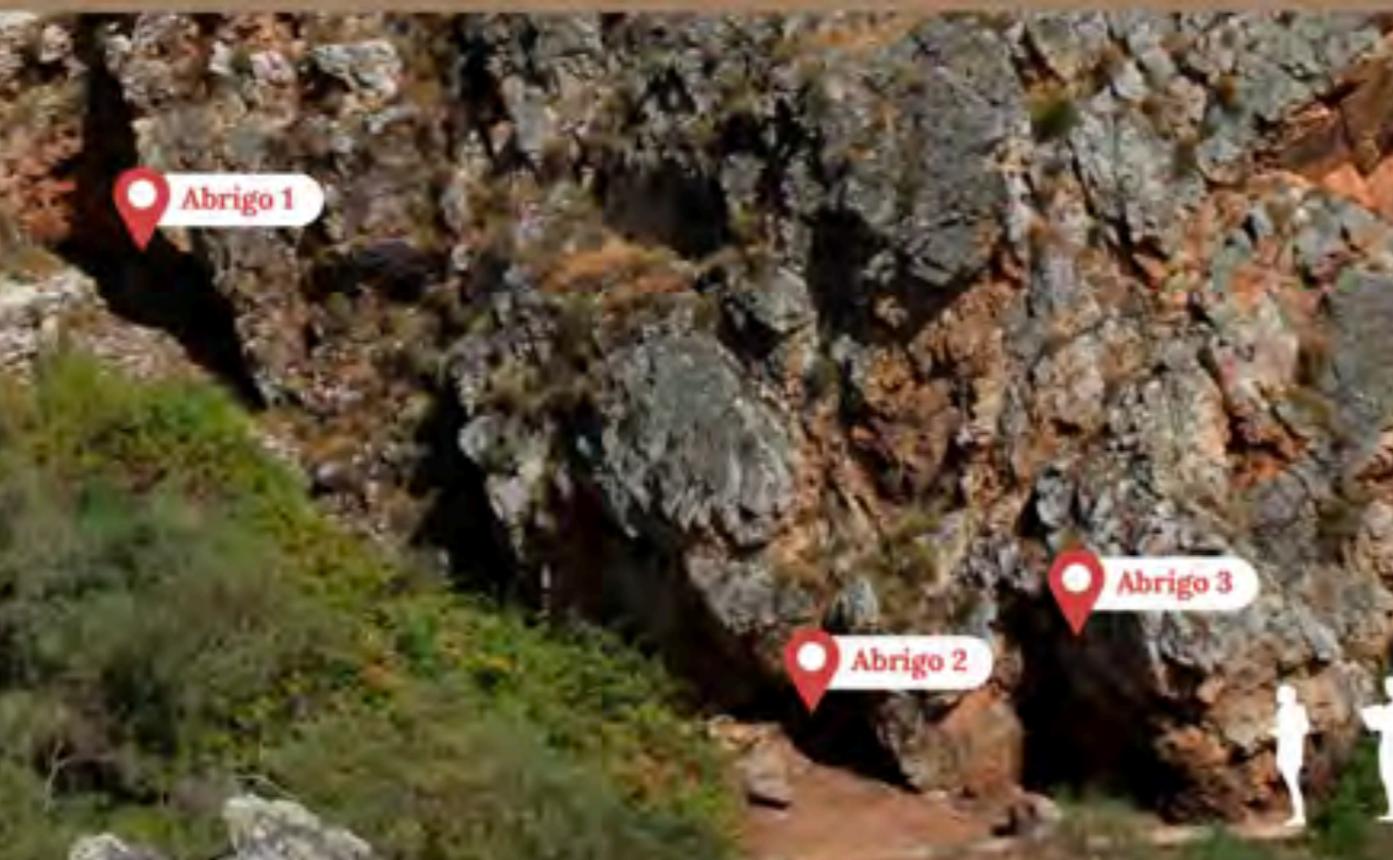


Para saber mais sobre os trabalhos de conservação realizados no âmbito do **LandCRAFT**, sugerimos a leitura do texto “Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com pinturas rupestres da Pré-história Recente no vale do Côa”, [disponível aqui](#).



A Arte Rupestre do Colmeal

As pinturas rupestres que ocorrem nas paredes rochosas deste maciço quartzítico per artística pré-histórica que se convencionou chamar Arte Esquemática, tipificada pela humana reduzida aos seus elementos mais básicos, por vezes mesmo simplificada em tradição surgiu na Península Ibérica com a introdução da agricultura e pastorícia no Neolítico e prolongou-se até à Idade do Bronze (início do 2º milénio AC).



Abrigo 1: Conjunto de figuras humanas enquadradas no painel superior direito.



Abrigo 1: representações de figuras humanas na superfície do lado esquerdo.



Abrigo 2: Figura humana representada em forma de cruz e barra vertical.

Gestão e valorização pública dos abrigos com arte rupestre

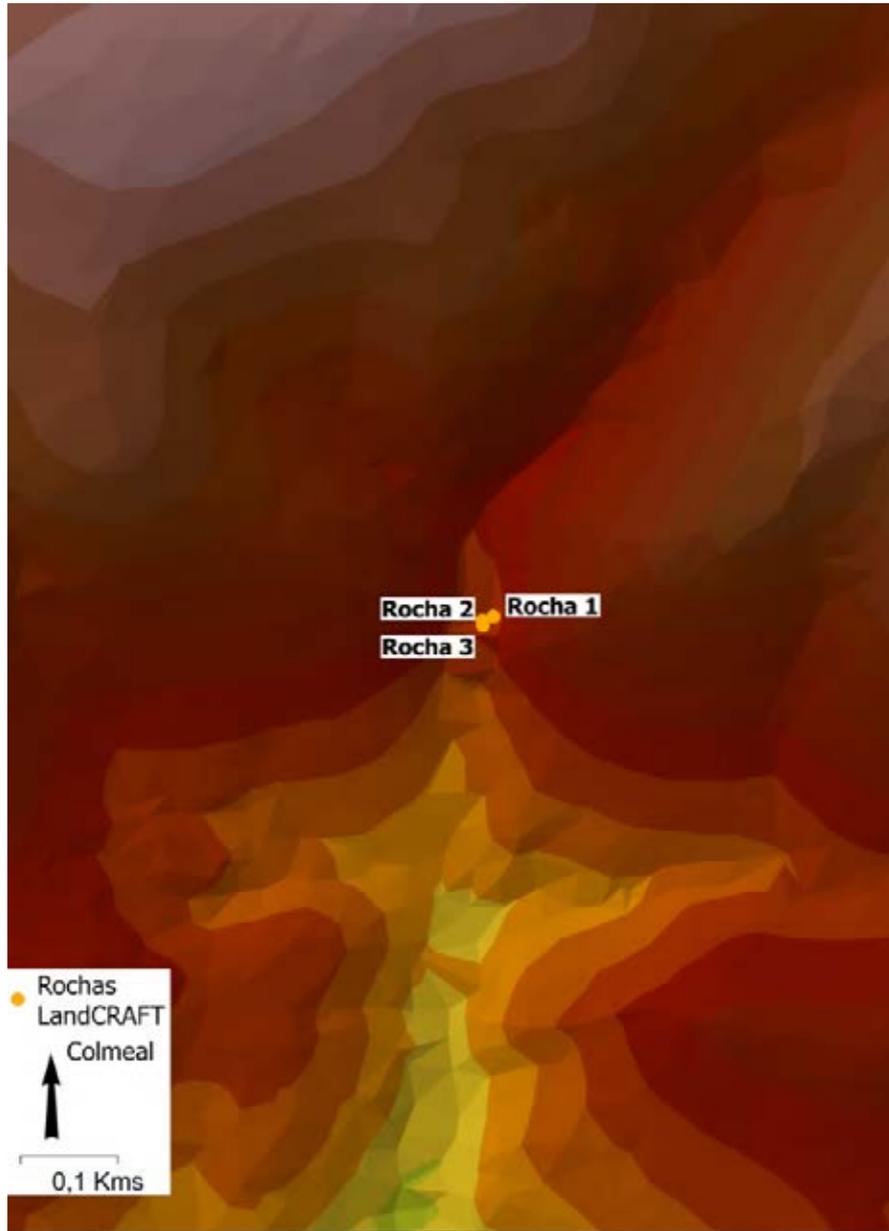
António Batarda Fernandes | Lara Bacelar Alves
Teresa Rivas | Vera Caetano | Fernando Carrera
Isabel Maria Almeida Fonseca | João Muralha
José Santiago Pozo-Antonio | Pablo Barreiro

Para além das questões de conservação material das expressões artísticas pré-históricas existentes nos Abrigos que são o foco do **LandCRAFT**, o projeto pretende igualmente desenvolver esforços no que diz respeito à valorização deste acervo rupestre, nomeadamente através da criação dum programa de gestão da visita pública. Acredita-se ser essencial para a sua preservação futura, assim como apreciação tanto por visitantes como pela comunidade local, a partilha pública, de forma informada, deste património *sui generis*.

A primeira tarefa neste âmbito foi a de seleccionar de entre os Abrigos abrangidos pelo projeto aquele, ou aqueles, que teriam condições para beneficiar dum programa de visita pública. O primeiro critério de escolha foi o da visibilidade dos motivos de arte rupestre. O segundo teve que ver com a facilidade de acesso do Abrigo, estando o terceiro diretamente ligado com este, pois crê-se que sítios com boa acessibilidade devem ser geridos de forma preventiva, implantando medidas que possam prevenir consequências negativas da sua exposição pública, como sejam vandalismo ou sobre visitação. Por outro lado, esta é também uma oportunidade de implementar boas práticas de visita,

traduzidas na existência de materiais de divulgação cativantes que, juntamente com formação específica ministrada junto da comunidade local, possam tornar a visita numa experiência lúdica e prazenteira, mas também pedagógica e informativa.

O Colmeal foi um dos sítios escolhidos, uma vez que de todos os Abrigos envolvidos este é aquele que possui a arte rupestre com melhor visibilidade, considerando os seus motivos pintados de cor vermelha. Por outro lado, a sua localização junto à estrada asfaltada que serve a vizinha povoação do Colmeal torna-o facilmente acessível. Finalmente, e registando que recentemente foi rasgado um estradão de terra batida que fornece acesso até às duas superfícies pintadas deste Abrigo (ou, melhor dizendo, conjunto de Abrigos contíguos), julga-se este um sítio que muito beneficiaria com a implementação de um programa de gestão da visitação pública envolvendo, nomeadamente, o empreendimento de Turismo Rural que nos últimos anos tem vindo a dinamizar a aldeia do Colmeal. Note-se que esta aldeia ficou deserta de habitantes em 1957. Para uma introdução à sucessão de eventos algo rocambolescos que levou a tal, [clique aqui](#).





Como eram feitas as Pinturas Rupestres?

Fragmentos de ocre vermelho - seixos de tom avermelhado encontrados amíde junto dos abrigos - eram reduzidos a pó e misturados com água ou gordura (animal ou vegetal). A tinta assim produzida era aplicada directamente na superfície rochosa com o dedo. Embora não exclusiva, esta era a técnica mais utilizada. Com o passar do tempo, a tinta foi sendo absorvida pela rocha, o que explica, em parte, a sua conservação até hoje.

A investigação arqueológica de arte rupestre pressupõe a documentação e registo de cada motivo pintado. Tendo em conta a sua antiguidade e desgaste, muitos deles são já difíceis de visualizar. Porém, as novas tecnologias digitais permitem hoje manipular as cores por forma a obtermos imagens de grande detalhe e definição que facilitam o estudo das suas formas, das técnicas pictóricas, de como as composições foram concebidas mas também na monitorização do seu estado de conservação a longo prazo.

Uma das apps mais utilizadas por investigadores e visitantes é o D-Stretch criado por Jan Faizal (<https://www.dstretch.com>)

Os abrigos pintados do Colmeal

Preservação

Como se pode facilmente observar, algumas superfícies dos abrigos do Colmeal estão cobertas de riscos feitos, nos últimos anos, por visitantes. Estes actos de vandalismo afectaram directamente pinturas menos perceptíveis à vista desarmada que aqui se conservaram, intactas, há milhares de anos. O carácter especial deste sítio foi respeitado por todas as gerações que por aqui passaram... até hoje.

A VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO NÃO PODE CONDUZIR À SUA DESTRUIÇÃO!

FOIA TÉCNICA

Trota e Regata Gráfico
Lara Bacelar Alves | CEIACP - Universidade de Coimbra

Integratia e Regata Gráfico
Mário Reis | Fundação Cos Parra

Instagram: [landcraft.06](https://www.instagram.com/landcraft.06) Facebook: [landcraft.50](https://www.facebook.com/landcraft.50)

Desde a aldeia do Colmeal o ilhar que segue até ao alto da Marefa estanca na crista rochosa rasgada pelas águas de uma ribeira. Aqui abrem-se as portas monumentais de acesso à serra que, há cerca de 6,000 anos, foram dotadas de um significado especial através da pintura de um conjunto de signos nas superfícies lisas das rochas.

Porque se fixaram estas imagens nas rochas?

Sabemos que estas figuras são símbolos padronizados que acompanhavam um sistema simbólico-ideológico que se expandiu por todo o Mediterrâneo até ao Ocidente da península Ibérica. Não são figuras alcatórias pintadas como actos isolados ou fortuitos. Foram imagens criadas com um propósito intimamente ligado ao significado atribuído pelas comunidades pré-históricas à formação rochosa que ocupam. Estudos de etno-arqueologia em partes do mundo onde abrigos com pinturas rupestre se mantiveram em uso (alguns até hoje!), sugerem que, na sua origem estariam crenças na manifestação do sagrado nestes locais e a eles estariam associadas histórias e lendas transmitidas de geração em geração.

Neste sentido, e sendo esta apenas uma das interpretações avançadas pelos investigadores, podemos imaginar que as motivações para a criação destes sítios não seria tão diferente do que conhecemos sobre lugares de culto contemporâneos erguidos em locais sobre os quais se relatam, um misto entre realidade e lenda, encontros com o sagrado ou entidades divinas.

A Arte Rupestre do Colmeal

As pinturas rupestres que ocorrem nas paredes rochosas deste maciço quartzítico pertencem à tradição artística pré-histórica que se convencionou chamar Arte Esquemática, tipificada pela representação da figura humana reduzida aos seus elementos mais básicos, por vezes mesmo simplificada em forma de cruz. Esta tradição surgiu na Península Ibérica com a introdução da agricultura e pastorícia no Neolítico (5º milénio AC) e prolongou-se até à Idade do Bronze (início do 2º milénio AC).

Abrigo 1: Conjunto de figuras humanas enquadras no painel superior direito.

Abrigo 1: representações de figuras humanas na superfície do lado esquerdo.

Abrigo 2: Figura humana representada em forma de cruz e barra vertical.

Abrigo 3: Figura humana em cruz sob um reticulado, pintada num bloco de rocha.

As medidas a implementar por um programa abrangente de visita pública dividem-se nas seguintes ações:

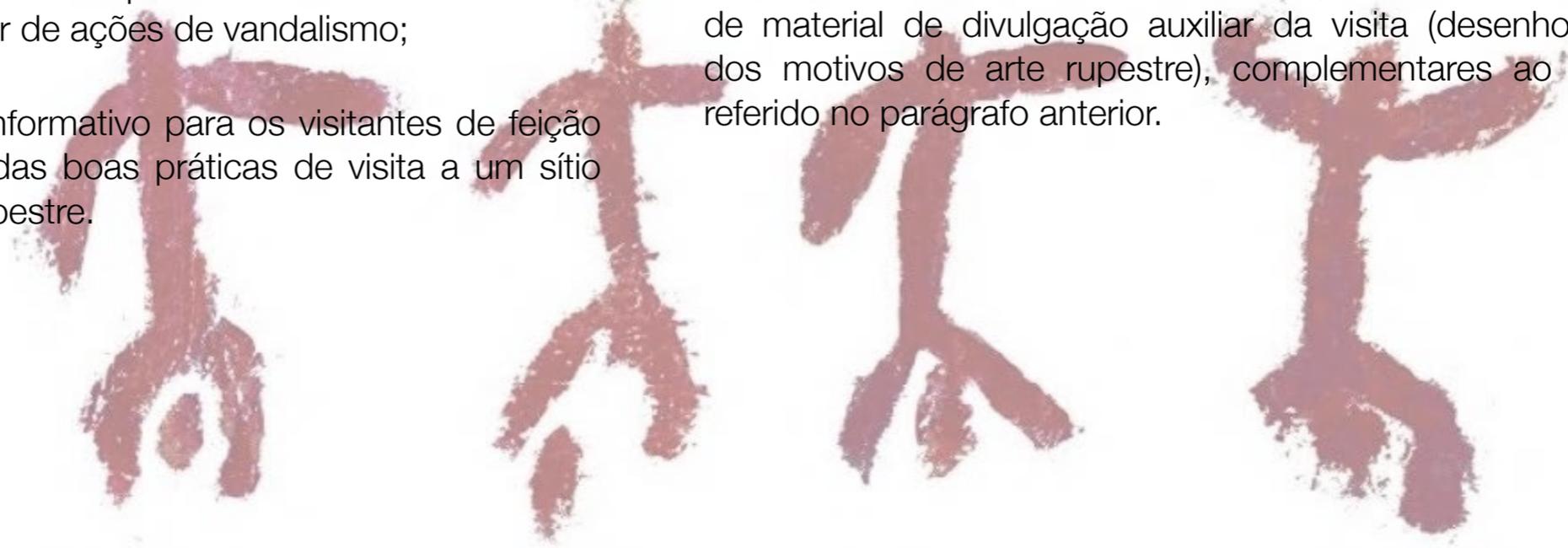
- de forma a reduzir a probabilidade de ocorrência de ações de vandalismo, como sucedido há não muito tempo, prever a instalação de guardas metálicas em frente das duas áreas onde se localizam os painéis pintados. Tal medida não pretende implementar uma estrutura pesada que vede completamente o acesso aos dois painéis. Pelo contrário, trata-se da instalação de guardas simples, não impositivas, que demarquem o espaço público do espaço vital, a não invadir, de preservação da arte rupestre;

- considerar a instalação de um sistema de videovigilância, funcional ou não. Julga-se que a visibilidade junto dos visitantes de tal sistema poderá atuar como fator complementar dissuasor de ações de vandalismo;

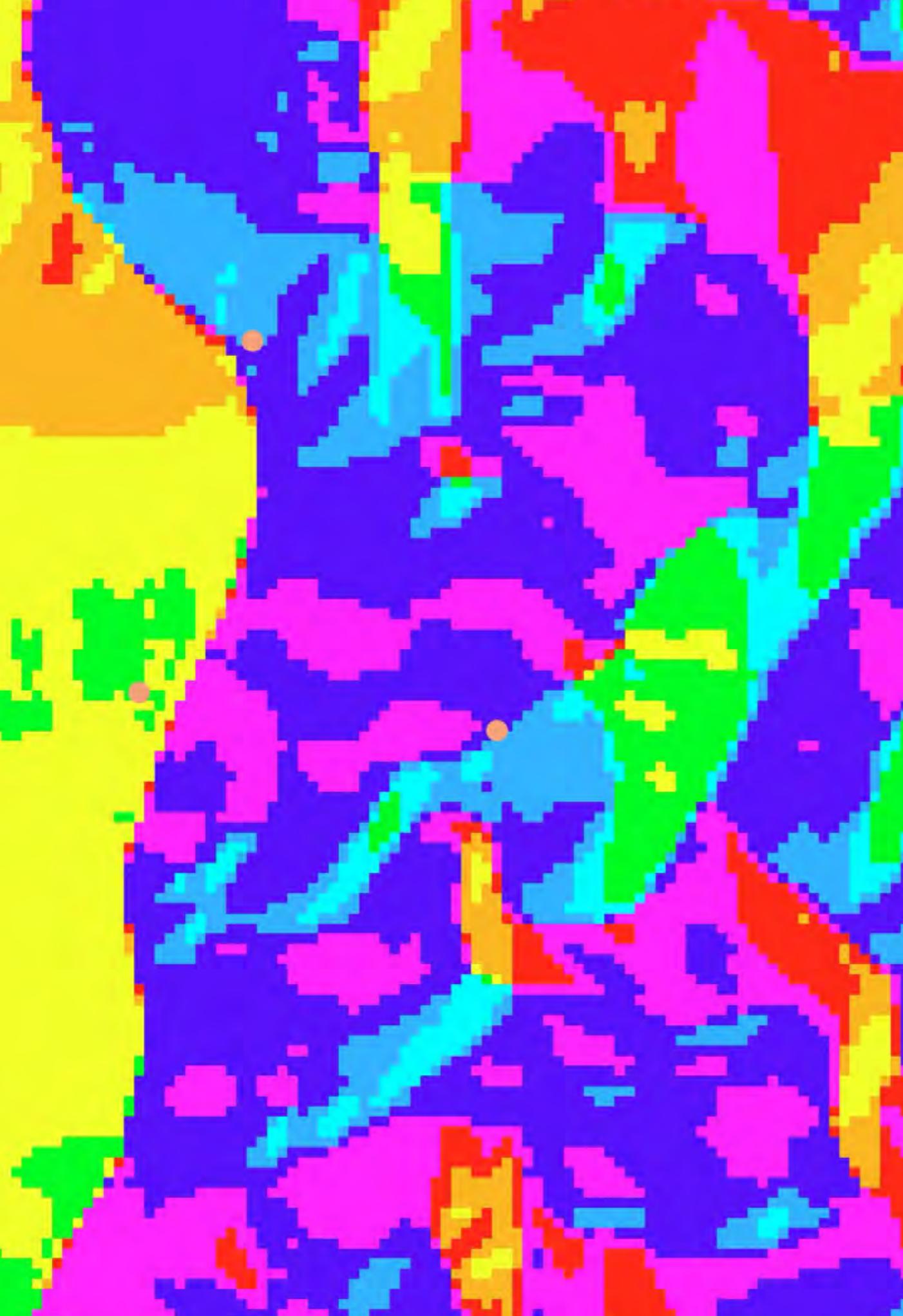
- instalação de painel informativo para os visitantes de feição não impositiva acerca das boas práticas de visita a um sítio arqueológico de arte rupestre.

- criação/distribuição de folheto informativo (ver página anterior) acerca da arte rupestre do Colmeal, seu entorno e interpretação, assim como boas práticas de visita. Este folheto poderá ser fornecido em formato digital através de QR Code disponibilizado através do painel informativo acima notado. Uma versão impressa poderá ser disponibilizada, para além de outros locais, como sejam postos de turismo, alojamentos locais, restaurantes, etc., no empreendimento turístico da aldeia do Colmeal, em articulação com a medida seguinte;

- realizar ações de formação junto da equipa do empreendimento de Turismo Rural, no entanto abertas a outros elementos da comunidade local, com o objetivo de capacitá-los não só para informar os turistas acerca da importância da arte rupestre mas também para realizar visitas ao próprio abrigo. Esta última ação implicaria o fornecimento de material de divulgação auxiliar da visita (desenhos/fotos dos motivos de arte rupestre), complementares ao folheto referido no parágrafo anterior.







SIG

António Batarda Fernandes

No âmbito do **LandCRAFT** foi realizada análise específica em ambiente SIG de várias variáveis que influenciam a conservação dos motivos de arte rupestre alvo de interesse do projeto. Seguindo metodologia antes desenvolvida para a região (Fernandes 2014), foi possível situar cada rocha de arte rupestre relativamente a diferentes dimensões como sejam litologia, meteorologia, inclinação da vertente, orientação e radiação solar, bem como dados relativos a incêndios e a elaboração de mapas hipsométricos.

Tais dados são importantes para a caracterização dos diversos riscos a que os diferentes sítios estão sujeitos, permitindo assim priorizar eventuais de conservação nos painéis de arte rupestre. Os mapas hipsométricos da região e da área envolvente dos vários sítios serão também úteis para fins de ilustração cartográfica do próprio projeto.

Fernandes, A. P. B. 2014. *Natural Processes in the Degradation of Open-Air Rock-Art Sites. An urgency intervention scale to inform conservation. The case of the Côa Valley world heritage site, Portugal.* Oxford: Archaeopress.

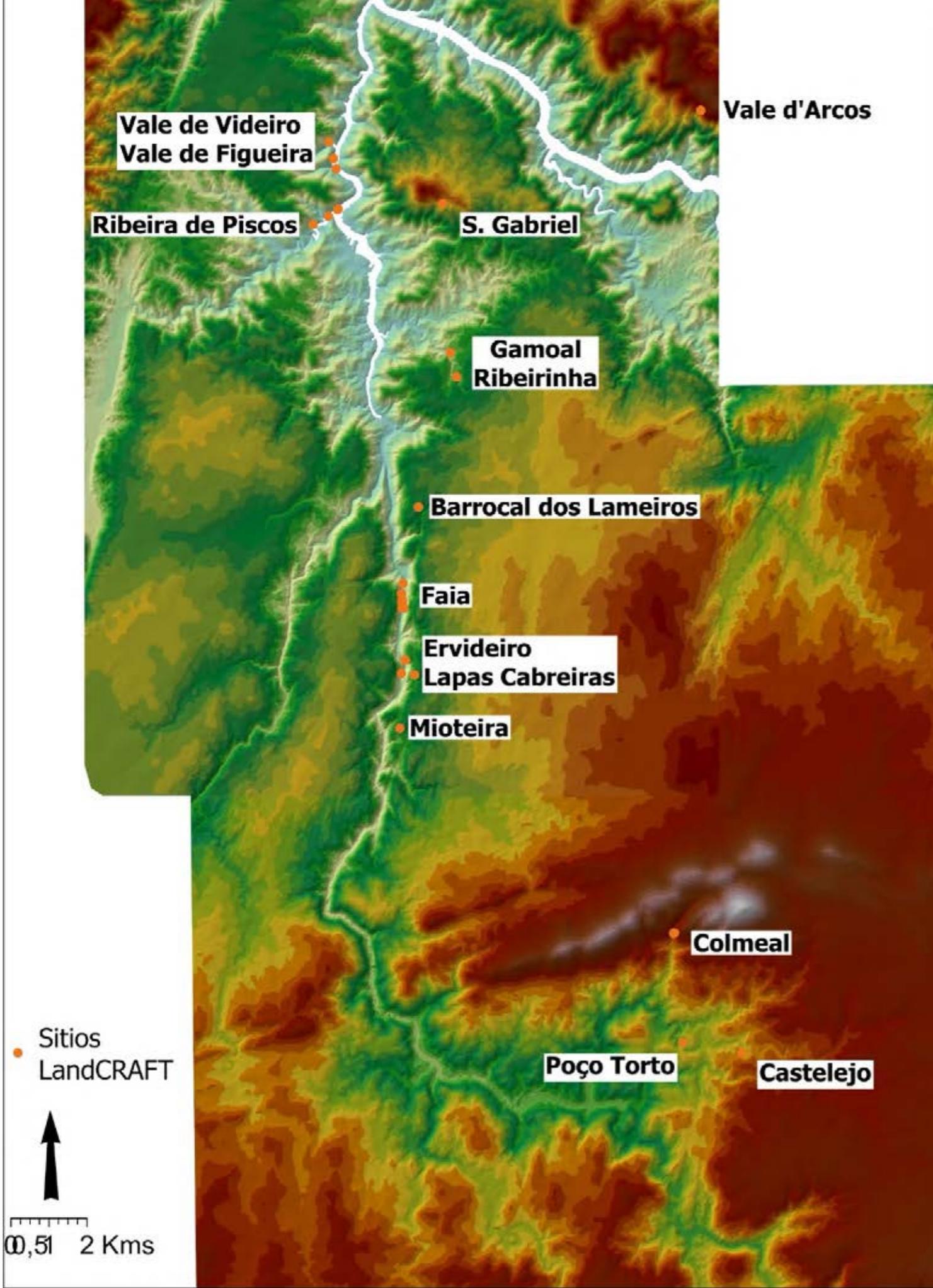
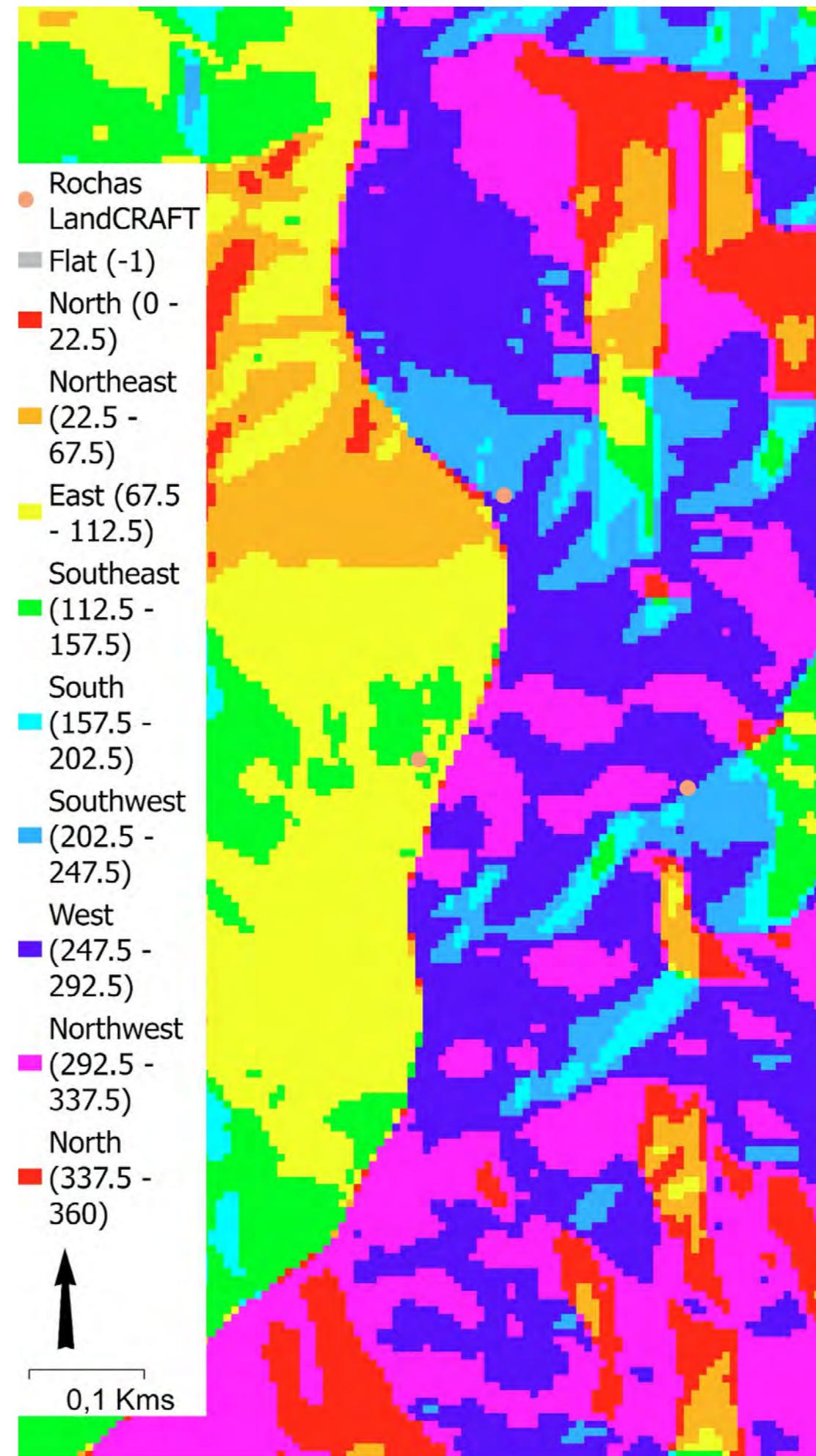
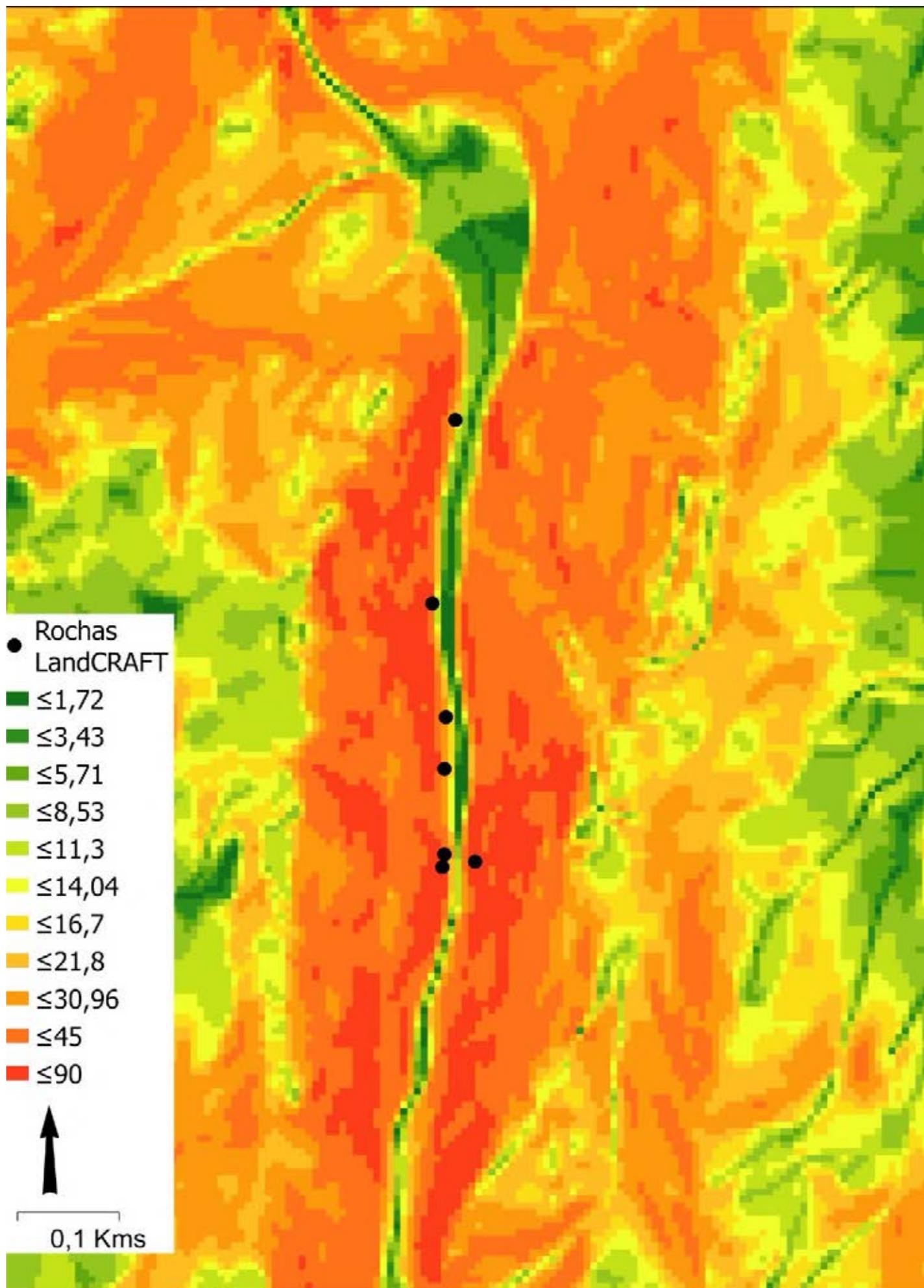


Fig. 1 - Hipsometria da área de estudo com indicação da localização das rochas incluídas no projeto LandCRAFT. Mapa produzido no ArcGIS Pro 3.1.3. recorrendo a um MDT com 10 metros de resolução fornecido pelo Instituto Geográfico Português (www.igeo.pt) e a cartografia vetorial homologada à escala 1/10 000, no âmbito do protocolo estabelecido entre a Direção-Geral do Território (<https://www.dgterritorio.gov.pt/>) e a Associação de Municípios da Cova da Beira (<https://www.amcb.pt/>).



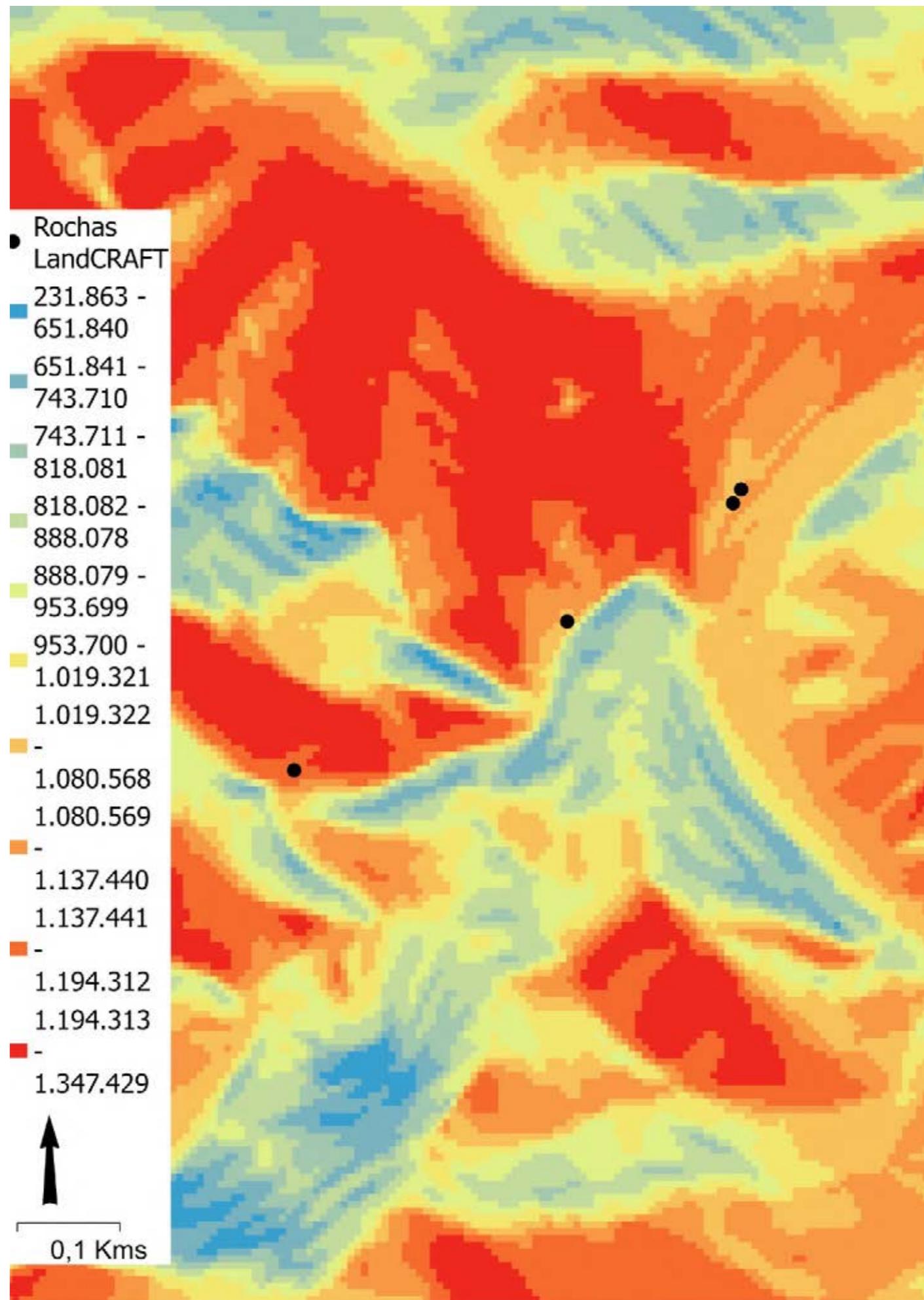


Fig. 2 (à esquerda) - Inclinação da encosta no caso das Rochas 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 8 da Faia. Mapa produzido no ArcGIS Pro 3.1.3. recorrendo a um MDT com 10 metros de resolução fornecido pelo Instituto Geográfico Português (www.igeo.pt).

Fig. 3 (ao centro) - Orientação das Rochas 1 e 2 do Ervideiro e da Rocha 1 das Lapas Cabreiras. Mapa produzido no ArcGIS Pro 3.1.3. recorrendo a um MDT com 10 metros de resolução fornecido pelo Instituto Geográfico Português (www.igeo.pt).

Fig. 4 (à direita) - Radiação solar no caso da Rochas 4, 14, 18 e 60 da Ribeira de Piscos. Mapa produzido no ArcGIS Pro 3.1.3. recorrendo a um MDT com 10 metros de resolução fornecido pelo Instituto Geográfico Português (www.igeo.pt). Representa-se a radiação solar média em 2022. Valores em KW/m².





Estratigrafia e paleoambiente em Lapas Cabreiras

Antonio Martínez Cortizas | Olalla López Costas

Marta Colmenares Prado | Ainé Francos Golán

Zaira García López | Mohamed Traoré | Clara Veiga Rilo

No âmbito do projeto **LandCRAFT**, foram realizadas amostragens de diversas sequências edafo/sedimentares no abrigo rochoso das Lapas Cabreiras. O estudo das variações da estratigrafia, aliado a uma abordagem multianálise das propriedades físicas, químicas e mineralógicas (cor, acidez, teor de matéria orgânica, mineralogia, teor de metais, etc.), está a permitir documentar o processo de mudança deste lugar ao longo do tempo.

As análises em curso, permitindo traçar os processos de mudança em Lapas Cabreiras, pretendem contribuir para uma melhor compreensão das mudanças climáticas e das transformações da paisagem relacionadas com a atividade humana.

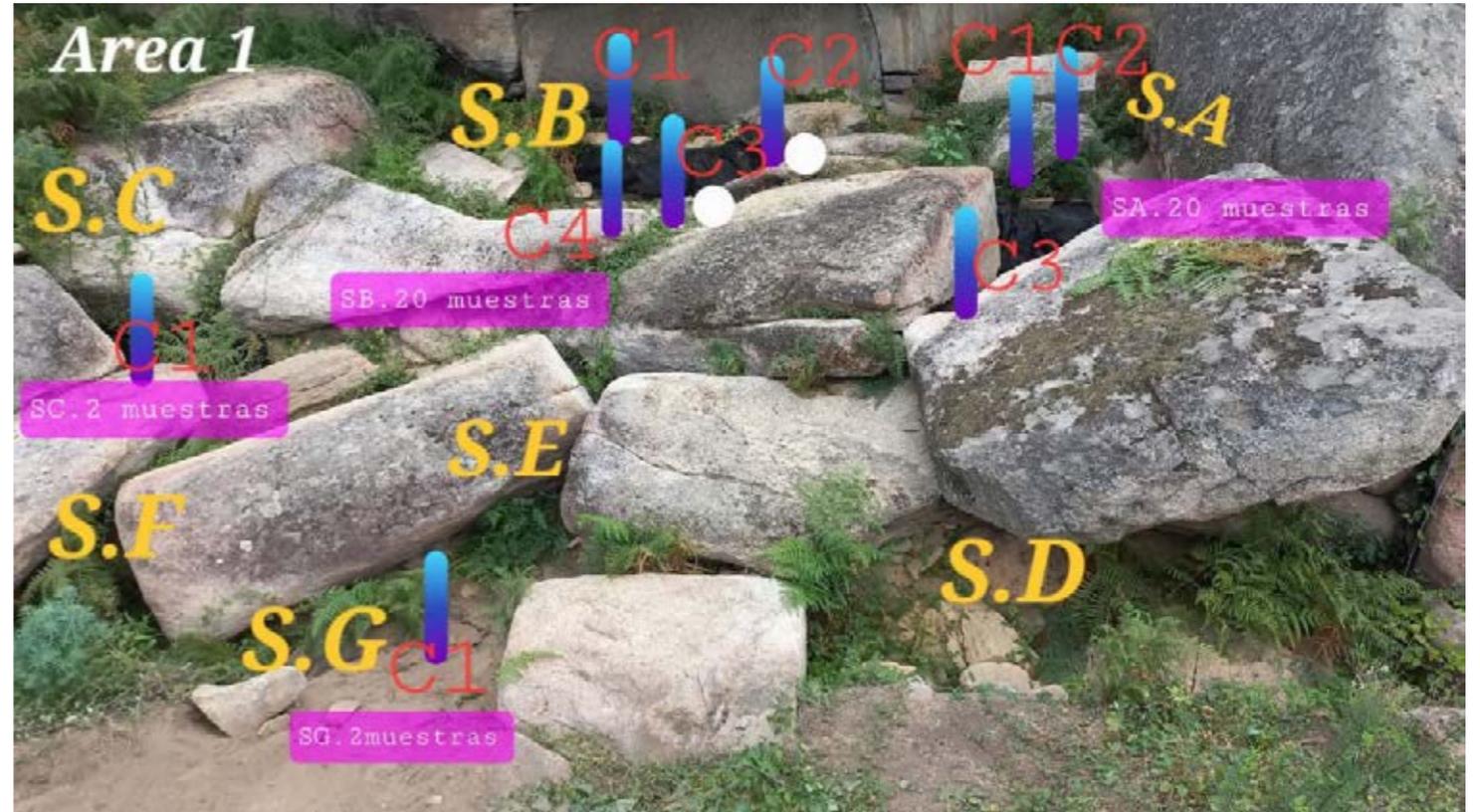


Fig. 1 (ao lado) - A primeira tarefa a realizar no sítio arqueológico, e talvez a mais importante, é o desenho do plano de amostragem, de modo a garantir uma boa integração dos estudos paleoambientais na leitura da estratigrafia. Na foto, a Lara Bacelar Alves e o Antonio Martínez Cortizas planeiam a estratégia de amostragem.

Fig. 2 (em cima) - Uma vez avaliadas as áreas intervencionadas e a variabilidade estratigráfica, procede-se à seleção das sequências mais adequadas, representativas e com a resolução necessária para as análises que se pretende realizar.



Fig. 3 (à esquerda) - Detalhe de seqüência edafo/sedimentar no sítio Lapas Cabreiras. Uma escavação arqueológica é algo vivo que muda à medida que avança. Por este motivo, nas diferentes fases da escavação, é necessário repensar a amostragem de novas unidades estratigráficas ou outras que ajudem a definir a correlação espacial no sítio. Esta fotografia corresponde à segunda fase de amostragem, na qual se optou por amostrar unidades previamente enterradas.

Fig. 4 (à direita) - Processo de recolha de amostras.



Fig. 5 - As amostras são secas à chegada ao laboratório. A preparação e análise das amostras é realizada em diversas fases, começando pelo laboratório de processamento onde são secas, moídas e medidas as primeiras propriedades, como acidez e cor. Na imagem, vemos o processo de moagem.

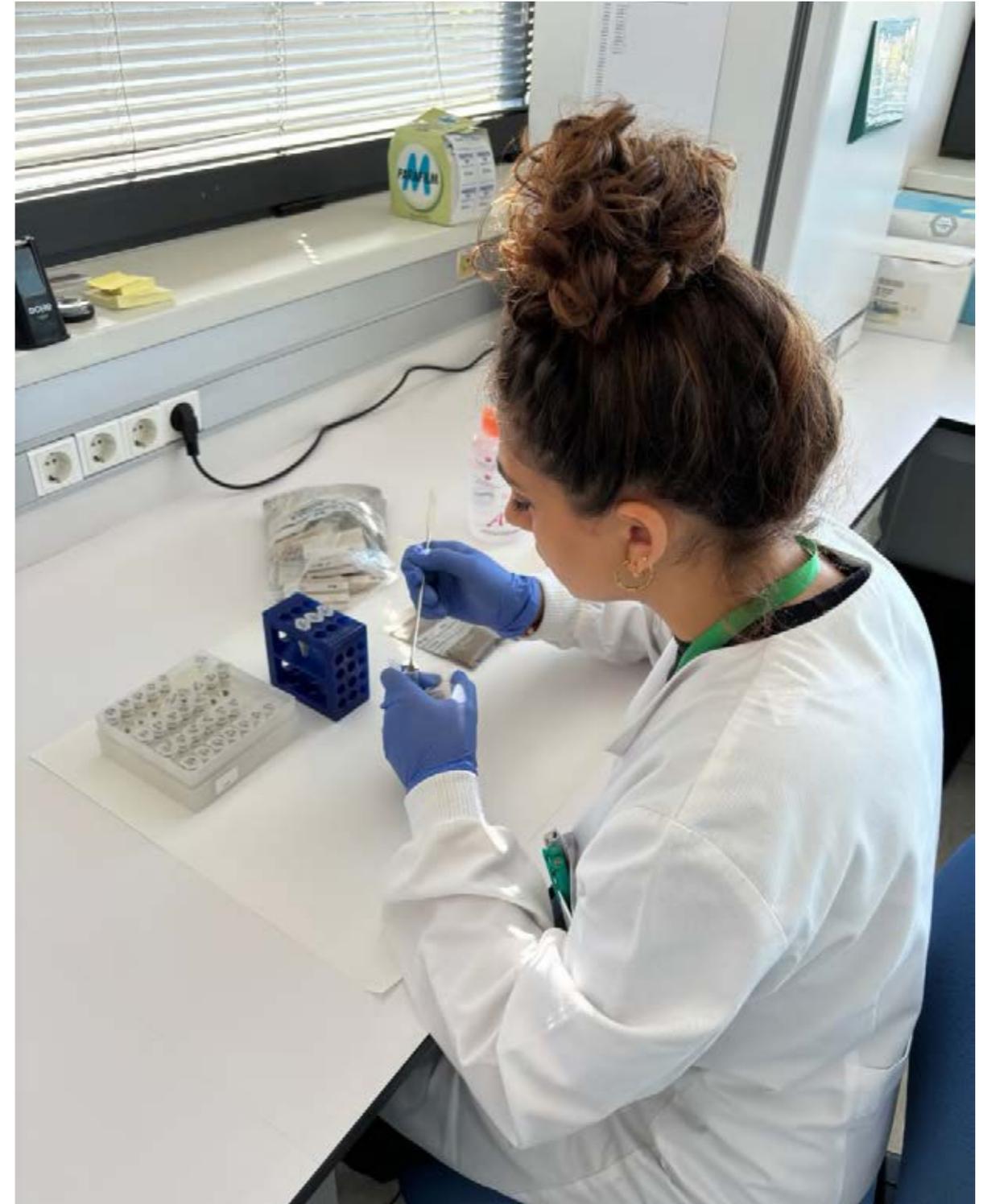


Fig. 6 (à esquerda) - Uma vez moídas, começa o processo de caracterização da sua composição. Nesta foto, o Antonio faz medições por espectroscopia vibracional, no laboratório de solos do grupo EcoPast, técnica de análise que fornece informações sobre componentes orgânicos e inorgânicos.

Fig. 7 (à direita) - Depois de peneiradas e armazenadas em sacos, as amostras podem seguir para o laboratório limpo. Aqui, Ainé Francos Golan prepara amostras de de frações finas de solo para análise do teor de mercúrio e composição elementar. Cada detalhe conta para resultados precisos; neste laboratório a limpeza é máxima

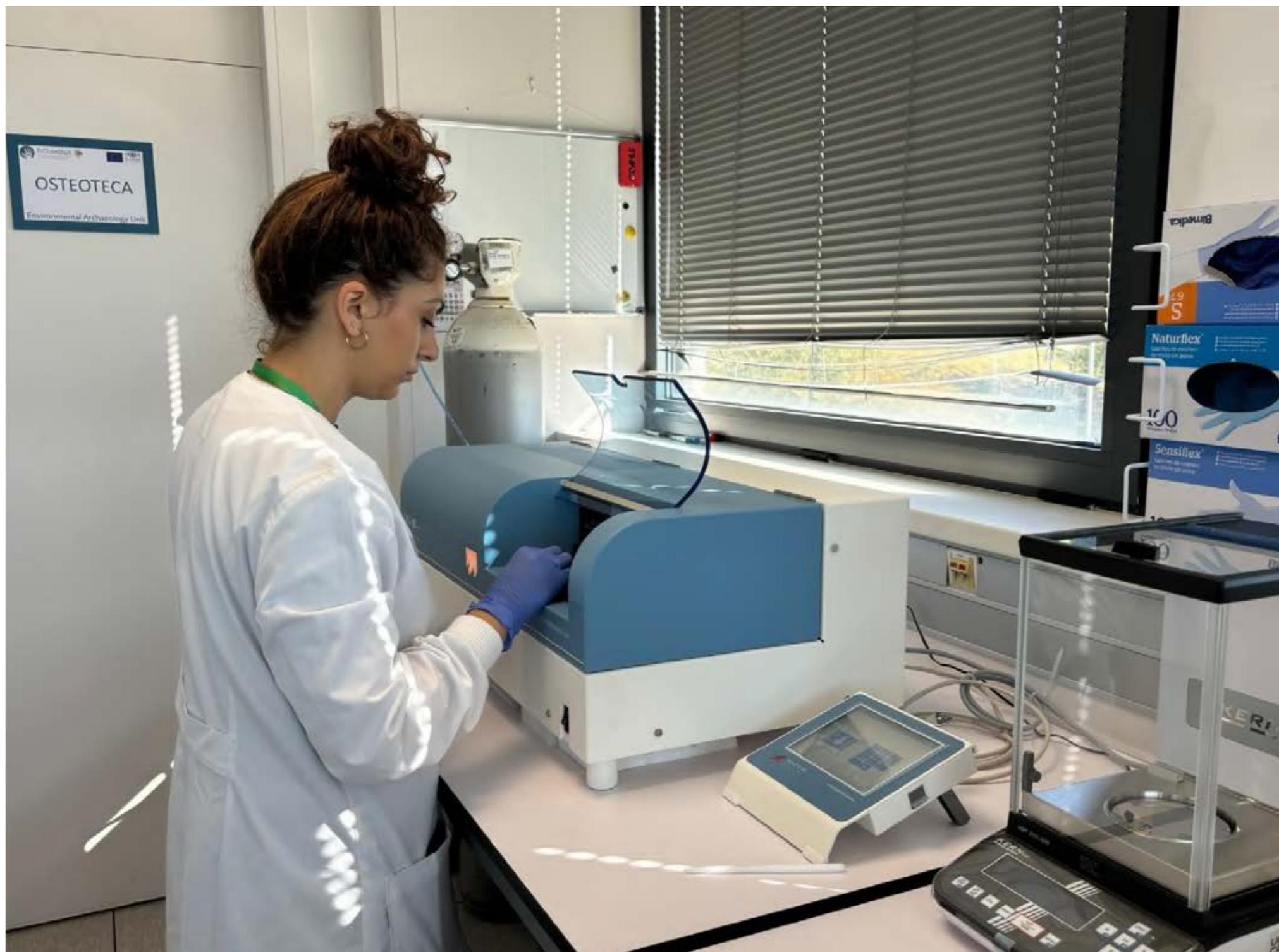


Fig. 8 - No laboratório limpo, Ainé encontra-se a fazer medições para determinar a concentração de mercúrio nas amostras de sedimentos usando o DMA-80 Milestone.

Assim, os resultados deste estudo serão fundamentais para responder às seguintes questões de pesquisa do projeto:

- Em que medida as transformações climáticas regionais na transição Pleistoceno-Holoceno criaram as condições para a introdução da agricultura?
- Em que medida as sequências diacrônicas propostas para Arte Esquemática se relacionam com as dinâmicas socioculturais, percepção da paisagem, estratégias de ocupação e gestão de recursos ambientais, desde a emergência à consolidação das sociedades agrícolas?
- Até que ponto as evidências materiais e a ocupação de diferentes sítios nos ajudam a compreender a sequência da arte rupestre?





Fig. 9 - Vista geral da paisagem onde se insere o abrigo de Lapas Cabreiras (foto J. Muralha).





A cerâmica pré-histórica de Lapas Cabreiras

Susana Soares Lopes

No âmbito da caracterização dos contextos arqueológicos da Pré-História Recente do vale do Côa achou-se fundamental rever os materiais cerâmicos de sítios estudados e publicados previamente que se encontram depositados no Museu do Côa. Tendo pessoalmente realizado em 2021 uma análise global da cerâmica pré-histórica do Norte de Portugal (Lopes, no prelo), encetei na Primavera de 2022 uma apreciação geral dos ditos materiais, visando fundamentalmente as cerâmicas publicadas por Faustino Carvalho (Carvalho, 1999, 2003, 2004) e as mencionadas nos relatórios de escavações de Carla Magalhães, Fernanda Sousa e Gloria Donoso (2006/2009). Dessa revisão surgiram diversas conclusões, sendo de enfatizar a óbvia continuidade de ocupação do vale

do Côa, desde o Neolítico antigo, passando pelo Neolítico médio-final, Calcolítico, até ao Bronze antigo/médio. Ou seja, uma ocupação longa e aparentemente contínua, do VIº/Vº milénio AC ao IIº milénio AC., integrável na ambiência cultural pré-histórica do Alto Douro português.

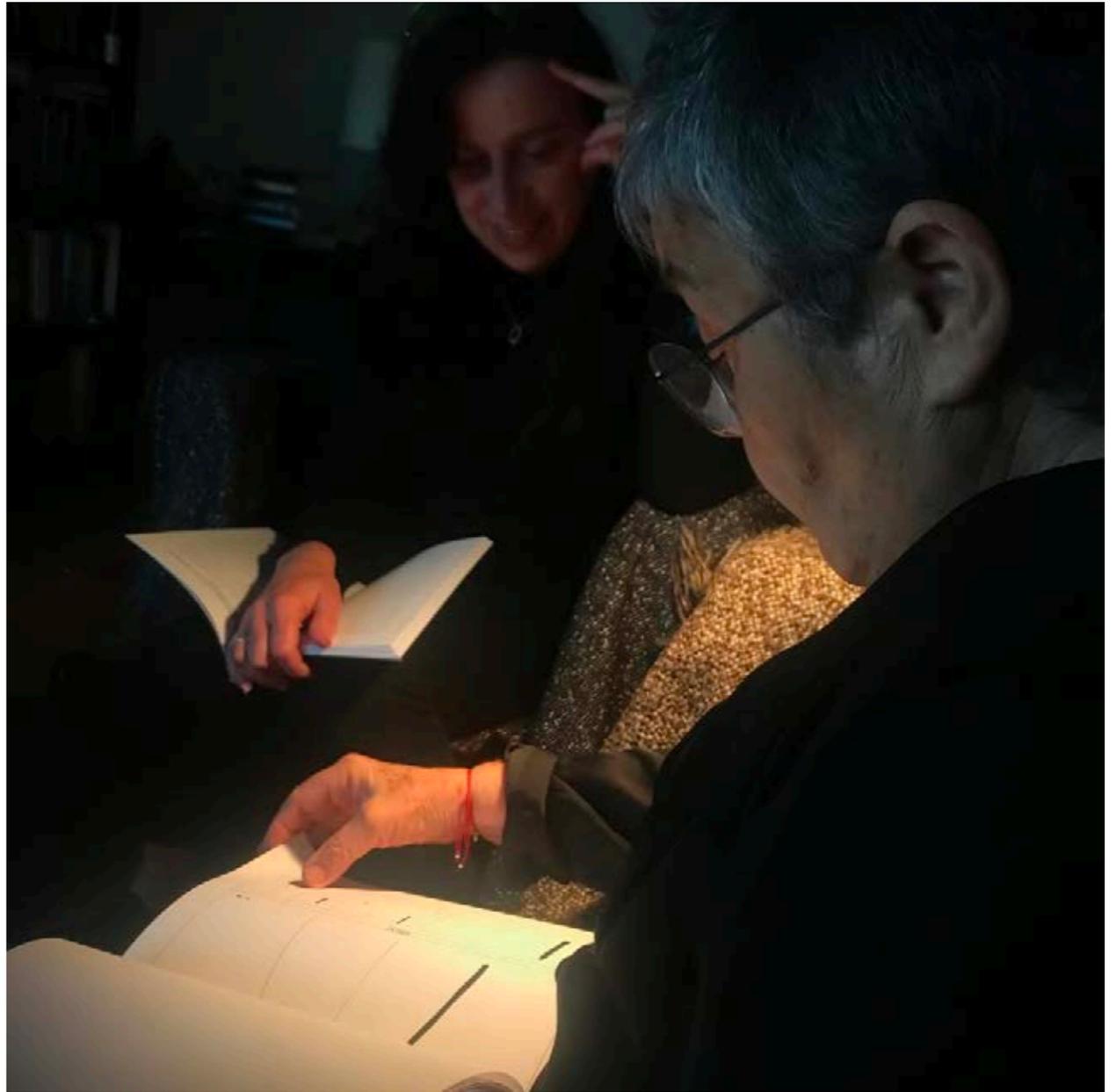
Como já foi publicado (Reis, M. *et al.* 2017), o abrigo de Lapas Cabreiras é dos raros sítios do vale do Côa, conhecidos até ao momento, em que foram detectados vestígios de ocupações pré-históricas (e posteriores) e um painel com arte esquemática pintada, independentemente do debate em curso sobre a sua eventual correlação.



Em Setembro de 2022 participei em escavações no abrigo de Lapas Cabreiras o que me possibilitou compreender a complexidade da natureza estratigráfica do sítio. Segue-se um breve apontamento sobre as cerâmicas pré-históricas deste abrigo recolhidas em escavações nos anos de 2013, 2021, 2022 e 2023 (projectos Art-FACTS e LandCRAFT).

Foram observados 681 fragmentos cerâmicos: 105 da Pré-História Recente; 417 indeterminados (eventualmente Bronze Final/Ferro?); 159 históricos. A cerâmica pré-histórica provém do interior do abrigo, sendo praticamente inexistente nas plataformas adjacentes. A análise da estratigrafia do abrigo diz-nos que os depósitos mais profundos, que integram apenas artefactos líticos, aparentam ser os mais bem preservados. Ao contrário, os depósitos superiores, aonde se insere a cerâmica pré-histórica, acusam uma elevada perturbação, correspondendo a vestígios de ocupações pré-históricas e posteriores, sujeitas a intensos fenómenos pós-deposicionais que destruíram a sua integridade. Assim, a cerâmica pré-histórica ocorre, em regra, misturada com cerâmicas e materialidades de outras cronologias no abrigo de Lapas Cabreiras.





LAPAS CABREIRAS - Componente Artefactual: CERÂMICA



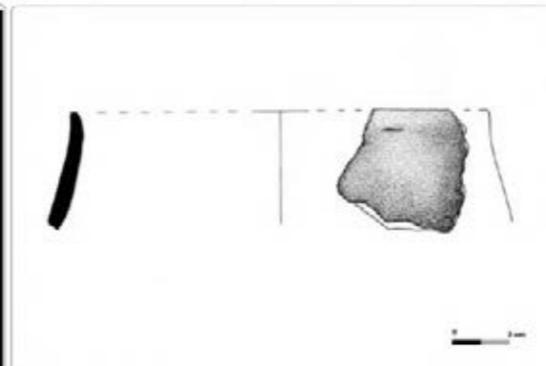
Acrónimo Plataforma Setor Sond. UE N° Inv.
 Categoria N° de Saco Coordenada Cota Parte da peça

Descrição

Fragmento cerâmico de bordo, datado Pré-História Recente.



Fotografia da Teresa Silva



Desenho de Lisdália Mota

CARACTERIZAÇÃO TÉCNICA

PASTA

ENP Mica Quartzo Feldespato
 Calibre Compacta Homogénea Friável
 Textura < 0,5 m 0,5 - 1 mm > 1 mm

Observações

SUPERFÍCIE

Sup. Ext. Corroída Rugoso Alisada Polido Outro...
 Sup. Int. Corroída Rugoso Alisada Polido Outro...
 Cor Sup. Ext. Acastanhada Avermelhada Acinzentada Outro...
 Cor Sup. Int. Acastanhada Avermelhada Acinzentada Outro...

DECORAÇÃO

Decoração Técnica decorativa

Sim Incisão Funcionamento arrastado Impressão arrastada Plástica Bordo Franço Outro...
 Não Funcionamento simples Impressão simples Espatulamento Sob o bordo Base

Observações

CARACTERIZAÇÃO MORFOLÓGICA

Bordo

A - Recto oblíquo fechado C - Côncavo oblíquo fechado E - Convexo oblíquo aberto Outro...
 B - Recto vertical D - Convexo oblíquo fechado

Tipologia morfológica

Observações

DATAÇÃO

Estudo

Base de dados de Teresa Silva desenhada em Ffo Maker

LAPAS CABREIRAS - Componente Artefactual: CERÂMICA



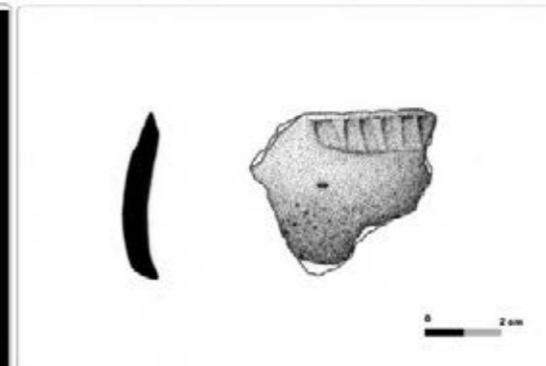
Acrónimo Plataforma Setor Sond. UE N° Inv.
 Categoria N° de Saco Coordenada Cota Parte da peça

Descrição

Fragmento de cerâmica decorada da Pré-História Recente.



Fotografia da Teresa Silva



Desenho de Lisdália Mota

CARACTERIZAÇÃO TÉCNICA

PASTA

ENP Mica Quartzo Feldespato
 Calibre Compacta Homogénea Friável
 Textura < 0,5 m 0,5 - 1 mm > 1 mm

Observações

SUPERFÍCIE

Sup. Ext. Corroída Rugoso Alisada Polido Outro...
 Sup. Int. Corroída Rugoso Alisada Polido Outro...
 Cor Sup. Ext. Acastanhada Avermelhada Acinzentada Outro...
 Cor Sup. Int. Acastanhada Avermelhada Acinzentada Outro...

DECORAÇÃO

Decoração Técnica decorativa

Sim Incisão Funcionamento arrastado Impressão arrastada Plástica Bordo Franço Outro...
 Não Funcionamento simples Impressão simples Espatulamento Sob o bordo Base

Observações

CARACTERIZAÇÃO MORFOLÓGICA

Bordo

A - Recto oblíquo fechado C - Côncavo oblíquo fechado E - Convexo oblíquo aberto Outro...
 B - Recto vertical D - Convexo oblíquo fechado

Tipologia morfológica

Observações

DATAÇÃO

Estudo

Base de dados de Teresa Silva desenhada em Ffo Maker

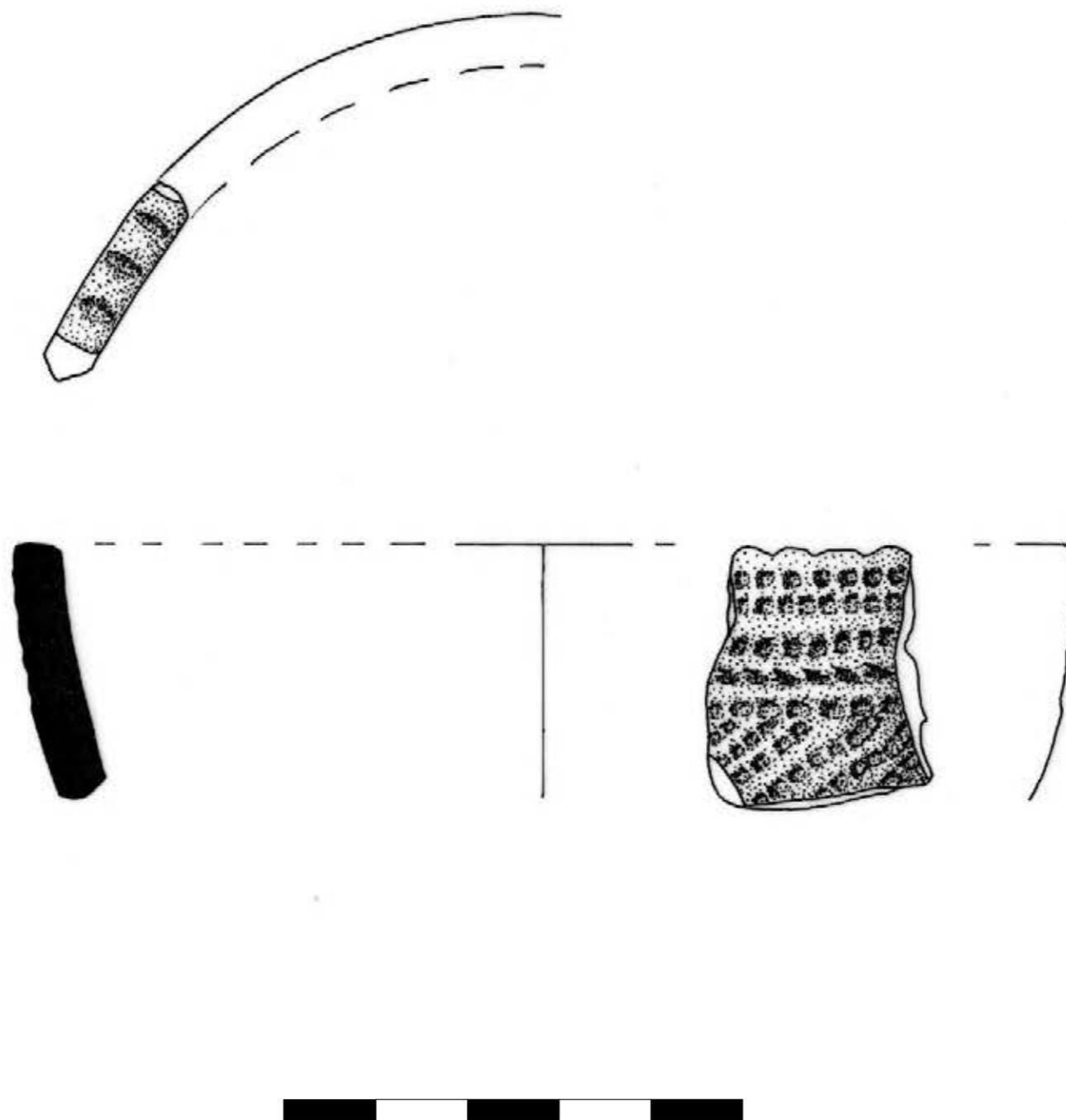
Foram analisados 105 fragmentos pré-históricos, tendo 29 fornecido informação técnica, morfológica e decorativa específica. Desses 29 fragmentos podem-se apartar dois tipos:

- dois bordos decorados (do mesmo vaso?) com incisões sobre o bordo e puncionamentos arrastados integráveis, do ponto de vista estilístico, no Neolítico antigo regional;
- cinco fragmentos (um dos quais correspondendo ao bordo duma taça Cogeces e os quatro restantes a vasos com decoração plástica), que se inserem estilisticamente no Bronze antigo/médio regional.

O(s) vaso(s) decorado(s) atribuível ao Neolítico antigo encontra semelhanças estilísticas na região: na estação do Prazo (Monteiro-Rodrigues, 2011, 2021) e na estação da Quinta da Torrinha I (Carvalho, 1999, 2003). De salientar que a estação do Prazo apresenta uma sequência crono-estratigráfica que inclui depósitos do Paleolítico Superior, do Mesolítico e do Neolítico antigo. Tal sequência permite problematizar a evolução humana do vale do Côa, particularmente desde os

inícios do Holoceno, através de datas de C14 situadas entre o Xº milénio AC (Mesolítico) e o VIº/Vª milénio AC (Neolítico antigo). Os vasos atribuíveis ao Bronze antigo/médio (taça Cogeces e vasos com cordão e medalhão decorados) também encontram semelhanças estilísticas na região: por ex., no recinto murado de Castelo Velho de Freixo de Numão (Pereira, 1999; Varela, J.M.P. 2000; Lopes, 2019), no povoado do Fumo (Carvalho, 2004), ou no recentemente escavado sítio do Alto das Malhadas (Botica *et al.* 2023). Tendo em conta todos os dados disponíveis, é possível propor uma ocupação mais tardia de Lapas Cabreiras entre finais do IIIº milénio AC e inícios/1ª metade do IIº milénio AC. Uma data de C14 obtida no abrigo (UE 3015: 1863 -1535 cal BC) parece ir ao encontro desta cronologia global.

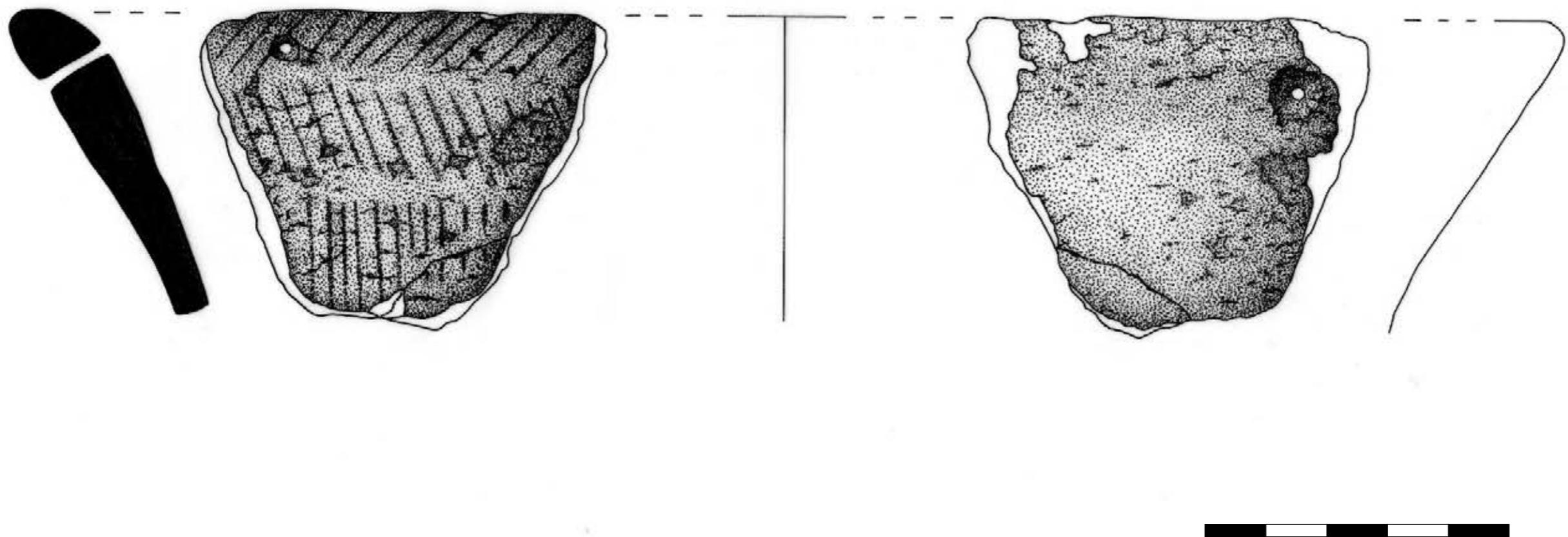
Embora, através da cerâmica, apenas possamos visualizar duas ocupações da Pré-História Recente em Lapas Cabreiras, (uma no Neolítico antigo e outra no Bronze antigo/médio) não devemos pôr de parte a possibilidade de visitas sequenciais do abrigo ao longo de todo o período que abrange o VIº ao IIº milénio AC., mesmo que de momento não tenhamos dados que comprovem tal hipótese.



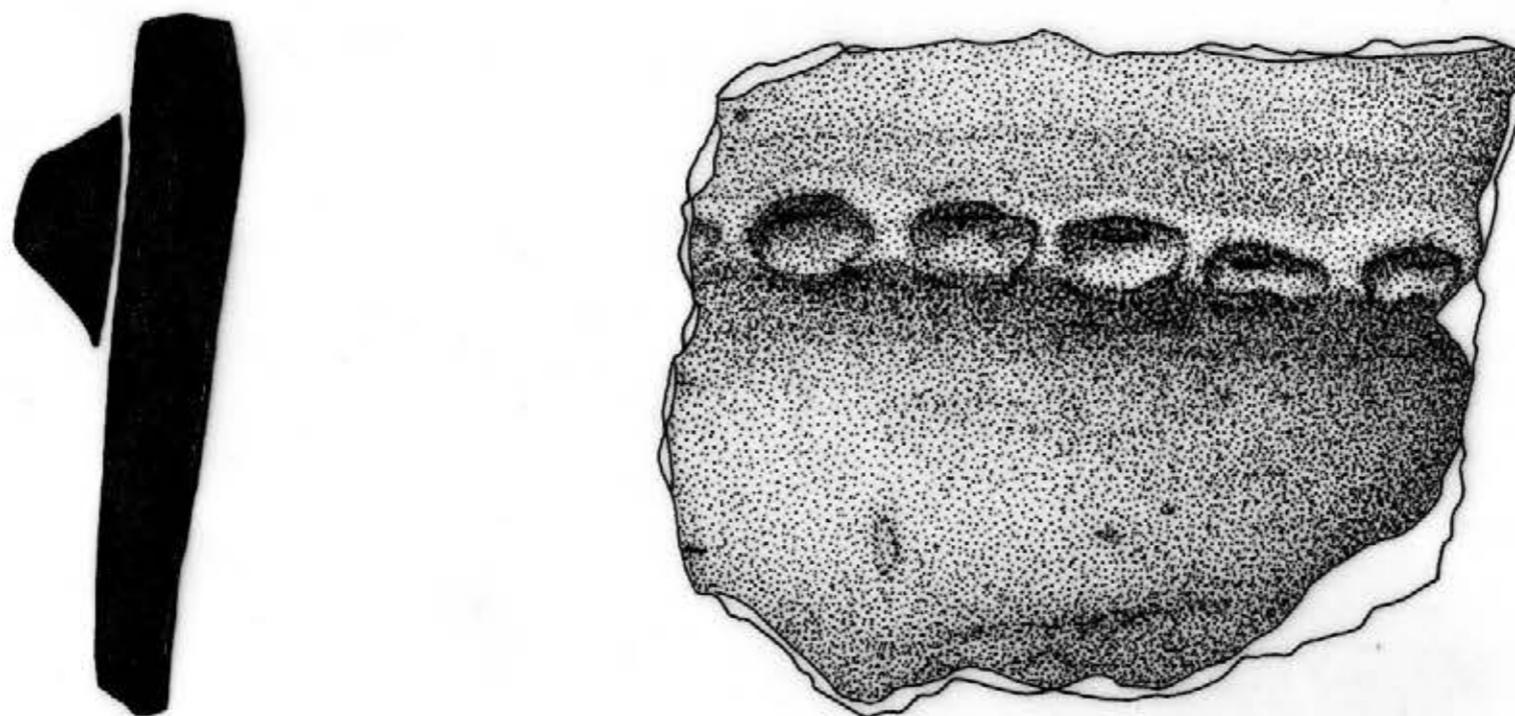
Fragmento de taça: bordo decorado com incisões; parte média decorada com puncionamentos arrastados. A decoração aponta para o Neolítico antigo regional, tendo paralelos em vasos das estações próximas do Prazo e da Quinta da Torrinha I, com uma cronologia global integrável no VI^o/V^o milénio AC. A presença duma ocupação do Neolítico antigo nas Lapas e no Côa em geral vem sugerir a necessidade de se voltar a pensar a natureza do Neolítico antigo do Alto Douro português no âmbito das primeiras ocupações holocénicas do Noroeste e do Norte da Península Ibérica. Desenho: Lisdália Mota. Foto: Teresa Silva.





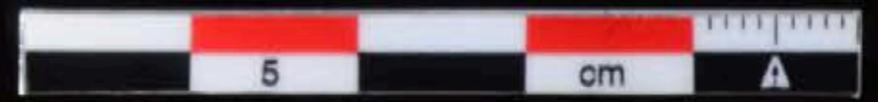


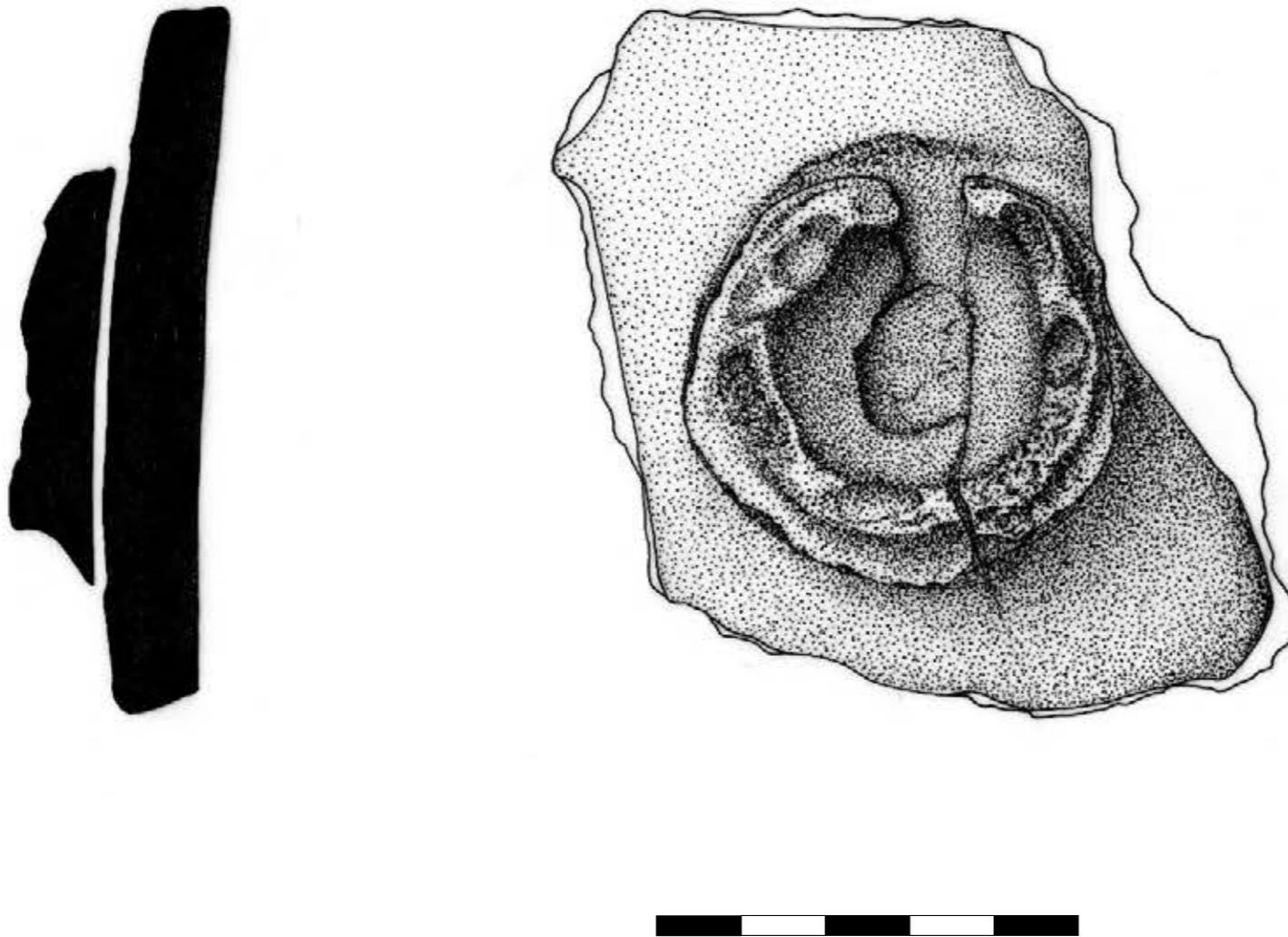
Fragmento de bordo decorado internamente pertencendo a uma taça de tipo Cogeces, com uma cronologia global integrável no Bronze antigo/médio da Meseta Norte (finais do III^o/meados do II^o milénio AC). Apresenta paralelos em vasos de estações próximas como Castelo Velho de Freixo de Numão, Fumo e Alto das Malhadas. A presença de cerâmica com origem no Bronze da Meseta Norte, a ocidente, no Norte de Portugal, é bem conhecida (Pereira, 1999). Investigações recentes demonstram que tais ocupações da Idade do Bronze são, no Alto Douro português, não apenas numerosas, como, em muitos casos, reutilizam sítios ocupados previamente no IV^o e/ou no III^o milénio AC. Desenho: Lisdália Mota. Foto: Teresa Silva.



Fragmento de cerâmica com decoração plástica: cordão decorado com impressões oblongas. Em Castelo Velho, no contexto do Bronze antigo/médio, aparecem vasos com cordões decorados em associação com a cerâmica de tipo Cogeces (ver análise realizada por Varela, J.M.P. 2000). Desenho: Lisdália Mota. Foto: Teresa Gonçalves.







Fragmento de cerâmica com decoração plástica: medalhão sub-circular decorado com impressões oblongas na parte média do vaso. Em Castelo Velho de Freixo de Numão existem paralelos associados a cerâmica Cogeces, datáveis do Bronze antigo/médio (Varela, J.M.P. 2000). Desenho: Lisdália Mota. Foto: Teresa Silva.





Bibliografia:

- Aubry, T.- Barbosa, F.- Luís, L. – Santos, A.T.- Silvestre, M. (2016), E depois do Paleolítico, o que fizeram ali?, *Coavisão*, 18, 63-82
- Botica, N. – Larrazabal, J. – Luís, L. – Magalhães, F. – Rocha, B. – Sousa, R. – Silva, L. (2023), *El Alto das Malhadas: restos de ocupación de la Edad del Bronce en el Douro português*, Cuadernos de Arqueologia de la Universidad de Navarra, 1-34.
- Carvalho, A. F. (1999), Os sítios de Quebradas e da Quinta da Torrinha (Vila Nova de Foz Côa) e o Neolítico Antigo do Baixo Côa, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 1(2), 39-70.
- Carvalho, A.F. (2003), O final do Neolítico e Calcolítico no Baixo Côa (trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa, 1996 – 2000), *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 6(2), 229-273.
- Carvalho, A.F. (2004), O povoado do Fumo (Almendra, Vila Nova de Foz Côa) e o início da Idade do Bronze no Baixo Côa (trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa), *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 7, 185 - 219.
- Lopes, S.S. (2019), Voltar a Castelo Velho de Freixo de Numão: pensar a reconfiguração cultural dum recinto pré-histórico no Alto Douro português In Lopes, S.S. (coord.) *Olhares sobre Castelo velho de Freixo de Numão: visitar um recinto pré-histórico do Alto Douro português – Digital- extra nº 1*, Coimbra, CEAACP, 357-389.
- Lopes, S.S. (no prelo), O Norte de Portugal no 4º e no 3º milénio AC: problemáticas em 2021, In Diniz, M. – Martins, A. – Neves, C. e Arnaud, J. (Coords) – *Vila Nova de São Pedro e o Calcolítico no Ocidente Peninsular*, Estudos e Memórias 22 – vol.2, UNIARQ, 41 -92.
- Monteiro-Rodrigues, S. (2011), *Pensar o Neolítico Antigo: contributo para o estudo do Norte de Portugal entre o VIIº e o Vº milénios AC*, Estudos Pré-históricos, 16.
- Monteiro-Rodrigues, S. (2021), The process of neolithisation in Northern Portugal, In Naldinho, S.M.E. e Silvino, T.(coord.) *Estudos em Homenagem ao Doutor António do Nascimento Sá Coixão*, VªNªFoz Côa, Museu Casa Grande Freixo de Numão, 317 – 333.1
- Pereira, L.S. (1999), *Cerâmicas Cogeces de Castelo Velho, Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa): seu enquadramento peninsular*. Dissertação de Mestrado, Porto, FLUP.
- Reis, M. – Alves, L.B. – Cardoso, J.M. – Carvalho,B. (2017), Art-facts – Os contextos arqueológicos da Arte esquemática no vale do Côa, *Techne* (1), 97-111.
- Varela, J.M.P. (2000), *As cerâmicas do Bronze Inicial e Médio do Castelo Velho de Freixo de Numão: tradição e inovação na transição do IIIº para o IIº milénio AC*, Dissertação de Mestrado, Porto, FLUP.





Ferramentas, para que vos quero?

Ana Cristina Araújo | Cristina Gameiro

O conjunto lítico recuperado em Lapas Cabreiras (2013-2022) constitui, por razões diversas, um desafio à investigação arqueológica, sendo uma componente fundamental no processo de interpretação do estatuto funcional do sítio e do seu posicionamento cronológico. À primeira vista dir-se-ia que, em Lapas Cabreiras, tudo gira em volta do seu Painel Pintado.

Será?

Com efeito, é inevitável a associação que, de imediato, todos estabelecemos entre a produção das figurações esquemáticas rupestres e os vestígios materiais ali abandonados, sobretudo líticos e cerâmicos.

Quais as relações, se é que efetivamente existem (ou as conseguimos descortinar) entre os muitos tempos que o número de sobreposições e de composições criadas na superfície do grande painel pintado indica (Reis *et al.*, 2017; Cardoso *et al.*, 2023) e a sequência sedimentar escavada no abrigo e nas suas imediações?

Estas são algumas das questões subjacentes à análise efetuada ao conjunto lítico de Lapas Cabreiras, a que se juntam outras relacionadas com i) a sua representatividade e ii) o seu contexto tafonómico.



Embora o estudo esteja por concluir (a análise está, porém, terminada), é possível proceder à seguinte caracterização sumária da série lítica, composta por pouco mais de 1200 itens (inclui volumes não modificados por acção antrópica):

1. Uma representação bastante elevada (c. 40%) de fragmentos (entre os quais termoclastos) e manuportes (sobretudo seixos inteiros ou fragmentados) transportados para a área do abrigo a partir de fontes de aprovisionamento localizadas nas suas proximidades;

2. A presença maioritária do quartzo (c. 65%), representado por distintas variedades – e com propriedades igualmente muito distintas considerando à sua maior ou menor aptidão para o talhe – seguindo-se o quartzito (c. 16%), sobretudo de grão médio e grosseiro, depois um conjunto variado de rochas ígneas (como o granito, o riólito, o gabro e o microgabro, por exemplo) e clásticas (como os conglomerados) que, no seu conjunto, representam c.16%; por fim, com uma representação muito mais reduzida, o grupo

dos chertes (c. 1,5%), no qual se incluem distintas rochas siliciosas, entre as quais o sílex, de proveniência supra-regional.

3. Relativamente ao tipo de suportes documentado destacam-se:

a) as lascas, cuja frequência se situa em torno dos 46%, constituindo, portanto, a classe tecnológica com maior representação, tendo sido produzidas praticamente a partir de todas as matérias-primas documentadas no sítio, mas com claro domínio do quartzo (c. 68%, considerando o conjunto das lascas);

b) as seis lamelas em quartzo e em sílex;

c) o grupo das esquirolas, com uma representação bastante reduzida (c. 6%);

4. Lascas, lamelas, esquírolas e outros restos de talhe de difícil caracterização tipológica (c. 14%) foram produzidos a partir de núcleos sobre seixo, bloco, fragmento ou lasca, muito pouco padronizados relativamente à sua morfologia e dimensão. A representação deste grupo tecnológico no interior da série lítica situa-se em torno dos 13%. Destacam-se, deste conjunto:

- a) Os núcleos poliédricos, que constituem a grande maioria, que exibem negativos da produção de lascas de dimensão e morfologia muito variadas;
- b) Os núcleos bipolares (um pequeno conjunto de apenas 10 exemplares), destinados à produção de suportes de pequena dimensão (lascas, lamelas e esquírolas);
- c) Os pequenos núcleos para lamelas (7 exemplares), de dimensão e morfologia padronizadas, que utilizam como suporte uma lasca ou um fragmento; a exploração faz-se a partir desse diedro pré-existente;
- d) Os núcleos com levantamentos centrípetos utilizados para a extração de lascas sem qualquer padronização;

5. A utensilagem (c. 20%) integra um conjunto muito diversificado de peças igualmente pouco normalizadas na morfologia, no tamanho, no tipo, extensão e localização do retoque, no suporte utilizado. Incluem-se, neste conjunto, os denominados utensílios à posteriori (de gumes e arestas massacrados, com entalhes ou denticulados irregulares e por vezes muito pouco profundos; enfim, peças alteradas pelo contacto com outras matérias). De entre o conjunto de suportes e volumes transformados (ou com sinais de uso) destacam-se:

- a) Os utensílios robustos, de arestas e gumes bem massacrados por cinemáticas de utilização que relacionamos com a percussão lançada;
- b) As lascas ou fragmentos de lasca com retoques irregulares, descontínuos e muitas vezes atípicos (sem uma delineação específica), num ou em ambos os bordos.



Fig. 1 - Lamela em quartzo hialino com retoque abrupto marginal (LPC_052). © J.P. Ruas

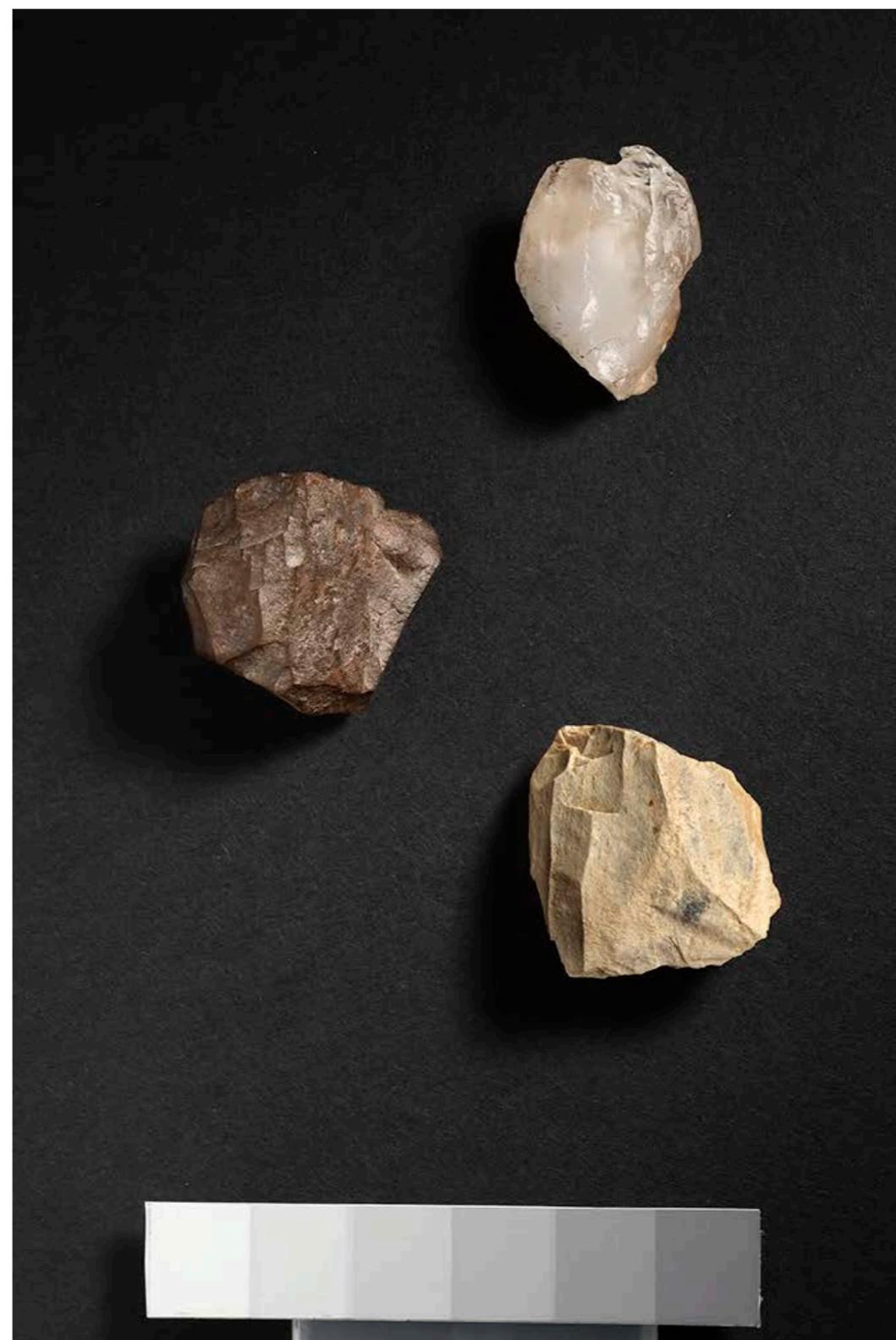


Fig. 2 - Núcleos para lamelas em quartzo hialino (em cima), em siltito (à esquerda) e em riólito (em baixo) (LPC_164+129+137). © J.P. Ruas



Fig. 3 - Utensílios produzidos a partir de distintas variedades de quartzo (LPC_126+210+123). © J.P. Ruas



Fig. 4 - Provável ponta de seta (fragmento proximal) em sílex (LPC_194).
© J.P. Ruas



Fig. 5 - Utensílio robusto, tipo disco, em quartzito (LPC_367). © J.P. Ruas



Figs 6A e 6B - Lâmina retocada em quartzo. A. Face dorsal; B. Gume direito (LPC_290 A e B). © J.P. Ruas



Fig. 7 - Núcleo bipolar em quartzo hialino (LPC_403). © J.P. Ruas



Fig. 8 - Núcleo centrípeto em quartzito (LPC_427). © J.P. Ruas

Do que foi dito atrás, é possível concluir que, em Lapas Cabreiras, as cadeias operatórias de produção lítica estão claramente incompletas (ou truncadas), existindo uma evidente desproporção na forma como se encontram representadas determinadas categorias tecnológicas.

Se juntarmos a esta caracterização sumária outros ingredientes, como sejam as variáveis Tempo (há uma estratigrafia que não pode ser escamoteada) e Espaço (distribuição dos líticos por sectores e sondagens), tudo se torna bem mais complexo, mas também mais desafiante. Por fim, e não menos importante para o ensaio de interpretação do sítio, há que considerar i) as restantes componentes artefactuais, em particular a cerâmica e ii) as suas condições de jazida, estabelecendo assim os patamares de confiança do

registo. A presença de grandes blocos de abatimento de antigas palas do abrigo, por exemplo, criou na “zona de acomodação” do abrigo vazios que foram sendo preenchidos por sedimentos e materiais oriundos de diversos pontos e cuja ordem de deposição importa esclarecer.

A análise efetuada à componente lítica de Lapas Cabreiras mostra que, no sítio, foram desenvolvidas atividades que exigiram o uso de ferramentas em pedra. O ciclo de produção dessas ferramentas processou-se, em alguns casos, no próprio local, mas houve, também, utensílios, suportes e volumes que ali entraram já formatados/conformados. A natureza funcional dessas atividades – o que se foi ali fazer – e a sua relação (se existiu) com a arte rupestre é, no estado atual das nossas investigações, uma incógnita ainda.



Fig. 9 - Lamela em quartzo hialino com retoque marginal (LPC_411). © J.P. Ruas



Fig. 10 - Machado polido (LPC_444). © J.P. Ruas

Bibliografia:

Reis, M., Alves, L.B., Cardoso, J.M., Carvalho, B. 2017. Art-facts - os contextos arqueológicos da Arte Esquemática no Vale do Coa. In Garcês S.; Gomes, H; Martins, A.; Oosterbeek, L., *A Arte das Sociedades Pré-Históricas (Actas do IV Congresso de Doutorandos e Pós-doutorados, 26-29 Novembro, Mação, 2015)* *Techne* 3 (1): 97-111.

Reis, M.; Alves, L.B. 2023. Entre o Coa e o Douro, nos longos milénios do pós-glacial: quadro de referência da arte rupestre da Pré-história Recente da região do Coa. In Correia, D.; Santos, A.T., eds., – *Por este rio acima: a Arte pré e proto-histórica do Vale do Côa. Estudos em Homenagem a António Fernando Barbosa*. pp. 117-180. Vila Nova de Foz Coa: Fundação Coa Parque.





Bases de Dados

Teresa Silva

O trabalho de pesquisa desenvolvido no âmbito do **LandCRAFT** produziu um numeroso e diversificado universo de dados, cuja sistematização, preservação e partilha é um desafio. Neste sentido, foram criadas duas bases de dados: uma centrada no trabalho de inventário da arte rupestre; e outra focada na escavação do abrigo de Lapas Cabreiras.

Estas bases de dados, sendo ferramentas criadas para dar respostas concretas a diferentes questões relacionadas com a gestão dos dados no âmbito do projeto, são também plataformas que, futuramente, poderão ser o ponto de partida para a realização de outros estudos. Desta perspetiva, permitem continuar a olhar a paisagem do vale do Côa como um entrelaçamento de memórias a redescobrir e a recriar continuamente.



Ficha de Sítio **Ficha de Rocha** **Ficha de Painel** **Ficha de Motivo** LandCRAFT

Designação: **Mioiteira** N° de Sítio: **52**

Sítio Localização Contexto geográfico Contexto arqueológico Observações Rochas Painéis Motivos Gestão de trabalho Validação

Fotografia Fotografia aérea Carta Militar Outras Designações CNS

N° de Rochas N° de Painéis

Classificação

Proprietário

Tradição Artística (Editar lista)

Bibliografia (Sítio) Link

Está a cerca de 1500 metros a Sul das Lapas Cabreiras, também na margem direita do Côa, e partilha com esta algumas características de implantação. Está na base Sudoeste de um pouco destacado cabeço de topo aplanado que é a parte terminal de uma sequência de cabeços orientados de Nordeste para Sudoeste. A rocha está à cota absoluta de 400 metros, e à sua frente, para Oeste, desenvolve-se uma ampla plataforma que antecede a encosta final sobre o Côa. É no entanto um sítio visualmente menos óbvio, e a relação com o Côa é menos directa, até porque para Nordeste e Sudoeste da rocha se desenvolvem outras duas elevações antes de queda final para o Côa, a última mais baixa que a rocha mas a primeira à mesma cota. Por outro lado, o tipo de rocha e painel são muito distintos. Nas Lapas Cabreiras as pinturas estão colocadas no interior de um abrigo, numa parede lisa. Na Mioiteira, o painel utilizado é a parede frontal de um bloco de granito, em pleno ar livre, tendencialmente vertical mas de formato levemente arredondado para o exterior, de textura muito rugosa e irregular. Neste painel distinguem-se com alguma

Ficha de Sítio **Ficha de Rocha** **Ficha de Painel** **Ficha de Motivo** LandCRAFT

Sítio: **Colmeal** Rocha: **Rocha 1 do Colmeal** N° de Sítio: **75** N° de Rocha: **01**

Rocha Painéis Motivos

Imagem Descrição Informação Técnica Localização Conservação e Restauo Observações Validação

Fotografia Desenho

Rocha 1 do Colmeal Rocha 1 do Colmeal (desenho incompleto)

Ficha de Sítio **Ficha de Rocha** **Ficha de Painel** **Ficha de Motivo** LandCRAFT

Sítio: **Namorados** Rocha: **Rocha 1 de Namorados** Painel: **Painel 1**

Imagem Descrição Informação Técnica Motivos Conservação e Restauo Observações Validação

Fotografia Desenho

N° de Sítio: **25** N° de Rocha: **01** N° de Painel: **01**

Ficha de Sítio **Ficha de Rocha** **Ficha de Painel** **Ficha de Motivo** LandCRAFT

Sítio: **Namorados** Rocha: **Rocha 1 de Namorados** Painel: **Painel 1** Motivo: **Motivo 21**

Imagem Descrição Cronologia Conservação e Restauo Observações Validação

Fotografia Desenho

N° de Sítio: **25** N° de Rocha: **01** N° de Painel: **01** N° de Motivo: **21**

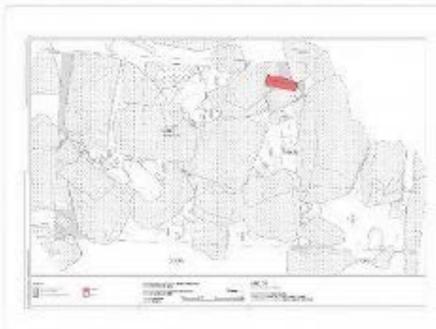
A Base de dados da arte rupestre estrutura-se em quatro fichas: Sítio, Rocha, Painel e Motivo. Cada uma das fichas congrega um conjunto alargado e diversificado de informações, contemplando registos fotográficos, gráficos e

descrições. Pretende-se que esta ferramenta sirva de suporte à investigação e, numa fase seguinte de disponibilização para consulta pública, de meio de divulgação científica e patrimonial.

LAPAS CABREIRAS - Unidade Estratigráfica



UE 3005
Acronimo LPC22
Plataforma 0 - Abrigo (norte)
Setor 1
Sub Setor
Sondagem
Tipo Depósito
Observações



ESTRATIGRAFIA

Relações

Cobre 3012

Equivalências

03 (S1AN), 2001 (Sond.20), 3006 (Setor 2)

DESCRIÇÃO

Camada castanha acinzentada com manchas negras que se estende por todo o setor 1. Na sua base, embala muitas pedras e materiais arqueológicos.

Depósito constituído por sedimentos de matriz arenosa agregados a cascalho de granito de pequeno e médio calibre e pedras de diversos tamanhos. Apresenta uma coloração castanho-acinzentado de tonalidade escura e textura medianamente compacta. Com manchas de terra enegrecida e nódulos de carvão de dimensões muito reduzidas associados à presença de raízes carbonizadas. Gradualmente, já na base deste depósito e entre os grandes blocos de abatimento do abrigo, começam a aflorar uma grande densidade de pedras em granito de média e grande dimensão que, nos seus interstícios, embalam uma quantidade significativa de pedra miúda e de materiais arqueológicos. As inclusões culturais são elevadas, englobam moderados fragmentos cerâmicos de época histórica e pré-histórica, mas sobretudo um grande e variável conjunto de materiais e utensílios líticos em quartzo, quartzito e sílex. Apresenta uma forte pendente para oeste e noroeste, acompanhando a inclinação da superfície do terreno e a disposição dos blocos de abatimento / arrastamento. O depósito desenvolve-se por toda a área do setor, incluindo a envolvente das sondagens realizadas em fases anteriores de escavação (2013 - Sond.01 | Área Norte e 2021 - Sond. 20). Depósito com grande expressão no subsector G com grandes blocos graníticos arredondados.

INTERPRETAÇÃO

Nível de deposição rápida associado à formação da u.e. 3002 e a ações de escorrimento de sedimentos e materiais. Contém ainda vestígios de combustão relacionados com a ocupação mais recente do abrigo e materiais pré-históricos que aparentemente se depositaram a partir de ações de escorrimento.

ESPÓLIO

324 fragmentos / peças: 246 líticos, 75 fragmentos cerâmicos: 15 de época histórica e 7 da pré-história recente (1 do Bronze Antigo /Médio, 1 do neolítico antigo (?), 36 que oferecem dúvidas se serão pré-históricos (Indeterminado: Pré-história?), 14 de época indeterminada

CRONOLOGIA

LAPAS CABREIRAS - Espólio



Acronimo LPC22 Plataforma 0 - Abrigo Setor 1 Sub-Setor Sondagem UE 3005
Tipo Depósito Rel. estrat. Cobre 3012 Corr. estrat. 03 (S1AN), 2001 (Sond.20), 3006 (Setor 2)
Espólio

324 fragmentos / peças: 246 líticos, 75 fragmentos cerâmicos: 15 de época histórica e 7 da pré-história recente (1 do Bronze Antigo /Médio, 1 do neolítico antigo (?), 36 que oferecem dúvidas se serão pré-históricos (Indeterminado: Pré-história?), 14 de época indeterminada

| | | | |
|--|--------------|----------|--|
| 3005 | LPC.22. 0076 | Cerâmica | |
| Pré-história Recente (Bronze Antigo/Médio) | | | |
| 3005 | LPC.22. 0077 | Cerâmica | |
| Fragmento cerâmico (bojo) | | | |
| Indeterminado (Pré-história?) | | | |
| 3005 | LPC.22. 0078 | Cerâmica | |
| Fragmento cerâmico (bojo) | | | |

Toda a informação relativa aos registos da escavação nas Lapas Cabreiras foi sistematizada numa base de dados de Unidade Estratigráfica contendo dados de identificação, descrição, estratigrafia, espólio e interpretação, bem como campos de imagens onde se encontram inseridos um desenho e uma fotografia de cada unidade. A base de dados de UE encontra-se relacionada com a base de dados de espólio. Quer isto dizer que, durante a análise das unidades e suas relações, se consegue aceder a uma visualização rápida de uma listagem do espólio que dela foi exumado ou navegar até à respetiva ficha, contributo essencial para a análise e definição de diferentes momentos de ocupação do sítio. A ferramenta torna mais célere o processo de revisão e de aferição de dados necessário à construção do discurso interpretativo sobre um sítio arqueológico.





Práticas de interação e socialização do património cultural

Bárbara Carvalho | Beatriz Comendador-Rey

Lara Bacelar Alves | Hannah Sackett

O projeto **LandCRAFT** não se limitou à pesquisa arqueológica, procurou também estabelecer um diálogo entre o passado e o presente, destacando a importância das interações humanas com a natureza ao longo do tempo. A descoberta da Arte do Côa nos anos 1990 gerou momentos de controvérsia uma vez que a preservação dos sítios implicou a suspensão da construção de uma barragem. Embora o património tenha sido classificado pela UNESCO (1998), as comunidades locais ainda resistem ao reconhecimento do seu valor cultural, esta fenda histórica, transformou-se num dos principais desafios e focos de intervenção do projeto.

No âmbito das ações de transferência de conhecimento procuramos adotar uma abordagem colaborativa e participativa, envolvendo as comunidades na criação de narrativas sobre a paisagem e os sítios arqueológicos. Cruzando vários domínios de estudo, desde da Etnografia, Arqueologia Comunitária, à Ciência Cidadã, numa ótica de permuta de saberes, desenvolveram-se um conjunto de ações que promoveram a disseminação e partilha de conhecimento da investigação que podemos dividir em três categorias principais: atividades de diagnóstico, difusão e socialização, e transferência de conhecimento.



Fig. 1 - Francisco Bandarra com o machado de pedra polida encontrado no abrigo das Lapas Cabreiras, durante a visita ao sítio arqueológico no âmbito das Jornadas Europeias de Arqueologia - 2022.



Fig. 2 - Café Escondidinho do Pêgo. Ao balcão: Mário Reis e Sr. Henrique Pêgo; Na mesa ao canto esquerdo: João Rodrigues; Mesas ao centro, da esquerda para a direita: Sr. Valentim, Sr. João Osvaldo, Sr. Carlos Martins e o Bolinhas; Na cadeira à direita: Dona Conceição Pêgo.

Uma das preocupações da equipa foi a sua **integração** junto das comunidades locais, um desafio essencial para compreender as dinâmicas culturais e sociais da região. Esta proximidade e trabalho contínuo com as pessoas permitiu não só criar as plataformas necessárias ao **diálogo e confiança** mútua, como contribuiu para a construção de uma investigação exploratória e informada a partir dos contextos

existentes e não em função de perguntas e critérios pré-determinados. A abordagem ao lugar e à sua comunidade focou-se essencialmente na interconexão das suas estruturas sócio-económicas, culturais e experienciais. O Café Escondidinho do Pêgo, na aldeia de Algodres (Figueira de Castelo Rodrigo) foi local de encontro e base de socialização entre a equipa de investigação e a comunidade (Fig. 2).



Figs. 3 e 4 - Sessão de trabalho colaborativo de criação de uma cartografia das faias graníticas do vale do Côa, onde foram recolhidas informações orais sobre o uso e a transformação da paisagem. Aqui com com Sr. Francisco Bandarra da aldeia de Algodres.

Para explorar a **paisagem histórica e cultural** da região, juntamente com os pastores e antigos feitores dos terrenos, o projeto utilizou ferramentas como a cartografia participativa e

a metodologia “Walk-along”. Este método permitiu elaborar um mapa detalhado da microtoponímia, rede de percursos e património etnográfico (Fig. 3 e 4).



No decorrer das festas anuais de Algodres organizamos uma atividade que nos permitiu, simultaneamente, **diagnosticar as relações que a comunidade tem com os elementos patrimoniais e, simultaneamente, sensibilizar para o seu valor.** Usando a ferramenta "BIComún", foram expostos

painéis sobre o património cultural da região e a comunidade foi incentivada a discutir o seu valor e estado de conservação, promovendo um processo de sensibilização e envolvimento ativo nas questões da sua preservação (Figura 5).



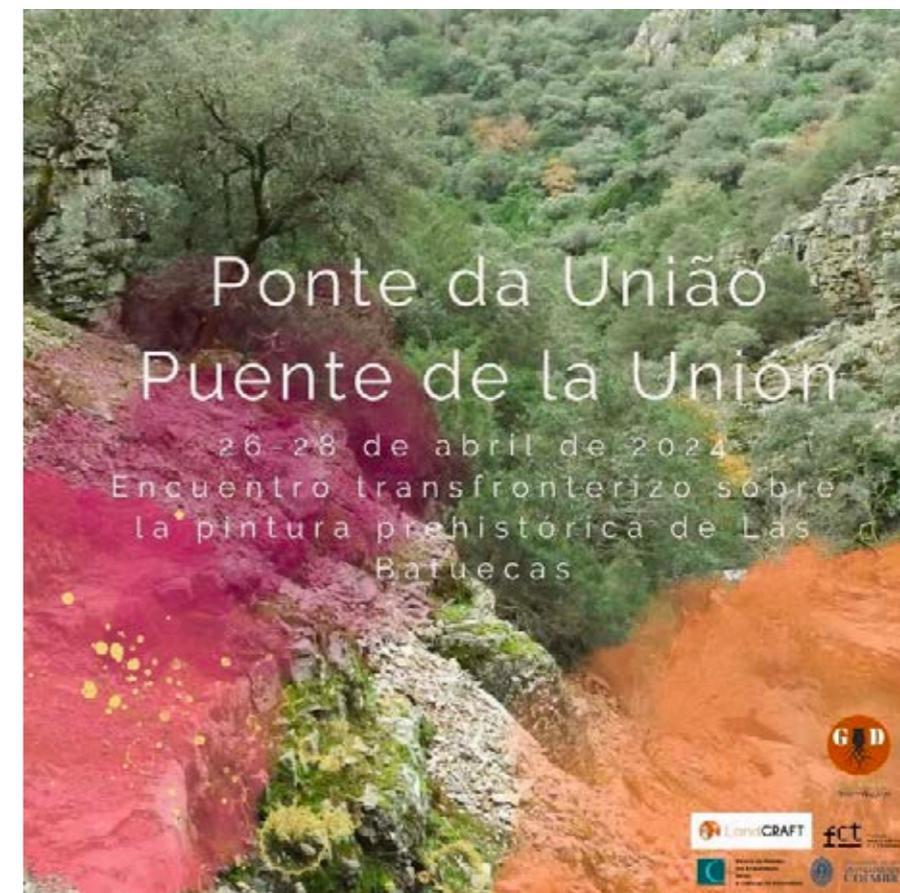
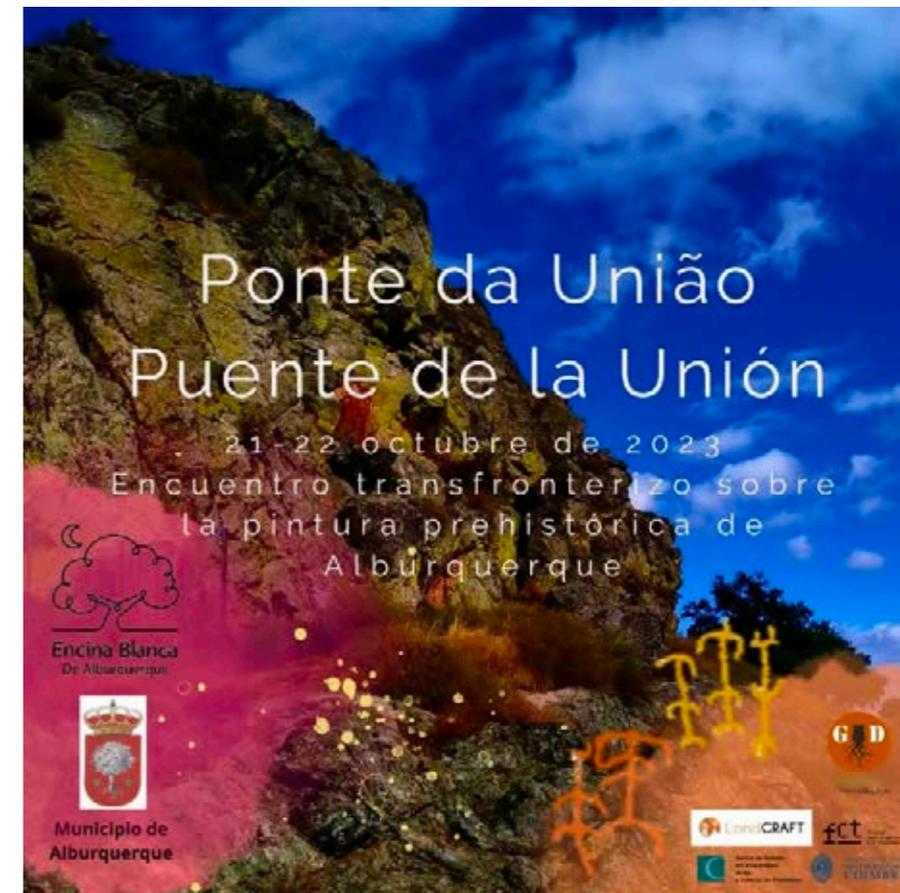
Fig. 6 Lara Bacelar mostra o machado de pedra polida das Lapas Cabreiras a Maria Inês Beato e a Maria Vicente, durante a visita ao sítio arqueológico no âmbito das Jornadas Europeias de Arqueologia - 2022

A **socialização do património** permitiu-nos alargar a nossa comunidade de partilha, diversificando a rede de vínculos entre as pessoas, os sítios arqueológicos e a paisagem do vale do Côa. Em 2022, marcamos presença na Noite Europeia de Investigadores, em Coimbra, demonstrando, através de múltiplas atividades e suportes, o trabalho em curso (Fig. 7 a 10). Em 2023, lançou-se do primeiro encontro transfronteiriço sobre arte pré-histórica, que designamos “Ponte da União” (Fig. 11 a 14). Esta ação, inscrita no âmbito das sugestões da Estratégia 6 da Carta ICOMOS 2023, contempla o fomento de redes de cooperação para a promoção da divulgação

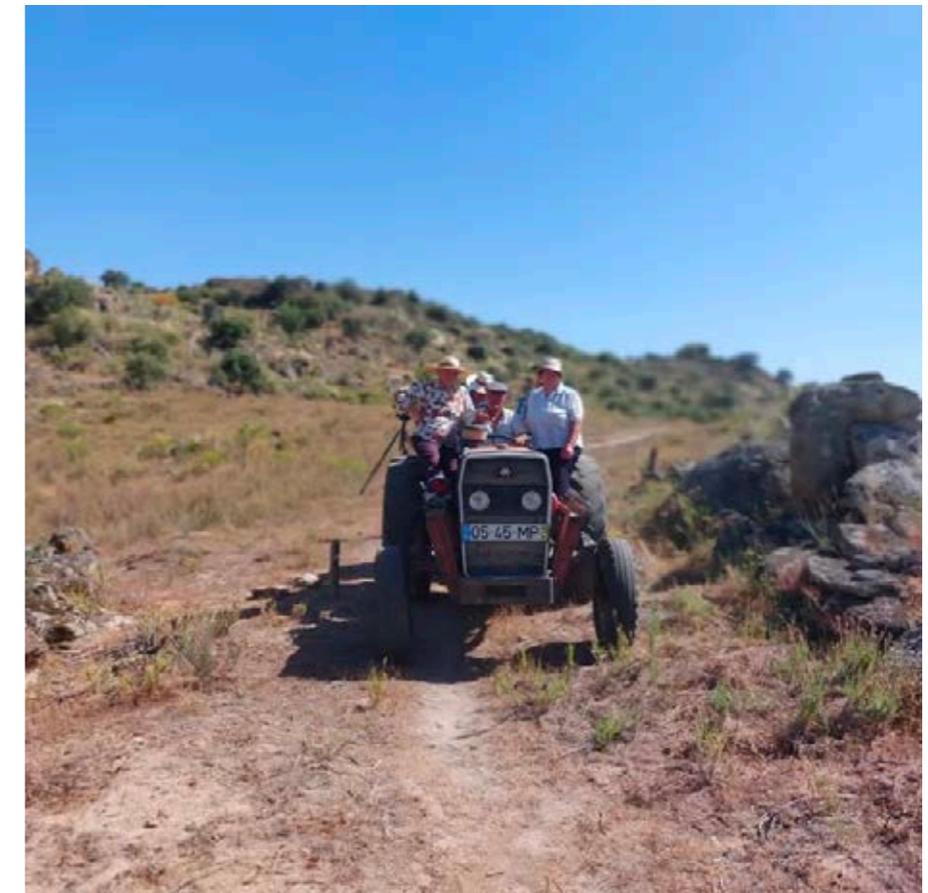
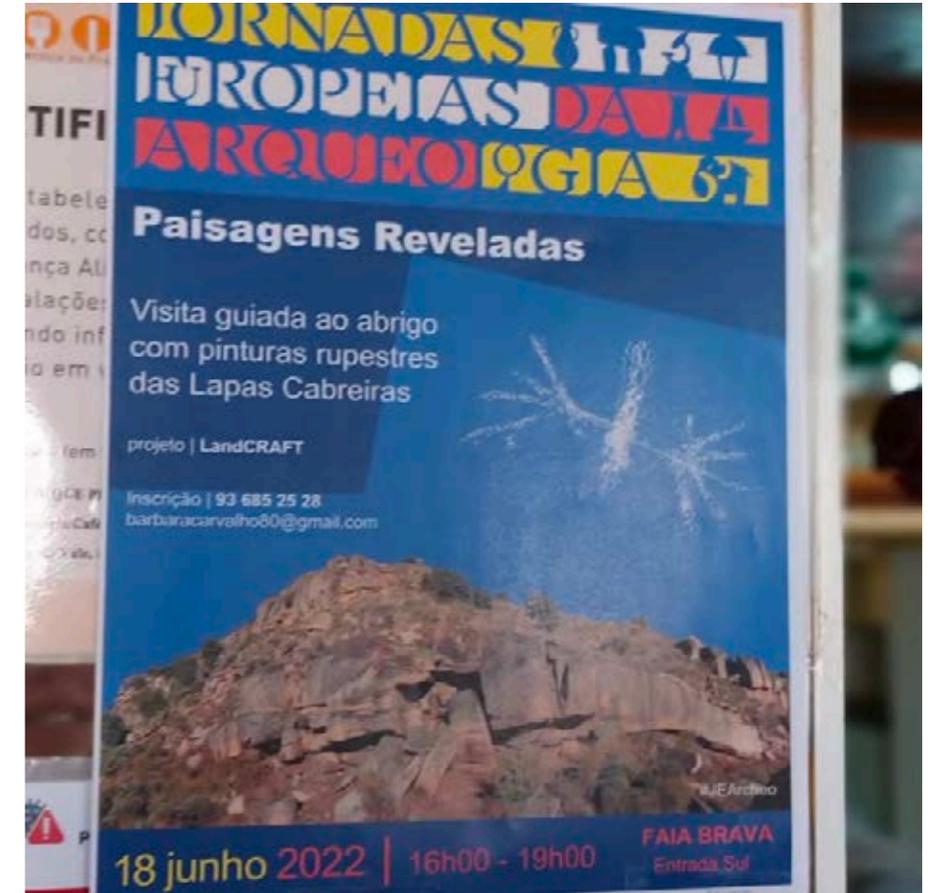
científica, transferência de conhecimento e debate crítico bem como o intercâmbio de experiências entre a comunidade investigadora e outros agentes. Neste sentido, é também de salientar a visita ao abrigo das Lapas Cabreiras, no âmbito das Jornadas Europeias de Arqueologia (2022), na qual os habitantes locais e visitantes foram apresentados ao sítio arqueológico e à sua arte, procurando estimular o diálogo entre o conhecimento científico e a história oral e o reforço dos laços com o lugar (Fig. 15 a 18).



Figs. 7 a 10 - Registos da Noite Europeia dos Investigadores, Coimbra, 2023.



Figs. 11 a 14 - Registos dos encontros "Ponte da União" organizados em 2023 e 2024.



Figs. 15 a 18 - Registos da visita ao abrigo de Lapas Cabreiras no âmbito das Jornadas Europeias de Arqueologia, 2022.

As ações de **transferência de conhecimento** foram um aspeto central do projeto, tendo a equipa trabalhado em parceria com a Organização Não-Governamental de Ambiente – Faia Brava, a Plataforma Ciência Aberta e o Agrupamento de Escolas do Concelho de Figueira de Castelo Rodrigo na criação de atividades educacionais inovadoras. As bandas desenhadas que Hannah Sackett co-criou com a comunidade escolar local são exemplo desta estratégia de comunicação e transferência de conhecimento, mostrando como uma história

gráfica sobre o sítio arqueológico das Lapas Cabreiras permite criar e consolidar uma relação entre pessoas e patrimónios (Fig. 18 e 19). Outro exemplo de diálogo entre comunidades e transferência de conhecimentos é a colaboração do **LandCRAFT** no projeto artístico “Habitat” da autoria de Antony Lyons realizado no âmbito do Festival Côa – Corredor das Artes” promovido pelo [Rewilding Portugal](#) (Fig. 20).

Lapas Cabreiras em banda desenhada

Hoje vamos ver
as Lapas Cabreiras



Alunos do 8º A | 2022 - 2023
AE Figueira de Castelo Rodrigo



Figs 18 e 19 - Banda desenhada das Lapas Cabreiras. Atividade conduzida pela ilustradora Hannah Sackett, em colaboração com a equipa de investigação, que ao longo de um workshop de 3 dias trabalhou com uma turma do 8º ano do Agrupamento de Escolas de Figueira de Castelo Rodrigo na produção de uma banda desenhada dedicada ao sítio arqueológico do Abrigo das Lapas Cabreiras. O workshop foi organizado em duas partes: uma primeira sessão que visava ensinar as bases gráficas da construção de uma banda desenhada, e uma segunda que visou a criação coletiva do trabalho final. Esta abordagem foi concebida para ser utilizada por terceiros, como uma proposta didática a ser desenvolvida autonomamente na comunidade escolar.



Fig. 20 - Na sequência do trabalho realizado com os parceiros locais e no âmbito do "Festival Côa - Corredor das Artes", promovido pela Rewilding Portugal no verão de 2023, o projeto LandCRAFT participou no desenvolvimento do projeto artístico de Antony Lyons – "Habitat". A escultura, instalada na área protegida da Faia Brava, teve como conceito a criação de uma casa de tesouros, inspirada na construção de um pombal tradicional, onde estiveram representados elementos do património ecológico e cultural da paisagem envolvente, incluindo objetos artísticos que remetem para a biografia do sítio arqueológico. A inauguração pública da escultura decorreu a 16 de julho de 2023 e contou com a presença de todos os parceiros locais do projeto.

As práticas de interação e socialização do património do **LandCRAFT** permitiram-nos perceber que só é possível criar um verdadeiro impacto na valorização e conservação de sítios com arte rupestre se assumirmos um trabalho de diálogo e negociação contínuos. Este impacto só poderá ser medido e realmente consequente se encararmos estas práticas como parte de um plano de gestão integrado, um plano que procure ir ao encontro das comunidades locais, fundamentais para a preservação a longo prazo destes sítios. Para que tal aconteça, acreditamos que os “agentes do património” têm que se “fixar” no território, nem que seja de forma intermitente. A ideia de nos “fixarmos” passa também por nos comprometermos, individualmente e coletivamente. Só assim

é que nos parece possível combater o medo intrínseco destas comunidades de caírem no esquecimento e construir narrativas vitalizadas. A verdade é que aqui neste lugar, só é dado valor real aos sítios e às suas materialidades se houver primeiro, um reconhecimento de quem está e vive quotidianamente no território. Os significantes reais de uma paisagem em transformação. Afinal de contas, conservar não é mais do que cuidar e nesta equação entra tudo e todos. Porque na paisagem e no património, cabem lugares, coisas, seres e pessoas e acreditamos que é nestas interseções que podemos encontrar os verdadeiros sentidos de herança e de futuro.





Documentário, arquivo e divulgação das atividades de pesquisa

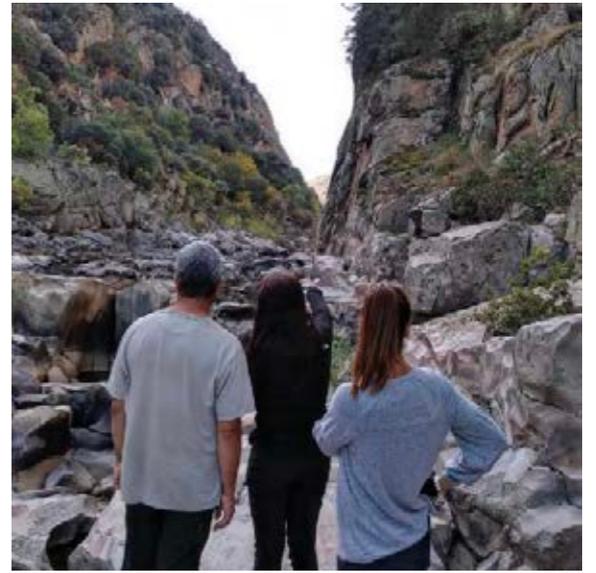
Bárbara Carvalho | Lara Bacelar | Beatriz Comendador-Rey
Teresa Silva | Sérgio Gomes

O **LandCRAFT** é o mais recente episódio da biografia dos lugares que investiga. Ao resgatar e entrelaçar memórias de diferentes épocas, a equipa foi acrescentando densidade temporal e narrativas à paisagem, contribuindo para (re)criar os seus sentidos e vivências.

Quatro anos depois, olhamos e damos a ver um vale do Côa diferente. Foi aprofundado o conhecimento da sua arte rupestre, acrescentando-se sítios e painéis... e multiplicando-se o número de figuras que os habitam.

Para dar a conhecer o trabalho realizado e preservar a sua memória futura, foram sendo efetuados registos (áudio, audiovisual e fotográfico) das diferentes tarefas de investigação. Desta prática de documentário acabaria por resultar um arquivo que usamos para divulgar o projeto e cuja preservação e partilha permitirá continuar a fazer memória dos seus lugares e das suas pessoas.

Os registos/documentários foram realizados num contexto de observação participante, isto é, nós próprios tivemos a preocupação de registar diferentes momentos das atividades de gabinete, laboratório e campo. Um de nós, Bárbara Carvalho, desenvolveu também um trabalho de registo áudio e audiovisual, que documenta diferentes aspetos da troca de ideias, discussão de resultados e planeamento de atividades. A par disto, realizou também um conjunto de pequenas entrevistas, tanto a elementos da equipa como a outros colaboradores (comunidade local, por exemplo). Todos estes registos, no seu conjunto, constituem um arquivo das várias perspetivas sobre diferentes assuntos que cruzam o projeto.



Um dos espaços privilegiados de documentário das atividades foi o abrigo das Lapas Cabreiras, onde os trabalhos de levantamento de arte rupestre, a escavação arqueológica, a recolha de amostras e o posterior trabalho de gabinete, nomeadamente o estudo dos materiais cerâmicos e líticos, permitem dar a conhecer o diversificado conjunto de tarefas do projeto.

Na campanha de escavação de 2023, contamos com a colaboração do artista Antony Lyons, cuja participação resultou num documentário ([ver versão draft aqui](#)) que nos faz estranhar o trabalho que desenvolvemos.





Antony Lyons convida-nos a pensar Lapas Cabreiras como um lugar de estranhamento. O cotidiano da escavação é apresentado em breves sequências de gestos e vozes desdobradas em jogos de distância, ângulos de visão e reflexos. A montagem explora a familiaridade de cada sequência, gesto, voz, ângulo e reflexo desajustando, porém, a sua escala. De tal descompasso resulta uma narrativa que se desvanece a cada momento. Sem fio condutor, ou na multiplicidade de narrativas sem princípio nem fim, o filme deixa-nos com o sentimento de acompanharmos algo que não compreendemos; deixa-nos na companhia de um estranhamento. Com tal descompasso joga-se também com o propósito do LandCRAFT: fazer da arqueologia um modo de estranhar a paisagem, de lhe devolver o encantamento.



O filme de Antony Lyons faz-nos estranhar a paisagem, explorando os descompassos do ofício da arqueologia. A par deste retrato, o filme abre-nos a um sentimento de nostalgia que nos deixa felizes. Somos atravessados pela nostalgia de um momento em que, transgredindo todas as condições e desejos, estamos apenas com a felicidade do reconhecimento de *imagens nas superfícies das rochas*.



coa_landcraft

Seguir



67 publicações

368 seguidores

A seguir 489

Coa Landcraft

LandCRAFT - the sociocultural contexts of Late Prehistoric art in the Côa Valley
FCT research project COA/OVD/0055/2019



Divulgação



Conservação



Escavação



Arte

PUBLICAÇÕES

REELS

IDENTIFICAÇÕES



Este trabalho de documentário, que foi sendo desenvolvido pelos diferentes membros da equipa no âmbito das diferentes atividades, serviu também de material de base à divulgação do projeto nos social media, designadamente Facebook e Instagram. Com efeito, a partir dos conteúdos gerados pela equipe (nomeadamente fotografias e pequenos textos explicativos), as atividades em curso foram sendo divulgadas

através de *posts*, *stories* e *teasers*, chamando a atenção para o modo como trabalhamos e produzimos conhecimento. Do mesmo modo, estes mesmos registos serviram para elaboração de posters ou brochuras em eventos de divulgação de ciência.

Coa Landcraft
14 de março · 🌐

Registos no Cõa
Fotografia de [Bea Comendador](#)
[#CoaLandCraft](#) [#arterupestre](#) [#rockart](#)

Coa Landcraft
27 de setembro de 2023 · 🌐

Última expedição [#landcraft](#) 2023, pelos grandiosos picões da [#Faia](#), onde se encontram preservadas manifestações únicas da arte rupestre do [#valedocoa](#)
Last expedition of [#landcraft](#) 2023 in the deep granitic Cõa valley [#Faia](#) and is unique rock art!

Coa Landcraft
20 de maio · 🌐

Esta semana estivemos de novo em campo, desta vez para fazer recolha de amostras de sedimentos para datação por luminescência dos sedimentos das Lapas Cabreiras.
Este trabalho é da responsabilidade de Ana Luísa Rodrigues e Dulce Russo do Laboratório de datação por luminescência do Centro de Ciências e Tecnologias Nucleares do Instituto Superior Técnico.
Contamos ainda com a visita e olhar experimentado de Ana Cristina Araújo do Laboratório de Arqueociências do Património Cu... [Ver mais](#)

Coa Landcraft atualizou a sua foto de perfil.
17 de outubro de 2022 · 🌐



Os contextos sócio-culturais da arte da Pré-história Recente no vale do Cõa

O LandCRAFT tem como um dos seus principais objectivos redigir um novo capítulo sobre a história da arte do Cõa, mediante o estudo de duas tradições artísticas pré-históricas, ainda escassamente sistematizadas, que sucedem imediatamente aos grandes ciclos paleolíticos. Isto porque os vestígios de arte rupestre no vale do Cõa não se circunscrevem à era glaciária. A sua criação manteve-se e alongou-se no tempo pelas mãos das sucessivas gerações de caçadores-recolectores que ali permanecem nos primeiros milénios do Holoceno. Talvez tenham sido estes que se iniciam na pintura de figuras animais e humanas de feição subnaturalista, aguardando a chegada de um movimento que expande pelo Mediterrâneo uma nova forma de estar, apropriar e ser no mundo relacionada com o advento da agricultura e da pastorícia. Nesta região, a partir do 5º milénio AC, iniciou-se um período de transformações estruturais na relação entre as comunidades humanas e o seu território. E a arte, como espelho, essência e expressão simbólica de uma particular compreensão do mundo, reconfigura-se. Neste ponto da linha do tempo, uma tradição artística tipificada pela redução das formas aos seus elementos mais simples – a Arte Esquemática – implanta-se em toda a Península Ibérica, exceptuando no Noroeste.



O projeto procura compreender as formas como a paisagem, a terra (land) foi entendida e trabalhada (crafted) no tempo longo. Reflete também sobre o modo como o trabalho dos arqueólogos se desenvolve na construção de um conhecimento acerca das comunidades do passado. E a forma como esse conhecimento se edifica parte de fundamentos epistemológicos que enquadram o questionamento científico prévio:

- O estilo subnaturalista pode ser atribuído aos últimos caçadores-recolectores? Quando foi introduzida a Arte Esquemática no Cõa e quando se diluiu?
- Em que medida as sequências diacrónicas propostas para Arte Esquemática se relacionam com as dinâmicas sócio-culturais, estratégias de ocupação da paisagem e gestão de recursos ambientais, desde a emergência à consolidação das sociedades agrícolas? As evidências materiais exumadas em diferentes sítios auxiliam à compreensão do devir da arte? A estratégia de investigação concilia: a produção do corpus da arte da Pré-história Recente, utilizando novas tecnologias de registo; escavações arqueológicas; análises físico-químicas de pigmentos; diagnóstico de conservação e criação de Planos de Gestão Patrimonial; estudos paleoambientais; difusão e permuta de saberes com as comunidades locais.



[Sobre] Vivências

PASSADO | PRESENTE | FUTURO



Equipa de investigação:

Lara Ballester Alves (IR) | Arqueologia | CEANP/Universidade de Coimbra
 João Maria Cunha Correia (IR) | Arqueologia | Universidade Nova de Lisboa
 Mónica Bira | Arqueologia | ETARCP / Fundação C3a-Portugal
 André Martins | Arqueologia | UNIBO / Universidade de Lisboa
 Susana Rodrigues Lopes | Arqueologia | CEANP/Universidade de Coimbra
 Beatriz Comendador Rey | Arqueologia | Universidade de Vigo
 Andrew M. Jones | Arqueologia | Universidade de Gotemburgo
 Mariela Sackett | Arqueologia & Educação | Universidade de Bath
 Sérgio Gomes | Arqueologia | CEANP / Universidade de Coimbra
 António Ismael Fernandes | Conservação & Arqueologia | CEANP/Universidade de Coimbra
 Fernando Carreira | Conservação & Arqueologia | Escola Superior de Conservação e Restauração de Bens Culturais de Orléans
 Tereza Beatriz Dória | Eng. Recursos Naturais e Meio Ambiente | Universidade de Vigo
 Santiago Pardo Alonso | Eng. Recursos Naturais e Meio Ambiente | Universidade de Vigo
 Paula Barbara Castro | Física Aplicada | Universidade de Vigo
 António Martins Cortezas | Edafologia e Química Agrícola | Universidade de Santiago de Compostela
 Vânia Carolina Moreira | Conservação e Restauro | Bolshoi (IR) - CEANP/Universidade de Coimbra
 Bárbara Carvalho | Arqueologia | Bolshoi (IR) - CEANP/Universidade de Coimbra

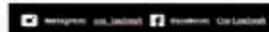


Projeto de investigação financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) no âmbito do concurso Projeto de Investigação Científica e Desenvolvimento Tecnológico para a promoção de atividades de I+D+i de âmbito Interdisciplinar e pluridisciplinar a realizar no âmbito do Vale do Cõa, classificado pelo IANIGT como património da Humanidade 2019.

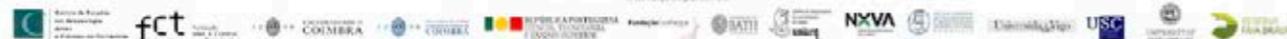
Área científica principal: Origem da vida e dinâmicas de interação sócio-cultural ao longo do tempo.

Área científica secundária: Biodiversidade e recursos biológicos, património natural e cultural e desenvolvimento regional sustentável.

Referência do projeto: CDA/DV/0055/2019
 Financiamento: 299.009,74€
 Período de execução: 01/06/2020 - 30/06/2024



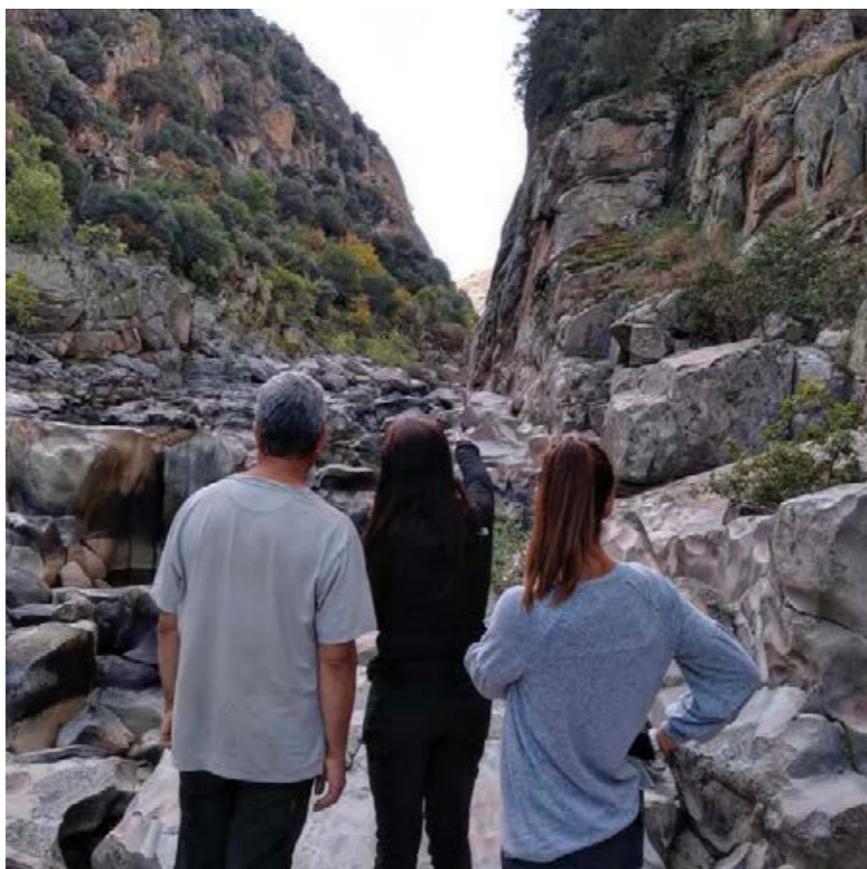
Instituições parceiras:



Coa Landcraft
 18 de outubro de 2022

Landcraft #noiteuropeiadoinvestigadores





Com o trabalho de documentário, arquivo e divulgação das diferentes atividades de pesquisa, o nosso propósito é, também, mostrar o **LandCRAFT** como um projeto onde se cruzam diferentes “ofícios da terra”, diferentes formas de conhecer a paisagem, de cuidar das suas memórias e de recriar o seu sentido.



LandCRAFT

Este projecto, com a referência COA/OVD/0055/2019, é financiado por fundos nacionais através da FCT- Fundação para a Ciência e Tecnologia, I. P.

Continue a seguir o **LandCRAFT** no [Facebook](#) e no [Instagram](#)

Consulte o site

<https://www.uc.pt/ceaacp/>

para mais informação sobre as atividades do CEAACP



Andren
Martins



À Andrea Martins...



... à sua amizade,





... e ao seu sorriso.

Obrigado.



Land**CRAFT**